

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ESTRUTURAS DE CONHECIMENTO E
SENSIBILIDADE AO CONTEXTO: O PAPEL DA
MONITORIZAÇÃO NA RECONSTRUÇÃO DE CRENÇAS**

Marta Barreto Jerónimo da Silva

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Cognição Social Aplicada)**

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**ESTRUTURAS DE CONHECIMENTO E
SENSIBILIDADE AO CONTEXTO: O PAPEL DA
MONITORIZAÇÃO NA RECONSTRUÇÃO DE CRENÇAS**

Marta Barreto Jerónimo da Silva

Tese orientada pela Professora Doutora Ana Sofia Correia dos Santos

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
(Secção de Cognição Social Aplicada)**

2010

Resumo

As perspectivas clássicas de organização dos estereótipos sempre defenderam que estes são estruturas de conhecimento estáveis e imutáveis. No entanto, investigações recentes têm vindo a demonstrar que existe, uma certa maleabilidade e instabilidade associada aos estereótipos, que se encontra fortemente associada a uma sensibilidade ao contexto, no qual estes são reconstruídos. Assim, ao reconstruírem as suas crenças estereotípicas, os indivíduos incorporam informação presente no contexto, mesmo que esta seja irrelevante para os estereótipos (Santos et al., submetido). Propôs-se que estes efeitos de contaminação contextual poderiam ser o resultado de uma falha da monitorização de crenças, que teria lugar durante a recompilação das crenças, a partir de pistas compósitas, levando assim as pessoas a responderem com base em julgamentos heurísticos derivados da activação momentânea dos conteúdos primados pelo contexto (Santos et al., submetido). Nesse sentido, o principal objectivo do presente estudo foi o de compreender quais são os mecanismos envolvidos na reconstrução de crenças sociais e, em particular, determinar qual o papel da monitorização neste processo, utilizando, para tal, crenças típicas sobre categorias não sociais. Nas experiências propostas por este estudo, optou-se por recorrer a uma manipulação do contexto. Assim nos experimentos, os participantes poderão ser primados com um conceito relevante, irrelevante ou incongruente, relativamente a uma crença típica acerca de uma categoria comum de seres vivos (experiência 1) ou de seres não vivos (experiência 2). Assim, espera-se poder observar que a primação fortuita de atributos irrelevantes e atípicos no contexto tenha uma influência directa na compilação das crenças sobre a categoria em causa, levando a que estes sejam escolhidos, mais frequentemente, como relevantes para descrever a categoria. Os resultados esperados nas várias experiências foram apresentados e discutidos, tendo sido igualmente discutidas as suas implicações empíricas e teóricas.

Palavras-chave: instabilidade dos estereótipos, sensibilidade contextual, monitorização, pistas compósitas, categorias comuns.

Abstract

Traditional perspectives on the organization of stereotypes have always defended the notion that these are highly stable and immutable knowledge structures. However, recent research has come to demonstrate that there is a certain malleability and instability associated with stereotypes, which are closely associated with a sensitivity in regard to the context in which they are assembled. Therefore, when assembling their stereotypical beliefs, people incorporate contextual information, even if this information is irrelevant to the stereotype (Santos et al., submitted). It was proposed that the effects of contextual contamination could result from a failure to trigger the belief-monitoring of the output of the compound-cue mechanism during belief assembling. This would result in people answering with resort to heuristic judgments derived from the momentary activation of contextually-primed contents (Santos et al, submitted). Therefore, the main goal of the present study is to understand which mechanisms are involved in the assembling of social beliefs and, in particular, to determine the role of monitoring in this process, through the use of typical beliefs about non-social categories. In the experiments proposed by this study, we opted to do a context manipulation. Thus, in these experiments, participants may be primed with a relevant, irrelevant or incongruous trait regarding typical beliefs about common categories of living (experiment 1) or non-living things (experiment 2). It is expected that the activation of irrelevant and atypical traits, through fortuitous priming prior to the belief assembling, will increase the inclusion of the expressed belief, implying that these will likely be chosen more often to describe the subsequently assessed beliefs about the category. The expected results of both experiments, as well as their empirical and theoretical implications, are presented and discussed.

Key words: stereotype instability, contextual sensitivity, monitoring, compound-cue mechanisms, common categories.

Índice

Introdução	1
I. Estereótipos: Estruturas de Conhecimento estáveis ou dinâmicas?	3
1.1. Categorização e Estereótipos	3
1.2. A Estabilidade dos Estereótipos	7
1.2.1. Perspectivas clássicas dos estereótipos	8
1.2.2. Evidências da estabilidade nos estereótipos e possíveis explicações	9
1.3. A Instabilidade e Maleabilidade dos Estereótipos e Categorias Comuns	12
1.3.1. Perspectivas compatíveis com a instabilidade dos estereótipos	13
1.3.2. Evidências da instabilidade nos estereótipos	16
1.3.3. Evidências da instabilidade e influência do contexto nas categorias comuns	20
1.3.4. O efeito do contexto nos estereótipos	26
1.3.5. Estereótipos enquanto estruturas de conhecimento dinâmicas	34
II. Modelo de (Re)Composição e Monitorização de Crenças	37
2.1. A Teoria da Recuperação por Pistas Mnésicas Compósitas	37
2.2. Reconstrução de Crenças e Monitorização	40
2.3. Modelos de Contaminação Mental	43
III. Papel da Monitorização na Instabilidade das Categorias Comuns	46
Pré-Testes	50
Pré-Teste 1	51
Pré-Teste 2	51
Experiência I	52

Método	53
Resultados e Discussão	56
Experiência II	60
Método	61
Resultados e Discussão	64
Discussão Geral	68
I. Implicações Teóricas da Confirmação das Hipóteses	69
II. Limitações e Propostas de Estudos Futuros	72
III. Conclusão	75
Referências Bibliográficas	76
Anexos	90
Anexo I – Tarefa de Primação – Experiência 1	
Anexo II – Tarefa de Verificação de Atributos – Experiência 1	
Anexo III – Tarefa de Escalas de Avaliação – Experiência 1	
Anexo IV – Tarefa de Primação – Experiência 2	
Anexo V – Tarefa de Verificação de Atributos – Experiência 2	

Introdução

Imagine-se a seguinte situação: encontramos-nos, confortavelmente, sentados em frente a uma televisão enquanto vemos uma reportagem na televisão sobre grandes matemáticos, quando nos é pedido para elaborar, nesse preciso momento, o estereótipo de um cientista. A mesma situação mas, desta vez, trata-se de um programa sobre dança, sendo-nos pedido que façamos, no momento, a reconstrução do estereótipo sobre negros. Uma vez que o traço *inteligente* é vulgarmente utilizado para descrever os cientistas, i.e., é um traço típico deste grupo social, e a característica de ser *bom dançarino* é tipicamente associada aos negros, não será de estranhar que estes traços sejam posteriormente utilizados para descrever cada um destes grupos. Agora, perante a mesma situação, i.e., elaboração de estereótipos logo após o visionamento de um de dois programas distintos de televisão (sobre grandes matemáticos ou sobre dança), faça-se o mesmo exercício mas, em vez de cientista, o pedido é para compilar o estereótipo de um professor de ginástica e, por sua vez, em vez de negro, teremos que compilar o estereótipo de um asiático. Por natureza, o traço *inteligente* não é um traço estereotípico de professor de ginástica e o ser *bom dançarino* não é estereotípico de asiático. Desta forma, esperar-se-ia que a activação fortuita prévia desta informação irrelevante, imediatamente antes da compilação do estereótipo, não tivesse qualquer impacto. No entanto, alguns dados têm vindo a provar justamente o contrário, ou seja, que a informação presente no contexto irá ter uma influência no estereótipo compilado acerca da categoria em questão, independentemente de esta ser relevante, ou não, para as crenças estereotípicas.

Apesar das perspectivas clássicas de organização dos estereótipos terem sempre defendido a ideia de que existe, de facto, uma grande estabilidade ao nível do conteúdo e uso das representações de categorias sociais, investigações recentes têm vindo a demonstrar que existe, de facto, uma certa maleabilidade e instabilidade associada aos estereótipos, que se encontra fortemente associada a uma sensibilidade à consistência do contexto, no qual estes são reconstruídos. Assim, ao reconstruírem as suas crenças estereotípicas, os indivíduos incorporam informação presente no contexto, mesmo que esta seja irrelevante para os estereótipos. De facto, Santos, Garcia-Marques, Mackie, Ferreira, & Moreira (submetido) demonstraram que mesmo quando a informação fortuitamente saliente no contexto é irrelevante (i.e., informação que não é espontaneamente gerada sobre o grupo em questão, nem é tipicamente diagnóstica para distinguir esta categoria de outras), pode contaminar as crenças estereotípicas.

Novamente sentados em frente da televisão, encontramos-nos a ver um programa sobre delinquência juvenil e fracasso escolar e somos confrontados novamente com um pedido: que façamos uma descrição de um cientista. Neste caso, e apesar de características como *pouco inteligente* ou *perigoso* terem sido primadas pelo contexto, estas dificilmente serão incorporadas nos estereótipos reconstruídos, *a posteriori*, sobre cientistas. De facto, Santos e colaboradores (submetido) observaram que quando a informação primada fortuitamente pelo contexto é contra-estereotípica, o efeito de contaminação contextual desaparece.

Neste sentido, a literatura tem avançado com várias hipóteses explicativas destes efeitos. Assim, é possível verificar que existem uma série de mecanismos na literatura de processamento conceptual (categorias não sociais, estereótipos e até atitudes) que seriam compatíveis com estes efeitos de instabilidade e sensibilidade ao contexto, observados nas estruturas de conhecimento. No entanto, e dadas as especificidades do paradigma utilizado, para além dos resultados obtidos no estudo de Santos e colaboradores (submetido), algumas destas, como a baseada nas pistas compósitas ou o modelo de confusão da fonte de activação, parecem mais plausíveis do que outras. Assim, para a presente proposta, pensou-se em termos dos pressupostos básicos dos modelos de pistas compósitas (Doshier & Rosedale, 1989; McKoon & Ratcliff, 1992; Ratcliff & McKoon, 1988), agregando uma componente de monitorização de contaminação mental (Wilson & Brekke, 1994). Desta forma, questionámo-nos se a ausência de efeitos da primação de informação contra-estereotípica na recompilação dos estereótipos observada não seria resultado da eficácia do processo de monitorização de crenças, que seria desencadeado pelo facto da informação primada pelo contexto contrariar, directamente, as crenças armazenadas em memória sobre a categoria. Seguindo o mesmo raciocínio, os efeitos observados derivariam de uma falha do processo de monitorização de crenças, permitindo assim que informação não estereotípica passasse despercebida e fosse considerada como tal.

Neste sentido, o principal objectivo deste estudo foi então compreender quais são os mecanismos que se encontram envolvidos na reconstrução de crenças sociais e, em particular, determinar qual é o papel desempenhado pela monitorização neste processo, através da utilização de crenças típicas sobre categorias não sociais. Ao investigar estes factores, teremos, igualmente, oportunidade de avaliar a permeabilidade ao contexto de crenças típicas sobre categorias comuns.

Assim, começaremos por referir a utilidade cognitiva da categorização do conhecimento e, em particular, da estereotipização. Em seguida, abordaremos o porquê dos estereótipos, e outras crenças no geral, terem sido, durante muito tempo, considerados estruturas de conhecimento estáveis e imutáveis, refutando, posteriormente, esta crença através da

apresentação de dados empíricos, tanto a nível das categorias sociais como não sociais, fazendo menção de algumas das abordagens que tentaram explicar a instabilidade e sensibilidade ao contexto nos estereótipos. Em seguida, e após esta revisão de literatura, apresentaremos um modelo de recomposição de crenças, baseado na ideia que estes efeitos podem ser explicados através da recuperação de informação de memória, baseada em pistas compósitas, e por uma falha na monitorização de crenças. Para terminar, salientaremos o paralelismo existente entre a literatura referente à instabilidade e sensibilidade ao contexto dos estereótipos e a literatura que existe sobre esse tema mas aplicada às categorias comuns, a fim de justificar a legitimidade da utilização destas no paradigma do presente estudo e a pertinência das hipóteses e previsões avançadas.

Pensamos que, desta forma, será então possível chegar ao objectivo principal deste estudo, ou seja, compreender o papel da monitorização na recomposição de crenças.

I. **Estereótipos: Estruturas de Conhecimento Estáveis ou Dinâmicas?**

1.1. Categorização e Estereótipos:

Existem poucas dúvidas de que estamos predispostos a pensar com a ajuda de categorias, sejam estas relativas a objectos ou seres humanos. No nosso dia-a-dia, somos confrontados com um sem número de informações. Processar estas sem a ajuda de categorias resultaria numa sobrecarga de informação e, conseqüentemente, numa incapacidade de lidar, de uma forma eficaz e eficiente, com o nosso mundo. Isto porque, nós, enquanto seres humanos, apesar dos consideráveis feitos cognitivos que possuímos, somos, necessariamente, limitados cognitivamente (Simon, 1957, citado por Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2003). Tal como Lippmann (1922) referiu “o meio ambiente verdadeiro é, de todo em todo, excessivamente grande, complexo e mutável para que seja conhecido directamente [...], nós não estamos equipados para dar conta de tanta subtilidade, tanta variedade, tantas permutações e combinações [...] nós temos de o reconstruir [o meio ambiente] numa versão simplificada antes de podermos lidar com ele” (p.11). Na altura, o autor fazia referência a informação sobre grupos sociais mas, no entanto, esta afirmação é generalizável e pertinente para todo o tipo de informação com que somos confrontados no nosso dia-a-dia. Nesse sentido, ao longo dos tempos, os humanos foram desenvolvendo diversas estratégias, altamente úteis e adaptativas, de processamento de informação, sendo que muitas delas envolvem um processamento automático e inconsciente, sendo assim extremamente funcionais. De facto, é difícil conceber o que seria ter que processar

sempre toda a informação disponível que nos rodeia através do estreito filtro da consciência, sem qualquer tipo de processamento pré-atencional ou categorização automática dos diversos elementos do ambiente. Assim, os princípios básicos da categorização pressupõem que os indivíduos são forreiros cognitivos, oprimidos pela complexidade do seu mundo social e forçados a conservarem os escassos recursos mentais que possuem, recorrendo assim à utilização de “atalhos” cognitivos (Taylor, 1981; Fiske, 1980, 1998). A categorização permite então que os indivíduos utilizem conhecimento prévio que detêm acerca de diferentes tipos de objectos ou pessoas na percepção de novos elementos (Allport, 1954; Fiske, 1980; Taylor, 1981). Desta forma, os indivíduos categorizam, inevitavelmente, tudo à sua volta, armazenando, de uma forma eficiente, toda a informação que possuem e adquirem. Posteriormente, utilizam esta informação categorizada para generalizarem, não tendo em atenção todas as particularidades e detalhes que tornam as pessoas e objectos distintos uns dos outros. Deste modo, impressões que são similares, especialmente se associadas a um rótulo, tendem então a agrupar-se em categorias (generalizações, conceitos, etc.), acabando todas elas por “dar” significado ao mundo, simplificando-o e fornecendo ordem ao nosso espaço de vida.

Um processo funcional e adaptativo de pensar com a ajuda de categorias, que desempenha um papel central na cognição social humana e que tem recebido uma particular atenção e interesse, é a estereotipização social. A estereotipização consiste na atribuição de características, sejam de personalidade, psicológicas ou comportamentais, a grupos humanos. Esta, não é muito diferente de outros processos de categorização, como, por exemplo, o que atribui características físicas a objectos comuns. Assim, como as pessoas categorizam a mobília em mesas e cadeiras, pousando os seus copos numas e sentando-se noutras, também se categorizam umas às outras, enquanto membros de grupos específicos, acerca dos quais possuem, habitualmente, alguns conhecimentos gerais ou estereótipos associados (Allport, 1954; Fiske, 2000). Nesse sentido, as crenças estereotípicas e os estereótipos derivam das estruturas de conhecimento dos indivíduos, sendo geralmente concebidos como representações cognitivas de grupos humanos e categorias sociais, frequentemente compartilhados socialmente (Garcia-Marques & Garcia-Marques, 2003). O conhecimento, assim como as crenças que um determinado conjunto de indivíduos tem sobre as supostamente características típicas de um grupo social, constituem o estereótipo desse grupo. Estas estruturas cognitivas contêm, então, os nossos conhecimentos e expectativas, determinando assim os nossos julgamentos e avaliações que se fazemos sobre os grupos humanos e dos membros que os compõem (Hamilton & Troler, 1986). Estes julgamentos e avaliações estão geralmente associados a características como a raça, o

género, a aparência física, a origem geográfica ou social, ou algum aspecto associado, por exemplo, à identidade religiosa, política, étnica, sexual, de alguém.

A investigação tem demonstrado que a estereotipização é um inevitável subproduto dos processos cognitivos normais e que os estereótipos são cognitivamente funcionais para os indivíduos (Fiske, 1998). Isto porque, a individualização, nas suas múltiplas formas, é uma actividade consumidora de tempo e esforço (Brewer, 1988; Fiske, 2000), enquanto, pelo contrário, a estereotipização é o resultado de um processo cognitivo básico, o processo de categorização (Allport, 1954), tendo como base a capacidade de atribuir pessoas a categorias sociais significativas (Hamilton, 1979; Hamilton & Sherman, 1994). Assim, no decurso do processo de socialização, aprendemos que as pessoas se dividem em categorias como: “homens” e “mulheres”, “espanhóis” e “portugueses”, “cristãos” e “hindus”, etc. Ao utilizarmos estas categorias no dia-a-dia, negligenciamos as características próprias e particulares de cada pessoa e exageramos as que as tornam semelhantes aos estereótipos dos seus grupos.

Segundo a abordagem cognitiva dos estereótipos, estes funcionam como um instrumento de preservação de recursos. A vantagem deste tipo de instrumento mental deve-se, presumivelmente, ao facto de ele permitir libertar parte dos nossos limitados recursos cognitivos para o desempenho de outras actividades mentais, necessárias ou desejáveis (Macrae, Milne & Bodenhausen, 1994). Assim, ao longo de uma série de estudos, Macrae e colaboradores (1994) estabeleceram empiricamente as propriedades da eficiência do uso dos estereótipos, a preservação dos recursos cognitivos que estes permitem, assim como a sua automaticidade. Estes autores mostraram que, por exemplo, rótulos estereotípicos como “médico”, “artista”, “*skinhead*”, ou “agente imobiliário”, levavam à preservação de recursos numa tarefa de formação de impressões, permitindo um melhor desempenho aos indivíduos noutras tarefas mentais concorrentes, mesmo que estas não estivessem totalmente relacionadas com a percepção de pessoas e grupo. Este efeito pôde ser constatado quer o estímulo primo fosse apresentado sub ou supra liminarmente. Assim, tal sugere, que as propriedades de preservação de recursos da aplicação dos estereótipos e, em particular, a preservação da capacidade atencional, são independentes do uso estratégico de pensamento estereotípico. Foram preservados recursos cognitivos no contexto de uma tarefa em que os participantes desconheciam, por completo, a apresentação do estímulo primo relacionado com o estereótipo. Como tal, este efeito satisfaz dois dos critérios comumente associados com os processos automáticos: a não-intencionalidade e o facto de estes ocorrerem sem que os participantes se dêem conta (Macrae, Milne, & Bodenhausen, 1994; Bargh, 1994).

Para além disso, foi igualmente demonstrado que os estereótipos guiam todo o processamento de informação relativo a grupos e categorias sociais, determinando qual é a informação que é elaborada e qual é negligenciada (Darley & Gross, 1983; Hamilton & Rose, 1980), de que forma é que esta informação interpretada e elaborada (Darley & Gross, 1983; Devine, 1989, Duncan, 1976; Sagar & Schofield, 1980) e que informação é recuperada da memória (Snyder & Uranowitz, 1978; Hamilton & Rose, 1980). Assim, os estereótipos ajudam na representação e codificação da informação armazenada na memória a longo prazo, favorecendo a informação que é congruente com estes, em detrimento da incongruente (Bodenhausen & Wyer, 1985). No entanto, os estereótipos não se limitam a influenciar de que forma a informação é interpretada e retida na memória, eles possuem igualmente funções heurísticas, sendo utilizados para simplificar julgamentos e decisões complexas (Bodenhausen & Wyer, 1985). De facto, os estereótipos armazenados em memória podem influenciar, simplificando, as percepções e os comportamentos em relação a um grupo e aos membros que o compõem. Certos estudos têm vindo a reafirmar o papel crucial dos estereótipos na percepção de outros seres humanos, existindo mesmo quem defenda que as pessoas utilizam, prioritariamente, os estereótipos para interpretar as informações complexas sobre determinados indivíduos e grupos, só procurando outras interpretações apenas quando estes não oferecem suficientes explicações ou quando são motivados para isso (Bodenhausen & Wyer, 1985; Fiske & Taylor, 1984). Assim, e de uma forma estratégica, as pessoas acabam por escolher quais as interações que merecem um esforço adicional e quais as que não merecem, motivadas pelos seus objectivos presentes (Fiske, 1998). E porque os estereótipos permitem conservar recursos, as pessoas tendem a recordar e recuperar preferencialmente informação congruente com o estereótipo, especialmente quando se encontram em condições de sobrecarga cognitiva (Macrae, Hewstone, & Griffiths, 1993; Johnston & Macrae, 1994). Foi igualmente demonstrado que, o facto de terem presentes o rótulo de uma categoria (através de um priming pós-consciente), como por exemplo, “*booligan*” ou “pedófilo”, facilita o reconhecimento de traços estereotípicos (Macrae, Stangor, & Milne, 1994) e o acesso a material confirmatório, para além de impedir o acesso a material que possa pôr em causa o estereótipo em questão (Dijksterhuis & Van Knippenberg, 1996).

Tendo em atenção tudo o que foi exposto, Macrae e colaboradores (1994) defenderam que “os estereótipos servem para simplificar a percepção, o julgamento e a acção. Enquanto mecanismos de poupança de energia, os estereótipos permitem que os indivíduos evitem as vicissitudes de terem de lidar com um mundo social complexo e quase incompreensível”. Deste modo, os estereótipos são benéficos para os indivíduos, uma vez que simplificam o tratamento

da informação social e, ao mesmo tempo, permitem dar sentido ao ambiente social (para revisão ver Hamilton & Sherman, 1994).

Para além disso, e de acordo com muitos investigadores, os estereótipos de grupos sociais são aprendidos numa idade muito precoce, sendo automaticamente invocados quando os indivíduos se deparam com membros do grupo em questão (Allport, 1954; Billig, 1985; Brewer, 1989; Devine, 1989). Vários estudos têm sugerido que, no geral, os indivíduos têm muita dificuldade em não invocar estes estereótipos, tentando assim que estes não influenciem os seus julgamentos, mesmo quando as suas intenções são as melhores (Devine, 1989; Gilbert & Hixon, 1991). De facto, estudos têm demonstrado que os estereótipos são activados e depois aplicados, de uma forma espontânea e relativamente automática, fora do controlo consciente (Banaji & Greenwald, 1995; Bargh, Chen & Burrows, 1996; Devine, 1989; Dijksterhuis & Van Knippenberg, 1998; Gilbert & Hixon, 1991). Mesmo quando os participantes estão conscientes da activação estereotípica, revelam uma incapacidade de controlar os seus efeitos (Fazio, Jackson, Dunton & Williams, 1995; Payne, Lambert & Jacoby, 2002).

1.2. A Estabilidade dos Estereótipos:

Para além do carácter automático dos estereótipos, estas representações de conhecimento foram sempre consideradas como estruturas mentais estáveis, imutáveis, estando profundamente enraizadas nos indivíduos, sendo socialmente compartilhadas pela generalidade da população. Autores clássicos como Allport (1954) e Katz e Braly (1935) ou mesmo mais contemporâneos como, entre outros, Ashmore e Del Boca (1981), defenderam sempre a ideia de que os estereótipos são impressões fixas, rígidas e persistentes no tempo. Isto porque, e de acordo com a visão clássica, as categorias são definidas por um conjunto de propriedades que, no seu conjunto, são necessárias e suficientes para pertencerem à categoria. Os teóricos clássicos assumiam que as representações de conhecimento existem em virtude do mundo objectivo. Nesse sentido, uma vez que o mundo objectivo é composto por vários tipos de elementos que partilham propriedades definidoras, o conhecimento humano representa essas propriedades. São várias e importantes as consequências que resultam desta visão. Primeiro, esta sugere que a representação da categoria em memória está bem delimitada, uma vez que compreende um conjunto claramente especificado de propriedades. Depois, e de acordo com esta visão, as propriedades definidoras de uma categoria raramente (ou mesmo nunca) deverão sofrer mutações. Assim, e uma vez que o que define objectivamente uma categoria nunca muda, a categoria deverá ser sempre representada

pelo mesmo conjunto de informação estática e bem definida, qualquer que sejam os indivíduos e contextos.

1.2.1. Perspectivas clássicas dos estereótipos

As abordagens conceptuais clássicas dos estereótipos (abordagem sociocultural, psicodinâmica e cognitiva baseada em abstrações), apesar de centrarem a sua atenção em mecanismos subjacentes diferentes, partilham um elemento em comum relacionado com a questão da estabilidade dos estereótipos. Em todos os casos, os mecanismos que são enfatizados para explicar porque é que estes existem, constituem eles próprios as razões para que os estereótipos sejam considerados como estáveis, duradouros e difíceis de mudar. Assim, e de acordo com a perspectiva sociocultural, os estereótipos estão ligados a um padrão de preconceito que parece apresentar uma relativa consistência no tempo e espaço (Gilbert, 1951; Karlins, Coffman, & Walters, 1969; Katz & Braly, 1933), sendo esta consistência resultado da cultura. A socialização dos indivíduos ocorre numa determinada cultura que, através de recompensas e punições sociais, o leva a agir de acordo com os valores e crenças culturais que se encontram em vigor. O simples facto de aceitarem e utilizarem os estereótipos culturais existentes, levam os indivíduos a acabarem por estar a reforçar e, conseqüentemente, a ajudar a perpetuar o padrão cultural existente (Katz & Braly, 1935; Ashmore & DelBoca, 1981). A abordagem psicodinâmica (Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Stanford, 1950) vê os estereótipos como componentes da personalidade dos indivíduos. Segundo esta perspectiva, temos tendência para pensar com o auxílio de categorias rígidas. Nesse sentido, os estereótipos, enquanto constituintes da personalidade dos indivíduos, são crenças rígidas e estáveis sobre grupos sociais. Sendo que, a rigidez e estabilidade não são características dos estereótipos mas da personalidade dos indivíduos que possuem os estereótipos. Por sua vez, a perspectiva abstraccionista, vê os estereótipos, conforme já foi referido, como uma representação das características supostamente típicas dos grupos sociais, funcionando como um mecanismo que permite proteger e evitar que os indivíduos tenham de lidar com uma quantidade infinita de detalhes e informação, desempenhando assim um importante papel no alcance de economia cognitiva (Crocker, Fiske & Taylor, 1984; Fiske, 1980; Fiske & Taylor, 1984; Taylor, 1981). Para desempenhar esse papel, os estereótipos devem ser necessariamente estáveis e persistentes, tanto a nível temporal como situacional, e insensíveis perante as influências específicas do contexto (Hamilton & Troler, 1986; MacArthur, 1982; Snyder, 1981). Segundo estas perspectivas, os estereótipos só podem desempenhar eficazmente o seu papel na economia mental se conseguirem resistir à mudança.

Porque se cada nova informação provocasse mudanças imediatas e constantes ao nível das suas representações mentais nos indivíduos, então os estereótipos perderiam a sua função e utilidade enquanto instrumentos de preservação de recursos e tornar-se-iam, praticamente, inúteis.

1.2.2. Evidências da estabilidade nos estereótipos e possíveis explicações

Tendo em conta o que já foi referido anteriormente, não é, então, surpreendente que a literatura esteja repleta de exemplos sobre a estabilidade temporal dos estereótipos (Trilogia de Princeton - Gilbert, 1951; Karlins, et al., 1969; Katz & Braly, 1933), sobre a sua inevitabilidade e tendência auto-perpetuadora (Bargh, et al., 1996; Devine, 1989) e sobre a preservação dos estereótipos face à exposição de informação contra-estereotípica (Fiske, 1998; Hamilton & Sherman, 1994).

Consideremos, por exemplo, a famosa Trilogia de Princeton (Gilbert, 1951; Karlins, et al., 1969; Katz & Braly, 1933, 1935). Este conjunto estudos veio demonstrar que, ao longo de várias e sucessivas gerações, os estereótipos veiculados pelos estudantes desta conceituada a Universidade norte-americana, permaneceram praticamente inalteráveis.

Katz e Braly (1933, 1935) partiram da observação de que, ao longo de vários estudos de Bogardus, Thurstone e Guilford (citado por Katz & Braly, 1935), existia uma grande similaridade na forma como as pessoas classificavam e ordenavam vários grupos nacionais e raciais, independentemente de existirem nessas investigações várias diferenças, quer ao nível do método, do tempo e das localizações geográficas. Assim, os autores propuseram-se estudar a consistência que existia nesse padrão de discriminação. Desta forma, o estudo sobre estereótipos de Katz e Braly (1933) foi uma das primeiras tentativas empíricas de medir os estereótipos e passou a servir enquanto modelo de paradigma de investigação para a grande parte dos estudos subsequentes. No seu estudo, os autores pediram a 100 estudantes da universidade de Princeton que indicassem os traços que considerassem serem os mais característicos para cada um dos seguintes dez grupos: Alemães, Italianos, Negros, Irlandeses, Ingleses, Judeus, Americanos, Chineses, Japoneses e Turcos (Katz & Braly, 1933). Assim, os estudantes tinham de escolher 5 traços para descrever cada um desses grupos, a partir de uma lista, preparada previamente, composta por 84 adjectivos, podendo, no entanto, fornecer traços (ou características) adicionais, se achassem que a lista estava incompleta ou de alguma forma desadequada. A lista foi elaborada a partir da caracterização feita por outros 25 estudantes de Princeton sobre esses mesmos grupos. Estes tiveram de, previamente, indicar o maior número possível de características ou traços específicos

que pensavam serem típicos de cada um dos grupos, sendo que, à partida, não lhes eram sugeridos nenhuns traços. Os resultados finais deste estudo revelaram um grau de concordância bastante elevado no que diz respeito às caracterizações verbais utilizadas para descrever os dez grupos e uma aparente disposição para se fazerem generalizações sobre todos os grupos, tendo como resultado um distinto conjunto de rótulos populares, na sua maior parte bastante depreciativos para os grupos em questão. De facto, a uniformidade observada na estereotipização de certos grupos, como os Negros, Alemães ou Judeus, foi tão elevada que certos traços foram indicados por mais de 75% dos sujeitos para descreverem esses grupos. Os estudantes estavam então fortemente de acordo com as características que escolhiam para descrever cada um dos grupos e, os traços mais frequentemente atribuídos a estes, eram consistentes com os estereótipos populares encontrados nos jornais e revistas da altura.

Quase vinte anos depois, Centers (1951) utilizou o estudo realizado em Princeton (utilizando os resultados dos traços mais escolhidos para definirem os dez grupos nacionais e raciais) para perguntar aos estudantes da Universidade da Califórnia (em Los Angeles) a que grupos raciais e nacionais pertenceriam cada uma das listas de 12 características que lhes eram fornecidas. Os resultados demonstraram que cada conjunto de traços típicos era correctamente identificado pela grande maioria dos estudantes, variando entre os 75% de participantes que reconheciam as caracterizações de 1933 relativas aos Japoneses, Chineses e Turcos, até a uns impressionantes 95% que reconheciam as descrições dos Ingleses e Judeus de 1933. Diversas outras investigações vieram igualmente confirmar que este conjunto estandardizado de imagens estereotípicas era amplamente reconhecido pela generalidade da população norte-americana (Karlins, et al., 1969).

No mesmo ano, Gilbert (1951) repetiu o experimento de Katz e Braly na Universidade de Princeton. O autor observou que, apesar de existirem, na altura, diversos estudos que relatavam os estereótipos, não era dada suficiente atenção sobre se estes persistiam ou desvaneciam com o passar do tempo ou se sofriam mudanças radicais, de acordo com as situações presentes. Assim, Gilbert (1951) procurou compreender se teria existido, entre os estudantes universitários da mesma faculdade de Princeton, alguma mudança na tendência para estereotipar, 18 anos depois. Este estudo foi realizado em 1950, no mesmo local (Universidade de Princeton), utilizando o mesmo procedimento de Katz e Braly (1933) mas alargando a amostra. Como a maioria dos participantes do estudo de Gilbert (1951) nasceu por volta da mesma altura em que foi realizado o estudo anterior, é possível considerar este como uma comparação dos estereótipos e preconceitos sociais entre duas gerações sucessivas de estudantes da mesma universidade. Os

resultados demonstraram que, apesar dos estereótipos não serem tão aceites como o eram em 1932, observando-se uma menor percentagem ao nível da escolha dos traços (já nenhum representava 60 a 80% das escolhas dos indivíduos), as características mais frequentemente escolhidas para descrever certos grupos em 1932, foram igualmente referidas em 1950, para descrever os mesmos grupos. Assim, os resultados revelaram que a uniformidade da estereotipização verbal sofreu uma considerável redução. Por exemplo, em 1951, o estereótipo social de Negros (definido por 50% dos traços típicos atribuídos) era compreendido por 12 termos diferentes, enquanto em 1933 só foram necessários cinco adjectivos. A principal conclusão a ser retirada deste estudo é a de que a geração de 50 nos Estados Unidos da América, era mais relutante que as gerações anteriores em fazer generalizações estereotipadas sobre o carácter dos diferentes grupos étnicos. Assim, a estereotipização em 1951 parece ser mais realista e razoável do que acontecia anteriormente. Os próprios participantes mostravam-se revoltados e ofendidos quando lhes era pedido para fazerem este tipo de generalizações. Este tipo de resistência não tinha sido observada por Katz e Braly (1933), o que causou, na altura, um certo optimismo e esperança que os estereótipos tradicionais estavam a desaparecer ou que a sua influência estava em declínio. No entanto, ao nível do conteúdo, os estereótipos frequentemente observados eram bastante parecidos com aqueles presentes nos anos 30 (Gilbert, 1951). Assim, apesar destes já não serem tão facilmente aceites em 1951, como o eram em 1933, o seu conteúdo permaneceu estável ao longo das gerações, i.e., os estudantes, quase 20 anos depois, continuavam a escolher as mesmas características para descrever, por exemplo, a população negra e judia (Gilbert, 1951).

Dezassete anos depois, Karlins e colaboradores (1969) voltaram a replicar o mesmo estudo, com uma terceira geração de estudantes de Princeton, com o intuito de verificar se esta diminuição do preconceito e estereotipização tinha continuado ou se estes persistiam no tempo. Mais uma vez, o procedimento utilizado foi o mesmo que aquele utilizado por Katz e Braly (1933). Os resultados vieram demonstrar que, de facto, esta nova geração parecia igualmente mais cuidadosa nas generalizações étnicas que fazia. Contudo, o “efeito de desvanecimento” observado por Gilbert em 1951 não foi replicado neste estudo. Assim e apesar de menos “intensos”, os estereótipos de dez grupos étnicos e nacionais observados por Karlins e colaboradores (1969), apresentaram-se altamente uniformes. A uniformidade e avaliações de favorecimento dos traços e grupos correlacionaram-se significativamente entre as três gerações de estudantes. Os conjuntos de traços seleccionados para caracterizar grupos específicos são bastante similares entre uma geração e a seguinte, apesar da popularidade desses traços ter sido rearranjada. Assim, a mudança dos estereótipos que foi relatada foi apenas uma mudança de

ênfase dos atributos de uma “imagem” já existente e que permaneceu estável ao longo das gerações.

A forma e razão pela qual os estereótipos resistem à mudança tem sido extremamente bem documentado nas últimas décadas. Vários estudos têm vindo a explicar o porquê desta estabilidade e consistência nos estereótipos. Segundo estes, os estereótipos são duradouros e dificilmente alterados devido ao facto de terem efeitos na selecção, codificação e recuperação de informação, e nos processos de inferência que daí decorrem. Para começar, e como já referimos, uma das consequências da existência dos estereótipos é que estes nos levam a prestar mais atenção à informação consistente com as expectativas geradas por estes (Cohen, 1981; Snyder & Uranowitz, 1978; Rothbart, Evans & Fulero, 1979). As percepções das pessoas são altamente influenciadas pelas suas expectativas. Já Lippmann (1922) dizia que “na maior parte das vezes não vemos e de seguida definimos, mas definimos e depois vemos” (pp. 81), i.e., a definição que damos a um indivíduo irá determinar a forma como o percebemos (Duncan, 1976). Para complementar esse facto, os indivíduos têm tendência para recordar selectivamente as instâncias que confirmam os seus estereótipos e esquecer (ou nem prestar atenção) as instâncias que os desconfirmam. E por fim, quando, de facto, as pessoas são deparadas com instâncias que desconfirmam directamente o seu estereótipo sobre determinado grupo social, tendem a assumir que estas fazem parte de um subtipo atípico do grupo (por exemplo, se assumirmos que as estrelas de rock são jovens e formos confrontados com o Mick Jagger, diremos apenas que ele faz parte do subtipo “dinossauro do rock”). Estas subcategorias funcionam como excepções à regra geral e permitem-nos conservar o estereótipo inicial (Hewstone, 1994). Igualmente, o facto de, como já referimos, existir um corpo crescente de evidências que demonstra que as associações estereotípicas são automaticamente activadas, sem possibilidade de monitorização consciente do seu conteúdo (Banaji & Greenwald, 1995; Bargh, 1994; Bargh, et al., 1996; Devine, 1989; Dijksterhuis & Van Knippenberg, 1998; Gilbert & Hixon, 1991), tendo uma influência mesmo a nível comportamental dos indivíduos, fez com que a tendência auto-perpetuadora dos estereótipos fosse considerada inevitável e as influências do contexto não fossem, durante muito tempo, esperadas ou sequer consideradas.

1.3. A Instabilidade e Maleabilidade dos Estereótipos e Categorias Comuns

As perspectivas clássicas sempre assumiram e deram como garantida a persistência temporal dos estereótipos sócias. No entanto, a verdade é que não existe muita evidência

empírica que comprove este facto e a que existe não se apresenta de uma forma tão clara e linear como as perspectivas tentaram avançar. O próprio método de Katz e Braly (1933) e a trilogia de Princeton vieram, de certa forma, revelar que, os estereótipos não são tão impermeáveis a mudanças sociais como a perspectiva abstraccionista defende. De facto, as alterações observadas após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) nos estereótipos relativos aos alemães e japoneses, medidas através do método de Katz e Braly, vieram demonstrar que estes são sensíveis à evolução sociocultural (Oakes, Haslam & Turner, 1994) e à mudança de crenças no geral. Para complementar esta ideia convém, igualmente, realçar que a maior parte destes estudos baseou-se sempre em dados agregados a nível inter-individual, assim como entre diferentes amostras, praticamente nunca levando em linha de conta a variabilidade intra-individual. De facto, nenhum dos estudos acima referidos avaliou a persistência e estabilidade dos estereótipos a nível intra-individual, limitando-se a comparar resultados entre diferentes amostras de participantes. Este facto acaba por deixar em aberto a possibilidade dos estereótipos poderem ser menos estáveis ao longo da vida de um indivíduo do que acontece entre diferentes amostras de participantes.

Tendo isto em conta, outras perspectivas, como os modelos de processamento de informação baseados em exemplares, os modelos mistos e os modelos conexionistas, bem como a evidência empírica sobre a instabilidade nos conceitos comuns, vieram sugerir que existe, de facto, um considerável grau de variabilidade nas representações das categorias sociais, nomeadamente a nível intra-individual.

1.3.1. Perspectivas compatíveis a instabilidade dos estereótipos

A perspectiva exemplarista sobre a organização cognitiva dos estereótipos parte do pressuposto que a experiência directa com os membros de um determinado grupo gera um armazenamento dessa informação em memória, sob a forma de exemplares individualizados da categoria. A activação de uma etiqueta categorial irá então gerar uma melhor recuperação de certos exemplares do grupo e, a partir desse momento, os atributos desses exemplares passam a funcionar como se fossem os atributos representativos da categoria, não por serem protótipos desta, mas sim porque se encontram associados aos exemplares que foram recuperados. Assim, o estereótipo, em si, é o resultado de uma procura exaustiva e de uma recuperação de um subconjunto de representações de exemplares armazenados. Isto faz com que a recuperação de exemplares seja parcialmente determinada pelo contexto no qual o julgamento é realizado (Garcia-Marques & Mackie, 1999), registando-se assim uma fraca estabilidade intra-individual dos

estereótipos. Existe assim uma diferença substancial entre as perspectivas abstraccionistas e de exemplares, no que diz respeito ao conteúdo, à estabilidade e à percepção de variabilidade interna dos estereótipos. Enquanto na primeira perspectiva, os conteúdos são estáveis, já que provêm de um armazenamento sistemático e a longo prazo de informação que vai sendo codificada até nos fornecer uma imagem abstracta mas estável da categoria, no caso da perspectiva exemplar, o conteúdo revela-se instável porque depende dos exemplares activados no momento da evocação da categoria. Assim, quando o contexto do julgamento muda, assistimos também a uma mudança no impacto relativo de certos exemplares específicos (Sia, Lord, Blessum, Thomas, & Lepper, 1999) e, conseqüentemente, na representação do estereótipo.

Por sua vez, os modelos mistos de categorização social adoptam uma perspectiva dualista, segundo a qual ambos os tipos de processos, abstraccionistas e exemplaristas, podem ocorrer em simultâneo ou alternativamente (Hamilton & Sherman, 1994; Park, Judd & Ryan, 1990; Zárate & Smith, 1990). Segundo esta perspectiva, as abstracções têm a função principal, uma vez que permitem a economia cognitiva. No entanto, e como estas levam tempo a serem desenvolvidas, sendo por vezes demasiado limitadas para se adaptarem às idiossincrasias de membros atípicos dos grupos, são complementadas com informação exemplar. Segundo Smith e Zárate (1990), as abstracções e os exemplares são aprendidos em diferentes situações e, portanto, estão armazenados separadamente em memória. Uma consequência deste facto é que podemos recorrer quer a um, quer a outro, tipo de informação quando julgamos um determinado grupo. Neste caso, a estabilidade intra-individual dependerá do peso relativo das componentes abstraccionista e exemplar. A componente abstraccionista deverá ser relativamente estável ao longo tempo, senão perderia a sua eficácia cognitiva, mas se a recuperação de exemplares mudar com o contexto, então espera-se que a estabilidade seja apenas moderada.

Por sua vez, e de acordo com uma perspectiva mais recente, a perspectiva conexionista (Rumelhart, McClelland & the PDP Research Group, 1986; McClelland, Rumelhart & the PDP Research Group, 1986), o desenvolvimento de representações internas e o seu processamento é feito, em paralelo, através de nódulos simples e altamente interconectados, ao contrário dos modelos tradicionais que defendem que o processamento é inerentemente sequencial. Assim, estes sistemas não necessitam de um executivo central, eliminando-se assim o requerimento de teorias prévias de processamento explícito de informação relevante. Como consequência, temos que os enviesamentos nos processos de informação são, em princípio, derivados de mecanismos implícitos e automáticos sem raciocínio explícito e consciente. A rede conexionista é, basicamente, formada por unidades interligadas umas às outras através de conexões. O

processamento dessa rede é totalmente distribuído e em paralelo. Uma vez em funcionamento, o sistema estabelece processos de regulação entre as unidades que compõem a rede (na forma de ajuste das forças/pesos de conexão), provocando, desta forma, a estruturação do sistema. O ‘conhecimento’ da rede encontra-se justamente nas forças/pesos definidos localmente entre as unidades (i.e., através da constante activação ou inibição destas). Nesse sentido, surge um desempenho baseado em padrões de activação entre unidades da rede, padrões, estes, que estabelecem configurações específicas a cada activação. Para além disso, as redes conexionistas não se apresentam enquanto modelos fixos mas sim como processos activos, capazes de “aprender” com o tempo, através geralmente de um simples algoritmo de aprendizagem que, progressivamente, modifica a força das conexões existente entre as unidades que compõem a rede. Em síntese, o desenvolvimento de representações de conhecimento tem por base o processamento do *input* e os resultados dependem do fortalecimento ou enfraquecimento das conexões em redes complexas em função da frequência de estímulos e respostas. Nesse sentido, os estereótipos não podem ser considerados como estruturas rígidas de conhecimento, sendo apenas esperada uma estabilidade moderada a nível intra-individual, fruto da influência que o contexto imediato tem no processo de reconstrução do estereótipo. De facto, a rede conexionista é extremamente sensível ao contexto. Os atributos de um conceito que ocorrem em diferentes contextos ficam associados a estes, de forma que cada contexto específico envie a activação em direcção dos seus atributos associados. Geralmente, e porque a rede conexionista é tão sensível às propriedades estatísticas dos atributos, esta perspectiva é adequada para explicar a flexibilidade conceptual observada (Van Rooy, Van Overwalle, Vanhoomissen, Labiouse & French, 2003).

Resumindo, e apesar das perspectivas clássicas de organização dos estereótipos defenderem que existe uma grande estabilidade ao nível do conteúdo e uso das representações de categorias sociais, tanto a nível inter como intra-individual, outras abordagens sugerem que existe uma variabilidade nestas estruturas de conhecimento que não tem sido suficientemente explorada, até hoje, pelas diversas investigações já realizadas. No entanto, estes pressupostos, capazes de prever a mutabilidade dos estereótipos, não são os únicos indicadores da existência desta. De facto, vários estudos têm vindo a provar empiricamente que os estereótipos são estruturas de conhecimento instáveis e sensíveis ao contexto.

1.3.2. *Evidências da instabilidade nos estereótipos*

A existência de expectativas teóricas veio indicar que, talvez, as representações de categorias sociais fossem mais variáveis, nomeadamente a nível intra-individual, do que tinha sido previamente assumido. De facto, vários estudos (Berninger & DeSoto, 1985; Garcia-Marques, Santos & Mackie, 2006; Santos, 2001) têm vindo a demonstrar que, de facto, existe uma certa instabilidade nos estereótipos.

Em 1983, Rothbart e John iniciaram um estudo extensivo sobre a mudança nos estereótipos. Tinham como objectivo avaliar a longevidade e estabilidade das atribuições de traços a diferentes tipos de grupos étnicos, sociais e ocupacionais. Estes autores foram então os primeiros a testar o efeito que a informação desconfirmatória tinha nas descrições de exemplares e as condições em que a presença desse tipo de informação conduz à mudança da impressão sobre o grupo no geral. Segundo eles a informação desconfirmatória podia conduzir a mudanças no estereótipo do grupo se fosse associada a um exemplar do grupo que fosse considerado, em todos os outros aspectos, como um exemplar prototípico do grupo (Rothbart & John, 1985). Assim, estes autores sugeriram que os estereótipos eram estruturas de conhecimento maleáveis, sendo possível, sob condições apropriadas, provocar mudanças nestes.

Nesse mesmo ano, Berninger e DeSoto (1985) sugeriram que os estereótipos sociais teriam sido sempre considerados fixos, imutáveis e persistentes devido a algumas especificações nos métodos utilizados nos estudos anteriores. Segundo estes autores, o clássico, e muito em voga, método de verificação de atributos, de Katz e Braly (1933), onde o estereótipo de um grupo social é determinado pelo conjunto de 5 adjectivos mais frequentemente escolhidos por um determinado grupo de sujeitos, apresentava defeitos, na medida em que as opções de resposta se encontravam limitadas a uma escolha, a partir de uma lista pré-definida de atributos. Isto significou que as diferenças individuais em termos do conteúdo do estereótipo fossem ignoradas, sendo atribuída a estes uma simples definição de grupo (McCauley, Stitt, & Segal, 1980). Para além desse facto, e segundo Berninger e DeSoto (1985), apesar de ter sido feita uma distinção entre os estereótipos culturais, partilhados por um grupo cultural, e os estereótipos pessoais, que os indivíduos contêm (Ashmore & Del Boca, 1980), a investigação focou, quase exclusivamente, o seu interesse nos estereótipos culturais, i.e., avaliou a estabilidade somente a nível inter-individual. Assim, e fugindo um pouco à tradição, o estudo de Berninger e DeSoto (1985) utilizaram uma tarefa de produção análoga ao método tradicional de verificação de atributos através de escolha múltipla, para investigar os estereótipos pessoais dos indivíduos. Isto é, pediram aos participantes que gerassem, em vez de seleccionar, o maior número possível de

características descritoras para determinados e específicos grupos sociais. A estabilidade do conteúdo foi então analisada, ao nível dos estereótipos pessoais que os participantes detinham, e não, como acontecera anteriormente, ao nível dos estereótipos sociais partilhados por um grupo cultural. Os resultados contrariaram a crença amplamente divulgada, demonstrando assim que os estereótipos, a nível intra-individual, são apenas, moderadamente, estáveis no tempo. De facto, apenas 2/5 dos atributos mais característicos foram duplicados entre sessões separadas por uma semana, e apenas 1/5 quando o intervalo foi de um ou dois meses.

Segundo Berninger e DeSoto (1985), estes resultados acabaram por não ser assim tão surpreendentes, se levarmos em linha de conta que o instrumento utilizado nos seus experimentos foi o ser humano, a quem, numa tarefa específica, foi pedido que interrogasse a sua memória a longo prazo e revelasse o seu conteúdo. Uma vez que se acredita que a memória humana é dependente do tempo e que não mantém informação num formato fixo, reorganizando-se continuamente como consequência dos processos de interrogação e recuperação (Estes, 1980 cit. por Berninger & DeSoto, 1985), então não deveria ser surpreendente que o conteúdo dos estereótipos pessoais também variasse com o tempo. Foi exactamente isso que os resultados do estudo de Berninger e DeSoto (1985) sugeriram.

No entanto, os autores destacaram o facto destes dados não lidarem com a questão da estabilidade dos estereótipos sociais através de gerações de estudantes, mas sim com a estabilidade de estereótipos pessoais detidos por indivíduos, ao longo de intervalos de uma semana, um mês ou dois meses. Numa análise final aos dados obtidos, Berninger e DeSoto (1985) sugeriram que a contradição observada entre os resultados e a crença amplamente difundida sobre a estabilidade dos estereótipos era, provavelmente, fruto de avaliação ter sido feita sobre os estereótipos pessoais e não estereótipos culturais e, segundo Devine e Elliot (1995), o conteúdo dos estereótipos culturais, aquilo que “as pessoas no geral” pensam, aparenta ser mais estável do que os estereótipos pessoais ou individuais. Estes mesmos autores demonstraram igualmente que a trilogia de Princeton pode não revelar necessariamente que os estereótipos culturais estão a desaparecer. Segundo Devine e Elliot (1995) existem limites metodológicos nesses estudos como a ambiguidade das instruções fornecidas aos participantes, a não avaliação do nível de preconceito destes e a utilização de uma lista de adjectivos ultrapassada, que fazem com que não se possa garantir, com toda a certeza, que este método esteja realmente a medir os estereótipos culturais e a estabilidade; e que os participantes tenham respondido com base nos seus estereótipos pessoais em relação aos grupos, ao invés das crenças culturais vigentes.

Mais recentemente, Garcia-Marques e colaboradores (2006) demonstraram, através da utilização de uma metodologia longitudinal de teste-reteste, que, apesar de existir nos estereótipos uma estabilidade transversal (inter-individual), existe igualmente uma instabilidade longitudinal (intra-individual). Numa sequência de estudos, estes autores avaliaram a estabilidade intra-individual a nível do conteúdo e utilização das representações de categorias sociais entre duas sessões, separadas por duas ou quatro semanas. Foi fornecida evidência considerável para a instabilidade na representação das categorias sociais com três paradigmas diferentes, envolvendo a escolha de traços enquanto traços estereotípicos para uma categoria social (exp.1), a avaliação de tipicidade de diferentes membros da categoria (exp.2) e a recuperação de exemplares da categoria (exp.3).

Assim, a primeira experiência de Garcia-Marques e colaboradores (2006) tiveram como objectivo avaliar a estabilidade dos estereótipos, a nível intra-individual, com a ajuda de uma tarefa de verificação de atributos de tipo Katz e Braly (1933). Assim, os participantes começavam por escolher 5 de entre 43 atributos para descrever um de três grupos sociais e, posteriormente, realizaram julgamentos, numa escala de nove pontos, sobre a centralidade de cada um dos traços escolhidos. A estabilidade dos estereótipos foi então aqui reflectida pela estabilidade observada, por cada participante entre as duas sessões de estudo, na selecção de traços estereotípicos para cada grupo social. Para além disso, os autores manipularam igualmente o ponto de vista, sob os quais os participantes tinham de responder, diferenciando entre estereótipos culturais e estereótipos pessoais. Os resultados deste experimento apontaram para a existência de um nível baixo a médio de estabilidade, na escolha de traços sobre as representações das categorias sociais, tanto a nível dos estereótipos culturais como individuais. Isto é, aproximadamente, apenas metade dos atributos escolhidos pelos participantes na primeira sessão foram igualmente escolhidos, pelos mesmos participantes, na segunda sessão. No entanto, estes mesmos resultados apontaram também para uma forte estabilidade inter-sessões, i.e., entre as sessões foi observado uma forte concordância inter-item, quer se tratassem de estereótipos culturais ou individuais. Deste modo, parece coexistir nos estereótipos um elevado consenso global no que diz respeito à escolha de atributos, revelando-se uma certa instabilidade na escolha dos atributos, por cada participante, entre as sessões. Estes dados vieram, de certo modo, justificar porque é que a literatura tem sempre descrito os estereótipos enquanto estruturas de conhecimentos estáveis e imutáveis, uma vez que a grande generalidade desses estudos só mede a estabilidade a nível inter-participantes e não intra-participantes.

A segunda experiência de Garcia-Marques e colaboradores (2006) utilizou um paradigma de avaliação de tipicidade dos membros da categoria para avaliar até que ponto as categorias sociais mostravam, entre sessões, uma estabilidade intra-individual ao nível da sua estrutura. Uma vez mais, os resultados sugeriram que só existe uma estabilidade moderada nas avaliações de tipicidade dos exemplares, gerados pelos participantes, com 4 semanas de intervalo. No entanto, os resultados mostraram igualmente que a estabilidade aumenta linearmente com a tipicidade do exemplar.

A terceira experiência de Garcia-Marques e colaboradores (2006) pretendeu avaliar, mais uma vez, a fluidez das representações de categorias sociais mas desta vez recorrendo a um paradigma de recuperação de exemplares da categoria. Obtiveram-se resultados convergentes com os obtidos nos experimentos anteriores, na medida em que foi observada uma instabilidade nos exemplares recuperados, quer a nível de exemplares atípicos, quer de típicos, apesar de, mais uma vez, a tipicidade dos exemplares ter demonstrado ser uma boa preditora da estabilidade na produção de exemplares, i.e., quanto mais representativo da categoria for um exemplar, maior estabilidade temporal apresentará.

A quarta e última experiência deste estudo teve como objectivo avaliar a possibilidade do grau de instabilidade observado ser, em parte, derivado de um erro de medida ou devido a uma monitorização de respostas deliberadas por parte dos sujeitos. De facto, apesar de à partida ter sido presumido que esses efeitos eram consequência de uma sensibilidade às mudanças do contexto nessas estruturas de conhecimento, nenhuma das experiências, referidas até agora, trabalhou directamente a consistência do contexto. Deste modo, e para provar que a instabilidade dos estereótipos era um resultado da sensibilidade ao contexto e não somente devida a um erro de medida, os autores manipularam, entre sessões, a consistência do contexto no qual os participantes identificavam os traços associados a um determinado estereótipo social, permitindo assim que fosse avaliado o impacto desta, ao nível da estabilidade temporal da compilação dos estereótipos. De modo a perceber se as respostas obtidas nas primeiras três experiências tinham sido resultado de uma tentativa deliberada, por parte dos sujeitos, de modificar as suas respostas, estas foram comparadas com as respostas obtidas, de uma forma espontânea, pelos participantes, quando lhes foi pedido que se tentassem recordar e reproduzir, de uma forma precisa, as respostas fornecidas durante a primeira sessão. Os resultados revelaram não só que, os participantes não tentaram modificar conscientemente as suas respostas, assim como que a estabilidade estereotípica encontra-se dependente da consistência contextual.

Resumindo, Garcia-Marques e colaboradores (2006) demonstraram que os estereótipos, tanto culturais como individuais, não são, como a literatura tem sempre assumido e defendido, representações mentais estáveis e duradouras. Pelo contrário, estas e outras investigações recentes têm vindo a demonstrar que afinal existe uma certa maleabilidade e instabilidade temporal associada aos estereótipos, nomeadamente a nível intra-individual, e que esta está fortemente associada a uma sensibilidade à consistência do contexto, no qual os estereótipos são reconstruídos.

Este padrão de resultados encontra-se claramente em oposição com a perspectiva abstraccionista clássica, mas é bastante consistente com abordagens mais modernas e recentes sobre representações das categorias sociais, como as perspectivas de exemplares, conexionistas ou os modelos mistos. No entanto, os resultados e conclusões destes estudos estão longe de serem uma excepção na literatura. De facto, e apesar da natureza singular dos estereótipos sociais, o nível geral de instabilidade encontrado nestes estudos é comparável com resultados obtidos em estudos sobre conceitos comuns.

1.3.3. Evidências da instabilidade e influência do contexto nas categorias comuns

As evidências sobre a instabilidade nas categorias sociais que apresentamos não são uma excepção na literatura, uma vez que, nas últimas décadas, tem existido bastante investigação na área das categorias comuns que têm vindo a revelar a mesma tendência nessas estruturas de conhecimento. Assim, diversos estudos têm vindo a demonstrar que os conceitos e categorias não sociais são, no geral, bastante mais instáveis e maleáveis do que à partida as perspectivas clássica supunham, tal como foi observado nas categorias sociais.

Em 1984, Bellezza realizou uma série de estudos com o objectivo de avaliar a fiabilidade das categorias comuns. O objectivo do primeiro estudo (Bellezza, 1984a) foi determinar o quão fiável era a recuperação de informação relativa a categorias comuns, a partir da memória semântica dos indivíduos. Para isso, o autor, utilizou o método de geração de informação, pedindo aos participantes que gerassem instâncias sobre categorias comuns em duas sessões semelhantes mas com uma semana de intervalo entre cada uma delas. As instâncias recuperadas, em ambas as sessões, foram posteriormente comparadas ao nível do seu conteúdo. Os resultados indicaram que a recuperação de informação da memória semântica aparenta ser um processo probabilístico e apresenta apenas uma moderada estabilidade e fiabilidade, uma vez que apenas 69% das instâncias recuperadas sobre as categorias na primeira sessão foram de novo citadas na

segunda sessão. Estas mesmas conclusões foram obtidas com o segundo estudo de Bellezza (1984b), no qual se pretendeu determinar a fiabilidade da recuperação de substantivos comumente utilizados da memória semântica. Os resultados apontaram, mais uma vez, para uma moderada fiabilidade da recuperação do significado dos substantivos da memória semântica, sendo que apenas 48% das definições produzidas na primeira sessão foram reproduzidas na segunda sessão. Assim, ambos os estudos de Bellezza (1984a; 1984b) demonstraram que existe uma fraca fidelidade em fornecer definições de conceitos comuns. Semelhantes resultados foram obtidos, posteriormente, por Barsalou, Spindler, Sewell, Ballato e Gendel (1987) e por Barsalou, Sewell e Ballato (1986) ao nível da estabilidade das estruturas graduadas. No seu terceiro experimento, Bellezza (1984c) também demonstrou que existem dificuldades em recuperar exemplares de categorias comuns. Este estudo teve como objectivo determinar se a fiabilidade da recuperação de informação sobre referenciais específicos, isto é, descrições de pessoas específicas, da memória semântica era a maior do que aquela obtida através de substantivos comuns (Bellezza, 1984b), tendo obtido índices de estabilidade tão ou mais fracos do que aqueles conseguidos nas experiências anteriores (Bellezza, 1984a; 1984b). De facto, a estimativa de fiabilidade de recordação, utilizando uma correlação de elemento comum, foi de apenas 0,38 para os amigos e 0,55 para pessoas famosas (Bellezza, 1984c). Assim, ao longo de três experimentos, este autor demonstrou que a fiabilidade das categorias comuns é bastante fraca, não sendo apropriado considerá-las como estruturas de conhecimento fixas e imutáveis.

Outros estudos vieram também demonstrar que os indivíduos têm dificuldades em classificar exemplares de categorias comuns (McCloskey & Glucksberg, 1978), e em avaliar a tipicidade de exemplares dessas mesmas categorias (Barsalou & Medin, 1986; Barsalou, et al., 1986; Barsalou, 1987, 1989). De facto, em muitas tarefas conceptuais, são fornecidas aos participantes palavras isoladas enquanto exemplares de diferentes categorias (por exemplo, o exemplar *cadeira* da categoria *mobília*). Nessas condições, os participantes variam, tipicamente, na forma como representam, conceptualmente, os exemplares. Por exemplo, McCloskey e Glucksberg (1978) pediram aos participantes que determinassem, em duas sessões separadas por um mês, a pertença à categoria dos mesmos exemplares. No que diz respeito aos exemplares menos típicos, observou-se bastante desacordo, com os participantes a discordarem fortemente entre eles, sobre se um determinado exemplar pertencia, ou não, a uma categoria em particular. Para além disso, também existiu desacordo a nível intra-individual, isto é, os participantes mudavam, frequentemente, de opinião entre as sessões, sobre se um mesmo exemplar pertencia ou não à categoria. Estes resultados sugeriam que a forma como os participantes conceptualizaram as categorias variava tanto a níveis inter, como intra-participantes. Assim,

McCloskey e Glucksberg (1978) observaram não só uma variabilidade substancial na maneira como diferentes participantes categorizavam possíveis membros de uma categoria, como uma variabilidade significativa na forma como os mesmos indivíduos faziam, entre sessões, essa categorização.

Barsalou (1987, 1989) observou uma variabilidade semelhante noutro tipo de tarefa conceptual. Quando pediu aos participantes que avaliassem a tipicidade dos exemplares de uma categoria, a correlação média entre pares de participantes foi de apenas 0,40, e quando um mesmo participante avaliou, com um intervalo de duas semanas, a tipicidade do mesmo exemplar da categoria em duas ocasiões, a correlação dos julgamentos entre as duas sessões foi de apenas 0,80. Esta variabilidade no desempenho levou a constatar que existia, igualmente, uma variabilidade ao nível de como as pessoas representam as categorias. Similarmente, quando foi pedido aos participantes que gerassem as propriedades de um conceito, apenas 40% das características fornecidas por um determinado participante eram igualmente referidas por outro, para descrever a categoria (Yeh & Barsalou, 1996). Para além disso, apenas 67% das propriedades utilizadas por um indivíduo na primeira sessão foram de novo utilizadas na segunda sessão (realizada duas semanas depois) para descrever o mesmo conceito (Yeh & Barsalou, 1996).

Num outro estudo, foi igualmente demonstrado que os objectivos temporários dos indivíduos influenciam quer o julgamento de tipicidade de instâncias, quer a rapidez com a qual é verificada a pertença dessas em categorias (Brauer, Chatard-Pannetier, Niedenthal & Chambres, 2003). Brauer e colaboradores (2003) argumentaram que os objectivos temporários dos indivíduos deveriam ter um impacto considerável nos processos cognitivos individuais, incluindo aqueles relacionados com a categorização, influenciando assim a estrutura interna das categorias taxonómicas. Com o objectivo de provar esta ideia, manipularam, de forma experimental, numa série de experimentos, os objectivos dos participantes relativamente a uma categoria taxonómica e mediram a sua estrutura interna. Os seus resultados demonstraram que os objectivos temporários influenciam, de facto, a tipicidade percebida dos membros da categoria. Esta influência também se revelou na rapidez com que os participantes avaliavam a pertença de um exemplar a uma determinada categoria. Quando os participantes verificaram a pertença de exemplares a algumas categorias, os exemplares que eram típicos para o objectivo detido eram mais rapidamente categorizados do que aqueles que não eram apropriados para a mesma finalidade. Induzir um objectivo no contexto de uma experiência psicológica foi suficiente para que os participantes reorganizassem a representação da categoria, para que os exemplares congruentes com o objectivo tivessem um limiar de activação mais baixo que os exemplares que

não eram típicos para o propósito actual. Estes dados sugeriam que os objectivos temporários têm um importante papel na categorização e que as representações das categorias comuns são mais maleáveis do que é geralmente assumido (Brauer, et al., 2003).

Barsalou e Sewel (1984) comprovaram igualmente que o facto de se adoptar diferentes pontos de vista, durante o processamento de uma categoria, leva a diferentes representações desta. De facto, e segundo estes autores, o ponto de vista que se adopta determina qual é a informação armazenada em memória sobre a categoria que será incorporada na representação desta num determinado momento. Isto é, só a informação que é relevante para o ponto de vista adoptado naquele momento é que será incorporada na representação da categoria. Assim, Barsalou e Sewell (1984) pediram a estudantes americanos que avaliassem a tipicidade de alguns exemplares, a partir de diferentes pontos de vista. Por exemplo, os participantes tinham de avaliar a tipicidade de diferentes tipos de pássaros a partir de dois pontos de vista culturais, americano ou chinês. Os resultados demonstraram que à mudança do ponto de vista correspondia uma modificação na tipicidade dos exemplares. Por exemplo, o pisco-de-peito-ruivo foi considerado típico do ponto de vista americano mas atípico do ponto de vista chinês e, pelo contrário, o pavão foi considerado típico do ponto de vista chinês mas atípico do ponto de vista americano. No geral, o facto de se adoptarem diferentes pontos de vista fez com que os participantes percepcionassem diferentes estruturas graduais para as mesmas categorias, sendo que os exemplares mais salientes para uma categoria variavam, substancialmente, de acordo com as perspectivas. Mais uma vez, os resultados deste estudo apontaram para uma instabilidade das categorias não sociais. Neste caso em particular associada aos diferentes pontos de vista adoptados pelos indivíduos relativamente a uma categoria e que teve como resultado diferentes representações da mesma categoria social.

No entanto, a investigação tem revelado que as categorias taxonómicas comuns, para além de instáveis, são extremamente sensíveis ao contexto.

Apesar de habitualmente não ser devidamente considerado na investigação, o contexto tem, de facto, influência em praticamente todas as áreas da cognição humana (Yeh & Barsalou, 1996). Ao organizar o conhecimento à volta das diferentes situações do dia-a-dia, o sistema cognitivo simplifica grandemente as suas tarefas. Assim, em vez de ter de procurar por toda a memória (ao longo de todo o tipo de situações), o processamento centra a sua atenção no conhecimento e competências relevantes para o contexto presente. Como resultado, torna-se

mais fácil reconhecer objectos e eventos, recuperar informação e competências relevantes, compreender a linguagem, resolver problemas, raciocinar e prever as acções dos outros indivíduos.

De acordo com Yeh e Barsalou (1996), a informação contextual está ligada aos conceitos e o contexto e os seus respectivos conceitos associados activam-se mutuamente. Para além disso, segundo estes autores, um conceito produz diferentes conceptualizações de acordo com diferentes situações, cada uma sendo relevante para cada contexto em particular. Isto é, o significado das palavras é diferente consoante as situações, e cada significado destaca propriedades relevantes para o respectivo contexto. Assim, a informação mais funcional para a recompilação de um conceito varia de acordo com a situação em que este se encontra (Yeh & Barsalou, 2006).

Dados de diferentes investigações têm vindo a demonstrar que quando os participantes percebem um objecto inserido num contexto relevante, categorizam-no de maneira mais eficiente do que quando o percebem de forma isolada. Os indivíduos realizam tarefas de verificação de atributos de uma forma mais rápida e eficaz, quando o contexto é relevante do que quando este é irrelevante (Barsalou, 1982; Yeh & Barsalou, 1996). Esta influência do contexto também é considerável em tarefas de avaliação de tipicidade de diferentes exemplares de um grupo. De facto, num estudo de Barsalou, Sewel e Spindler (ms, citado por Barsalou, 1993), um grupo de participantes teve de avaliar a tipicidade de instâncias de uma categoria, sendo-lhes fornecidos, ou não, um contexto para realizar a avaliação. Por exemplo, tinham de avaliar a tipicidade da categoria *veículo* na situação “passar umas férias nas montanhas mexicanas”. Os resultados mostraram que a concordância foi bastante mais elevada entre os participantes aos quais tinha sido fornecido um contexto (concordância inter-participantes 0,70; concordância intra-participantes 0,88) do que entre os participantes aos quais não tinha sido dado nenhum (concordância inter-participantes 0,45; concordância intra-participantes 0,81). Estes resultados demonstraram que um simples contexto, mesmo que pouco familiar, pode restringir fortemente o processo de recuperação, ao aumentar a acessibilidade das características partilhadas que sejam relevantes para o contexto, aumentando conseqüentemente e de forma substancial a estabilidade dos conceitos (Barsalou, 1993).

Wisniewski (1995) obteve também efeitos do contexto num estudo que avaliava como as pessoas predizem as funções de conceitos fictícios. Pediu aos participantes que avaliassem objectos fora do comum, utilizados para diminuir ou limpar a poluição. Os resultados mostraram que se esse objecto tivesse, por exemplo, o atributo “utiliza um grande aspirador”, os

participantes avaliavam-no como um melhor exemplo do conceito “limpador de poluição” na situação “perto de lixo na estrada” do que na situação “perto de um vazamento de óleo no oceano”. Reciprocamente, se o objecto tivesse o atributo “utiliza esponjas gigantes”, a avaliação era contrária. Assim, os participantes representavam, de forma diferente, os conceitos e avaliavam os seus atributos em função da situação contextual.

Nos estudos já referidos até agora, as situações primaram propriedades relevantes dos conceitos, fazendo com que um mesmo conceito assumisse diferentes formas, consoante o contexto em que se encontrava. No entanto, a situação pode também primar exemplares que são relevantes numa determinada situação, e não só as suas propriedades. De acordo com o que vimos até agora, os exemplares activados para uma determinada categoria também deveriam variar consoante as situações. Roth e Shoben (1983) demonstraram justamente esse efeito. Ao variarem o contexto linguístico de uma categoria, os autores verificaram que o contexto influenciava os julgamentos de tipicidade dos exemplares da categoria, a compreensão desta, a selecção de atributos e a rapidez com a qual os participantes acediam à informação sobre os exemplares em memória. Depois de lerem algo relacionado com uma determinada situação, os participantes liam, mais rapidamente, exemplares da categoria relevantes para essa situação do que exemplares irrelevantes. Estes resultados demonstraram que o contexto no qual os indivíduos se deparam com uma qualquer categoria pode ter uma importante influência na forma como estes a percebem. Parece que não existe, como era defendido, um conjunto estático e imutável de informação que representa uma categoria em todos os contextos. Em seu lugar, parece que informação diferente representa a mesma categoria em diferentes contextos. Assim, Roth e Shoben (1983) demonstraram que as categorias podem possuir múltiplas estruturas graduadas e que o contexto linguístico imediato envia quer o julgamento de tipicidade de uma instância, quer a rapidez com que pode ser acedida, por tornar mais activa uma determinada estrutura da categoria.

Barsalou e colaboradores (1986) observaram igualmente que mudanças no contexto alteravam substancialmente a estrutura graduada de uma categoria. Assim, as estruturas graduadas construídas do ponto de vista de um “*redneck*” tinham uma correlação média de zero com aquelas construídas segundo o ponto de vista de uma “dona de casa”.

Deste modo, e ao longo da literatura sobre o processamento conceptual, emergiu um mesmo padrão de resultados, que veio demonstrar que, os conceitos e categorias comuns não só não são compostos por um conjunto fixo e estável de informação como também não são armazenados em isolamento, permanecendo, isso sim, fortemente associados com o seu contexto

envolvente. De acordo com a hipótese explicativa de conhecimento situado (Yeh & Barsalou, 1996), isto dever-se-ia ao facto de os conceitos não serem armazenados em isolamento, mas permaneceriam estreitamente ligados às suas situações de fundo, i.e., ao contexto no qual foram aprendidos. Assim, quando as situações se tornam activas, activam automaticamente os conceitos associados, e por sua vez quando os estes são activados activam os contextos que lhes estão associados (Yeh & Barsalou, 1996). Como as categorias não são representadas da mesma forma em todos os contextos, assumindo diferentes formas, de acordo com a sua relevância situacional, a informação recuperada será diferente para representar a categoria, consoante o contexto em que se encontrar inserida. Quando um conceito é processado numa determinada situação, as propriedades que se destacam são aquelas que são relevantes para a situação presente, o que leva a que, ao aceder a uma forma específica de um conceito, a situação específica que lhe está associada também é activada. Assim, de acordo esta perspectiva, que vê o conhecimento e os conceitos enquanto representações “situadas”, a dependência contextual das representações de conhecimento advém do facto dos indivíduos adquirirem e aprenderem informação sobre categorias e conceitos numa sucessão de episódios ou contextos fixos, fazendo com que o conhecimento adquirido fique associado à situação em si (Yeh & Barsalou, 1996, 2006).

Existe então uma variedade de estudos que centraram a sua atenção na avaliação, não só a instabilidade das categorias comuns, como a sua sensibilidade ao contexto (Barsalou, 1982; 1993; Barsalou & Sewell, 1994; Barsalou, et al., 1986; Barsalou, et al., 1987; Bellezza, 1984a,1984b, 1984c; Roth & Shoben, 1983; Wisniewski, 1995; Yeh & Barsalou, 1996). Este facto levou a que a investigação, na área dos estereótipos, tentasse igualmente determinar qual o efeito que o contexto pode ter na recompilação destes, fornecendo evidências e um melhor entendimento sobre a influência do contexto nestas estruturas de conhecimento.

1.3.4. O efeito do contexto nos estereótipos

A sensibilidade ao contexto, nas categorias comuns, foi apontada como sendo uma das causas para a instabilidade destas. Este facto levou a que a literatura sobre os estereótipos procurasse avaliar se esta também podia ser a causa da instabilidade, igualmente observada, nas categorias sociais. Assim, vários estudos têm vindo a fornecer evidências sobre a instabilidade e sensibilidade ao contexto das crenças sociais, estendendo estas evidências para efeitos com contexto fortuito e com informação abstracta e irrelevante para a categoria social.

Neste sentido, tem existido um corpo crescente de investigação que tem vindo a demonstrar que a compilação de crenças é vulnerável a enviesamentos pelo contexto (Bodenhausen, Schwartz, Bless & Wanke, 1995; Castelli, Macrae, Zogmaister, Arcuri, 2004; Coats & Smith, 1999; Garcia-Marques & Mackie, 1999, 2001; Garcia-Marques, et al., 2006; Schwarz & Bless, 1992; Smith, 1992; Smith & Zárate, 1992). Nestes estudos, os efeitos do contexto foram obtidos através da primação de informação estereotípica relevante, através de um contexto relacionado significativamente (Bodenhausen et al., 1995; Coats & Smith, 1999; Garcia-Marques & Mackie, 1999, 2001; Garcia-Marques, et al., 2006; Smith & Zárate, 1992) ou, pelo contrário, através de um contexto fortuitamente não relacionado (Blair, Ma & Lenton, 2001; Livingston & Brewer, 2002; Macrae, Mitchell & Pendry, 2002; Sinclair & Kunda, 1999; Wittenbrink, Judd & Park, 2001).

Assim, estudos demonstraram que a manipulação da acessibilidade de determinados exemplares específicos de uma categoria influencia a descrição e avaliação da categoria e membros que a compõem (Bodenhausen et al., 1995; Coats & Smith, 1999; Smith & Zárate, 1992). Bodenhausen e colaboradores (1995) demonstraram que a primação de exemplares atípicos de um grupo teve uma influência na forma como os participantes avaliaram grupos minoritários. Mais especificamente, este estudo mostrou que a activação fortuita de exemplares positivos, mesmo em contextos aparentemente irrelevantes, foi suficiente para produzir crenças mais favoráveis relativamente a um grupo social, sendo que a avaliação positiva de um exemplar foi generalizada para o resto do grupo. O mesmo aconteceu quando a situação se inverteu, i.e., quando exemplares negativamente avaliados foram activados produziram impressões finais mais negativas relativamente ao grupo e que, por sua vez, tiveram implicações nas crenças e comportamentos em relação ao grupo (Rosenfield, Greenberg, Folger, & Borys, 1982). Os resultados obtidos levaram a crer que o julgamento social está dependente do subconjunto de exemplares relevantes que estejam momentaneamente salientes, ou activados, no momento em que este é realizado (Smith & Zárate, 1992), fazendo com que as categorias sociais e, consequentemente, os estereótipos, estejam dependentes do contexto. Este efeito foi observado tanto a nível dos julgamentos de tendência central, como de variabilidade percebida do grupo. Garcia-Marques e Mackie (1999) demonstraram que a manipulação da acessibilidade de exemplares contra-estereotípicos leva a uma revisão do estereótipo em questão, provocando mudanças nas percepções de variabilidade da categoria, que são, mas nem sempre, acompanhadas, por revisões na tendência central (Garcia-Marques & Mackie, 1999, 2001).

Rothbart e John (1985, 1993) também já tinham defendido a ideia de que, apesar de os estereótipos serem altamente resistentes à mudança, também estavam, na sua opinião, correlacionados, nem que seja moderadamente, com a realidade social e, portanto, com o contexto. De acordo com os resultados do seu estudo (Rothbart & John, 1993), qualquer dimensão pode-se tornar irrelevante consoante as circunstâncias. Assim, segundo Rothbart e John (1993), e dependendo da situação em que se encontram, os estereótipos podem mudar consideravelmente. Consideremos o tempo da Segunda Guerra Mundial. Num espaço de poucos meses, os americanos transferiram a animosidade que sentiam pelos Alemães para a União Soviética e os padrões atitudinais relativos a Japoneses e Alemães, antes e depois do fim da guerra, mudaram drasticamente. Nesse sentido, e de acordo com estes autores, os estereótipos podem mudar através de efeitos indirectos do contexto, sem qualquer contacto directo com os membros de um grupo (Rothbart & John, 1985).

De igual forma, os teóricos das atitudes têm vindo a demonstrar a natureza dinâmica das representações mentais dos objectos atitudinais, sugerindo que estas são formadas no momento da avaliação e incluem informação acessível no contexto (Schwarz & Bless, 1992; Wilson & Hodges, 1992). Schwarz e Bless (1992a,b) mostraram que ao chamarem a atenção para um político particularmente respeitado, a avaliação que os participantes fizeram do partido político deste melhorou (Schwarz & Bless, 1992a) e que, pelo contrário, pensar num político que esteve envolvido num escândalo diminuiu a confiança dos participantes pela generalidade da classe política (Schwarz & Bless, 1992b), demonstrando assim que os exemplares primados foram incluídos nas representações mentais dos seus grupos. Esta linha de investigação salienta a importância dos exemplares no julgamento social, uma vez que se assume que a avaliação dos grupos sociais será fortemente influenciada pelos exemplares que estão acessíveis no momento do julgamento.

Para além disso, a investigação tem demonstrado que o próprio contexto no qual as pistas sobre uma categoria social estão incorporadas é determinante para a compilação dos estereótipos (Macrae, Bodenhausen, & Milne, 1995; Wittenbrink, et al., 2001). Assim, Macrae e colaboradores (1995) mostraram que uma leve mudança no contexto é suficiente para provocar uma alteração nos estereótipos automáticos. Por exemplo, o facto de uma mesma mulher asiática estar a colocar maquilhagem à frente do espelho ou estar a comer com pauzinhos de madeira mudou, por completo, a informação estereotípica recuperada pelos indivíduos. No primeiro caso (i.e., maquilhagem) foi amplificada a acessibilidade da informação estereotípica associada à categoria “mulher”, enquanto no segundo caso (i.e., pauzinhos) houve um aumento da acessibilidade a

informação associada ao estereótipo de “chinesa”. Para além disso, as próprias medidas implícitas de estereótipos que, supostamente, medem as verdadeiras representações estereotípicas, têm demonstrado serem sensíveis à variação contextual (Blair, 2002). Wittenbrink e colaboradores (2001) demonstraram como diferentes contextos sociais podem moderar as avaliações automáticas geradas sobre um determinado grupo. Na primeira experiência, mostraram que as atitudes implícitas dos participantes relativamente aos afro-americanos variavam de acordo com a exposição a uma situação estereotípica positiva (churrasco em família) ou negativa (incidente entre gangs). No segundo estudo, demonstraram efeitos do contexto similares sob condições de processamento automático. Neste caso, a reacção afectiva dos participantes em relação um indivíduo afro-americano foi mais positiva quando este aparecia em frente a uma igreja do que quando surgia num canto de rua. Assim, em dois experimentos, demonstraram que a activação estereotípica também depende do contexto no qual o estímulo primo se encontra, bastando uma subtil manipulação do contexto para que fossem geradas distintas reacções automáticas relativamente aos afro-americanos. Uma vez mais, estes resultados demonstraram que as mudanças no contexto modulam as respostas das pessoas em relação a um indivíduo e, conseqüentemente, a um grupo social.

O conjunto de resultados obtidos tem contribuído para um aumento de investigações que têm debatido a ideia sobre se os estereótipos são estruturas fixas e imutáveis (Garcia-Marques et al. 2006; Rothbart & John, 1985; Santos, 2001). De facto, e no que diz respeito aos estereótipos, só recentemente a investigação começou a especificar, de forma precisa, quais as condições da sua maleabilidade e sensibilidade ao contexto. Assim, apesar de ter sido fortemente defendido que os estereótipos eram estruturas fixas e imutáveis, os resultados de várias investigações têm vindo a demonstrar que a activação estereotípica está, inerentemente, dependente do contexto e de outros factores, tornando as representações estereotípicas maleáveis, consoante as situações. Assim, existe agora evidência empírica sobre o facto da activação dos estereótipos, e atitudes em relação aos grupos, ser bem mais complexa do que a simples exposição a uma pista categorial que activaria sempre a mesma representação destes. As medidas implícitas de estereótipos e preconceito têm também demonstrado que estes são sensíveis à variação contextual e a estados temporários, tais como motivações pessoais e sociais (Spencer, Fein, Wolfe, Fong & Dunn, 1998; Sinclair & Kunda, 1999), disponibilidade de recursos atencionais (Gilbert & Hixon, 1991), estratégias e objectivos de processamento específicos (Blair, et al., 2001; Macrae, Bodenhausen, Milne, Thorn, & Castelli, 1997), o foco de atenção (Macrae et al., 1997), e a configuração de pistas de estímulo (Blair, 2002).

Perante estas evidências, a literatura dos estereótipos tem avançado no sentido de compreender quais os mecanismos que podem estar envolvidos nestes efeitos de instabilidade e sensibilidade ao contexto nos estereótipos. No entanto, estes efeitos do contexto foram sempre obtidos em contextos relevantes e com informação relevante para a categoria, e nunca em situações irrelevantes ou atípicas em relação a esta. Nesse sentido, as explicações fornecidas para estes efeitos foram sempre baseadas na hipótese explicativa de recuperação parcial de informação, segundo a qual, a avaliação das categorias e grupos sociais será fortemente influenciada pelos exemplares que se encontrarem acessíveis no momento do julgamento.

De acordo com os modelos de processamento de informação baseado em exemplares (Barsalou, Huttenlocher & Lamberts, 1998; Kahneman & Miller, 1986; Nosofsky & Palmeri, 1997) as estruturas de conhecimento são representadas por uma vasta quantidade de exemplares armazenados em memória (e não por abstrações, como defendiam os modelos clássicos de estereótipos). Segundo estes, o julgamento social depende apenas do subconjunto de exemplares relevantes que estejam momentaneamente salientes ou activados, dependendo das exigências da tarefa cognitiva em questão, no momento em que o julgamento for realizado (Smith & Zárate, 1992). Assim, de acordo com a hipótese explicativa de recuperação parcial de informação, consoante as situações são recuperados de memória subconjuntos de exemplares diferentes, de maneira em que só é recuperada e utilizada uma pequena porção de informação que possuímos acerca da categoria em questão. Nesse sentido, a instabilidade e sensibilidade ao contexto nos estereótipos é esperada e contemplada por estas perspectivas uma vez que os julgamentos categoriais e o processamento de exemplares dependem do pequeno subconjunto de exemplares que foram recuperados no contexto. Segundo Smith (1992) a mesma lógica pode ser aplicada aos julgamentos realizados acerca dos grupos sociais e, portanto, aos estereótipos. Se diferentes membros do grupo estão destacados em diferentes momentos, então a avaliação do grupo, em si, pode mudar. De acordo com este autor, as atitudes raciais e estereótipos são, marcadamente, sensíveis ao contexto.

Assim, a razão da instabilidade dos estereótipos observada deriva, segundo esta perspectiva, da recuperação parcial de informação acerca destes, que está inerentemente dependente do momento e da situação em causa. No entanto, esta explicação só faz sentido se a informação contextual for relevante para o estereótipo em questão. Assim, se a informação primada pelo contexto for irrelevante, que, de acordo com a sua definição, consiste em informação que não é gerada espontaneamente sobre o grupo social, nem ela nem os seus antónimos, nem é diagnóstica desta, então, em princípio, está-se a minimizar a possibilidade de se

tratar de informação que foi previamente codificada, em associação com o grupo social. Nesse sentido, se se verificarem efeitos de contaminação contextual com informação irrelevante para o estereótipo, estar-se-á, à partida, a minimizar o facto de se tratar de um efeito devido meramente à recuperação parcial de informação estereotípica.

De facto, vários estudos têm vindo igualmente a demonstrar que os efeitos do contexto ultrapassam a influência de informação relevante para a categoria e estereótipo. Santos e colaboradores (submetido) demonstraram que, mesmo quando a informação fortuitamente saliente no contexto é irrelevante (i.e., informação que não é espontaneamente gerada sobre o grupo em questão, nem é tipicamente diagnóstica para distinguir esta categoria de outras), pode contaminar as crenças estereotípicas. Segundo este estudo, quando um indivíduo, por exemplo, vê um jogo de xadrez imediatamente antes de lhe ser pedido para reconstruir o estereótipo de programador de computador, existe, como seria de esperar, uma forte probabilidade para que o traço “inteligente” seja incorporado como um atributo estereotípico do grupo de programadores de computador. No entanto, se lhe for pedido para reconstruir o estereótipo de Educador de Infância, o traço “inteligente” é igualmente mais escolhido como um atributo estereotípico do grupo dos educadores de infância. Isto acontece, apesar de inteligente ser um traço não estereotípico de educadores de infância, o que levaria à partida a crer que a sua activação fortuita imediatamente antes da recomposição do estereótipo não teria qualquer impacto, quando na realidade tem. Esta constatação dificulta a aceitação da hipótese de recuperação parcial de informação enquanto hipótese explicativa dos efeitos da instabilidade e efeitos do contexto nos estereótipos.

Assim, Santos e colaboradores (submetido) procuraram avaliar, na sua primeira experiência, os efeitos do contexto através de uma tarefa de recomposição de estereótipos, adaptada do método de Katz e Braly (1933). Os autores primaram um conceito não estereotípico, imediatamente antes da recompilação do estereótipo, através de uma tarefa fortuitamente não relacionada. A sensibilidade ao contexto dos estereótipos seria então reflectida, durante a tarefa de verificação de atributos, na selecção dos atributos não estereotípicos previamente primados e na sua incorporação, no estereótipo recompilado, enquanto atributos estereotípicos. Nesse sentido, foi pedido aos participantes que definissem um dos dois conceitos incluídos neste estudo, inteligência ou simpática. Posteriormente, tinham de completar duas tarefas de recomposição de estereótipos relativamente a um dos grupos utilizados, programadores de computadores ou educadores de infância. Dependendo do grupo alvo, os atributos primados podiam representar conceitos estereotípicos, ou não estereotípicos, relativamente ao grupo.

Assim, após terem sido fortuitamente primados pelo contexto, os participantes, seguindo o procedimento de Katz e Braly (1933), tinham de seleccionar, entre uma lista de quarenta e cinco traços, os cinco que consideravam ser os melhores descritores de um dos grupos utilizados no estudo. Depois tinham que igualmente completar escalas de dimensões relevantes acerca do mesmo grupo. Os resultados revelaram que a frequência da escolha de traços não estereotípicos enquanto melhores descritores do grupo aumentou substancialmente quando esses traços tinham sido primados previamente pelo contexto. Assim, estes resultados sugerem que o resultado da reconstrução dos estereótipos é, pelo menos em parte, constituído por informação dependente do contexto, seja esta relevante, ou não, para a categoria em causa, e que distractores salientes no contexto podem enviesar a recompilação de conhecimento, mesmo quando esses são irrelevantes em relação às crenças estereotípicas. Uma hipótese avançada para explicar o padrão de resultados obtidos seria de assumir que os participantes, devido a características dos atributos primados e da experiência em si, não foram capazes de identificar a fonte de activação da informação. Assim, de acordo com o modelo de confusão da fonte de activação, os indivíduos muitas vezes não são capazes de avaliar a origem da informação activada, resultando em inferências erróneas sobre a relevância da informação para o estereótipo. Isto faria com que os indivíduos não fossem levados a monitorizar o resultado da recompilação do estereótipo, resultando numa influência dos distractores contextualmente activados nesta.

Nesse sentido, na segunda experiência deste estudo, estes autores procuraram explorar justamente a possibilidade de algumas das propriedades do conteúdo dos atributos fortuitamente primados pelo contexto poderem desencadear a monitorização do resultado dos mecanismos de pistas compósitas. Assim, os autores primaram informação contra-estereotípica através do mesmo paradigma experimental utilizado no primeiro experimento, mas agora com dois grupos diferentes, trabalhadores das obras e *skinheads*. Assim, os conceitos primados podiam ser incongruentes ou irrelevantes dependendo do grupo-alvo. Os resultados indicaram que quando o atributo primado fortuitamente pelo contexto era contra estereotípico, os efeitos de contaminação desapareciam, parecendo confirmar a hipótese defendida de que, nestes casos, o conteúdo da informação desencadearia a monitorização e, logo, evitaria que esta fosse incorporada no estereótipo recompilado. Na terceira e última experiência, Santos e colaboradores (submetido) quiseram assegurar-se que os participantes não se apercebiam da ligação entre a tarefa de primação e as tarefas subsequentes de reconstrução de estereótipos. Nesse sentido, os participantes foram primados com os mesmos atributos da segunda experiência mas, desta vez, de forma subliminal. Os resultados replicaram aqueles que foram obtidos nas experiências anteriores, fornecendo assim suporte às hipóteses anteriormente avançadas e opondo-se à ideia

de que os efeitos do contexto observados poderiam ser derivados de uma tentativa deliberada de mudar o conteúdo do estereótipo, como consequência de uma eventual suspeita da influência da primazia na recomposição do estereótipo, como defendiam Garcia-Marques e Mackie (1999).

De facto, Garcia-Marques e Mackie (1999) já tinham testado a hipótese explicativa apontada por Santos e colaboradores (submetido), em confronto com uma outra que supunha uma recuperação compreensiva de exemplares e que seria mais exigente em termos de recursos cognitivos. No seu estudo, esta viria-se a constatar que era a explicação mais plausível. Assim, segundo Garcia-Marques e Mackie (1999) o efeito do contexto na representação das categorias sociais resultaria de um processo deliberado de mudança ou revisão dos estereótipos e, sendo assim, estariam envolvidos recursos cognitivos. Esta hipótese foi proposta por estes autores ao observarem que a primazia de informação contra-estereotípica tinha impacto em medidas de tendência central e variabilidade percebida apenas em condições de não sobrecarga cognitiva. Estes resultados levaram os autores a propor que, face a informação incongruente com o estereótipo, os indivíduos tentariam deliberadamente ampliar o número e tipo de pistas normalmente geradas e utilizadas para compilar as representações sobre o grupo social. Sugerindo que os efeitos do contexto encontrados em estudos equivalentes reflectem o resultado de um processo cognitivo deliberado e sistemático de compilação de crenças acerca de um grupo a partir de um conjunto auto-gerado de pistas mais amplo.

No entanto, existem importantes diferenças entre os paradigmas utilizados nos estudos de Garcia-Marques e Mackie (1999, 2001), no realizado por Santos e colaboradores (submetido), assim como no presente estudo, que convêm ser salientadas. Nos estudos de Garcia-Marques e Mackie (1999, 2001) a informação utilizada (i.e., as descrições de membros atípicos do grupo) não foi nem fortuitamente primada, nem irrelevante para a tarefa subsequente de compilação do estereótipo. Nesse sentido, as mudanças encontradas por estes autores são compatíveis com a hipótese de recuperação compreensiva de exemplares. Contudo, se tivermos em conta os resultados obtidos com a primazia fortuita de informação irrelevante, esta hipótese torna-se menos adequada. De facto, os resultados de Santos et al (submetido) apoiaram fortemente a hipótese de que informação não estereotípica activada no contexto, de maneira fortuita, permite que o processo de compilação do estereótipo seja vulnerável à incorporação dessa informação e que esta seja ilusoriamente aceite, enquanto conhecimento estereotípico do grupo. Tendo em conta que, de acordo com a sua definição, a informação irrelevante não é gerada espontaneamente sobre o grupo social (nem ela nem os seus antónimos), então, em princípio, está-se a minimizar a possibilidade de se tratar de informação que foi previamente codificada em

associação com o grupo social e, portanto, a minimizar o facto de se tratar de um efeito devido meramente a uma tentativa deliberada de ampliar o número e tipo de pistas normalmente geradas e utilizadas para compilar as representações sobre o grupo social, uma vez que estas, por natureza, não estariam associadas à categoria em questão. Este padrão de resultados parece ir contra a ideia de que a instabilidade dos estereótipos e sensibilidade ao contexto derivam de uma correcção deliberada do conteúdo do estereótipo, que resultaria de uma eventual consciência da influência da primação durante a compilação do estereótipo. Assim, tendo em conta estes resultados e as especificidades do paradigma utilizado no presente estudo e no estudo anterior de Santos e colaboradores (submetido), uma explicação não-deliberativa baseada em pistas compósitas permanece teoricamente viável.

Para além disso, no estudo de Santos e colaboradores (submetido), parece que não houve acesso introspectivo dos participantes, avaliado através de questionários realizados após a situação experimental, sobre o potencial efeito que definir um conceito numa tarefa linguística tem na tarefa subsequente de reconstrução do estereótipo (Santos et al., submetido). Para complementar isto, o mesmo padrão de resultados foi observado quando a primação da informação foi realizada de forma subliminar, permitindo um controlo mais preciso sobre o grau de consciência dos participantes em relação ao conteúdo dos primes (Santos e colaboradores, submetido, exp. 3). Estes resultados indicam, mais uma vez, que é pouco provável que os indivíduos estejam a tentar deliberadamente rever, de acordo com o contexto, os seus estereótipos.

1.3.5. Estereótipos enquanto estruturas de conhecimento dinâmicas

Uma forma de interpretar a instabilidade e efeitos do contexto observados nos estereótipos é supondo que estes derivam do facto de estarmos a lidar com estruturas de conhecimento que são reconstruídas a cada momento. De acordo com os modelos constructionistas, os estereótipos são estruturas de conhecimento dinâmicas, que são recuperadas e reconstruídas quando necessárias (Garcia-Marques e tal., 2006; Garcia-Marques, 2010). Isto porque, não estamos sempre a reconsiderar toda a informação que possuímos acerca dos grupos de indivíduos com os quais lidamos mas, em cada momento, perseguimos objectivos sociais. Sobretudo se tivermos em conta que a informação associada a cada estereótipo pode ser muito extensa e variada, não permitindo que a sua recompilação não possa ser exaustiva. Assim, apesar de ser provável que a informação mais fortemente associada com o estereótipo seja activada e

incluída no estereótipo recompilado, este processo de recompilação ou reconstrução de crenças ocorre em ambientes instáveis e com ruído (i.e., erro), sendo assim permeável a este, tornando-se inerentemente incerto, instável e dependente do contexto (Garcia-Marques, 2010).

Assim, quando uma crença é necessária, os indivíduos reconstróem-na, mas devido a debilidade deste processo, por vezes informação que está acessível ou saliente no contexto pode ser incorporada no estereótipo sem que o indivíduo se dê conta. Esta ideia está de acordo com as assumpções do modelo de confusão da fonte de activação (*Source of Activation Confusion - SAC*; Ayers & Reder, 1998; Reder & Schunn, 1996) segundo o qual os indivíduos nem sempre, se nunca, se apercebem porque é que determinada informação está activa. De acordo com este modelo, os indivíduos podem ter acesso consciente aos conceitos activados (sejam os que estão armazenados em memória ou os presentes no contexto), mas não às associações entre eles. Esta limitação introspectiva leva a que se torne muito difícil inferir a fonte de activação dos conceitos, fazendo com que os indivíduos estejam vulneráveis à inferência de conceitos activados no contexto, enquanto pertencentes às suas crenças típicas sobre uma categoria, mesmo quando não são. Assim, quando a informação é activada estes consideram que esta está associada ao estereótipo. Esta debilidade do processo de reconstrução de crenças é um dos factores chave para compreender a natureza dependente do contexto do conhecimento e crenças humanas.

Uma das formas de implementar esta dependência contextual, nomeadamente quando a contaminação é relativa a informação irrelevante, é através dos pressupostos básicos dos modelos de pistas compósitas, nos quais a natureza da informação disponível no contexto é crucial para o resultado da reconstrução (Doshier & Rosedale, 1989; McKoon & Ratcliff, 1992; Ratcliff & McKoon, 1988). Esta é uma alternativa aos princípios de activação por dispersão, que só podem funcionar com elementos que já se encontram previamente associados entre si, permitindo assim explicar efeitos de primação fortuita e incorporação de informação que não tem que necessariamente ter sido previamente codificada em relação com a representação mental da categoria, mas que resulta duma associação espúria. Explicando assim como é que informação irrelevante ou fortuita, quando activada imediatamente antes da recompilação de uma crença, é mais frequentemente escolhida como sendo informação relevante para o estereótipo.

Tal como foi discutido por Garcia-Marques e colaboradores (2006) e Santos e colaboradores (submetido), toda a evidência apresentada até agora sobre a instabilidade dos estereótipos e sensibilidade ao contexto tem sido compatível com os mecanismos de processamento que foram propostos por vários modelos teóricos de diferentes literaturas da psicologia cognitiva, como os modelos de processamento de informação baseado em exemplares,

perspectivas conexionistas e modelos mistos. Mas esses mecanismos não foram, até muito recentemente (Santos et al, submetido), directamente utilizados como explicação para a natureza maleável e dependente do contexto das representações sociais, nomeadamente para explicar o efeito observado da primação de informação irrelevante na reconstrução dos estereótipos. Neste sentido, iremos neste estudo dirigir a nossa atenção para um dos possíveis mecanismos subjacentes – as pistas de recuperação compostas (Doshier & Rosedale, 1989; McKoon & Ratcliff, 1992; Ratcliff & McKoon, 1988), tal como definido nos modelos de pistas compósitas.

Conforme já foi referido, existem uma série de mecanismos cognitivos na literatura de processamento conceptual (categorias não sociais, estereótipos e até atitudes) que poderiam explicar a sensibilidade ao contexto que se tem recentemente observado nas diferentes estruturas de conhecimento, uma vez que estas convergem exactamente para a mesma predição de quando existe informação relevante para o estereótipo saliente no contexto, esta será normalmente incorporada na construção posterior do mesmo (Garcia-Marques et al., 2006). No entanto, e como já vimos, a informação saliente no contexto não tem que ser necessariamente relevante para influenciar o estereótipo. De acordo com os dados obtidos por Santos e al. (submetido), a informação pode ser irrelevante para o estereótipo, i.e., pode tratar-se de informação que não tenha correspondência com qualquer crença estereotípica prévia. Mesmo quando a informação que se encontra fortuitamente saliente no contexto é não-estereotípica, será incorporada enquanto estereotípica da representação do grupo, na reconstrução posterior da mesma. Segundo as assunções dos modelos cognitivos, que concebem as pistas de recuperação enquanto pistas compostas (Doshier & Rosedale, 1989; McKoon & Ratcliff, 1992; Ratcliff & McKoon, 1988), os mecanismos cognitivos, quando aplicados ao processamento conceptual, são capazes de prever os efeitos contextuais da informação saliente na compilação dos estereótipos, mesmo quando estas não correspondem a crenças estereotípicas prévias.

Nesse sentido, no presente estudo, iremos explorar a ideia, tal como fizeram anteriormente Santos e colaboradores (submetido), de que as pistas mnésicas compósitas representam a melhor forma de articular as vicissitudes da instabilidade e dependência contextual do processo de recompilação de crenças sociais.

II. Modelo de (Re)Composição e Monitorização de Crenças

2.1. A Teoria da Recuperação por Pistas Mnésicas Compósitas:

Esta ideia tem sido defendida por vários autores (Garcia-Marques & Mackie, 1999, 2001; Santos et al., submetido) e encontra-se suportada na ideia de que o processo de recuperação, geração e recompilação de crenças, procede de acordo com os pressupostos básicos dos modelos de pistas compósitas (Doshier & Rosedale, 1989; Gillund & Shiffrin, 1984; Hintzman, 1986; Murdock, 1982; Ratcliff & McKoon, 1988), nos quais a natureza das pistas disponíveis no contexto é crucial para o resultado da reconstrução.

De acordo com os modelos referidos, a recuperação de memória é realizada através de pistas compósitas que incorporam pistas sobre o alvo que se encontram disponíveis no momento e/ou pistas criadas estrategicamente, para além de uma série de características do contexto. Os resultados (*output*) da recuperação (i.e., os exemplares gerados) são posteriormente determinados pela familiaridade (i.e., a força acumulada das associações prévias) entre a pista compósita e os itens armazenados em memória (Garcia-Marques & Mackie, 1999). Desta forma, propomos que a interacção contínua, entre a compilação de informação e a informação disponível no contexto, só é possível devido à natureza compósita da memória humana. De facto, na literatura existente sobre esta, os efeitos de memória dependentes do contexto (i.e., efeitos de primação) têm sido explicados pelos modelos de pistas compósitas (Doshier & Rosedale, 1989; Ratcliff & McKoon, 1988). Este mecanismo tem sido utilizado para explicar os efeitos de primação (subliminar e supraliminar), onde os estímulos *prime* e alvo representam a sonda mnésica composta e a resposta mnésica resultante é função da história associativa prévia dos dois estímulos (Doshier & Rosedale, 1989; Ratcliff & McKoon, 1988).

Assim, a ideia defendida no presente estudo é que esta explicação pode ser igualmente utilizada para explicar a maleabilidade observada nos processos de compilação de estruturas de conhecimento, quer ao nível das categorias comuns, quer das categorias sociais. Isto é, estamos interessados em estender este mesmo mecanismo, tal como fizeram Garcia-Marques e Mackie (1999, 2001) e Santos e colaboradores (submetido), às consequências dos pressupostos básicos dos modelos de pistas compósitas (Doshier & Rosedale, 1989; Gillund & Shiffrin, 1984; Hintzman, 1986; Murdock, 1982; Ratcliff & McKoon, 1988, 1991) para descrever os processos de (re)composição de crenças (Garcia-Marques, 2010).

De acordo com os modelos que concebem as pistas de recuperação como sondas mnésicas compósitas (Doshier & Rosedale, 1989; McKoon & Ratcliff, 1992; Ratcliff & McKoon, 1988), os mecanismos cognitivos, quando aplicados ao processamento conceptual, são capazes de prever os efeitos do contexto de informação saliente na compilação de estereótipos, mesmo quando este não corresponde às crenças estereotípicas prévias. Isto porque, a teoria das pistas compósitas (Ratcliff & McKoon, 1988; Doshier & Rosedale, 1989; McKoon & Ratcliff, 1992) mostra que os efeitos de primação são possíveis sem que seja necessária uma associação prévia entre os elementos (*prime* e *target*), uma vez que, a resposta mnésica resultante é função da natureza das associações específicas feitas na pista compósita. Nesse sentido, distractores e elementos do contexto, sejam eles congruentes com as crenças existentes ou mesmo irrelevantes, são incorporados à informação estereotípica, especialmente em contextos onde a monitorização é particularmente difícil de ser realizada.

De uma forma mais específica, o que sucede é que a informação disponível no contexto é espontaneamente integrada com a informação estereotípica, formando-se assim uma pista compósita que é comparada com as memórias e associações existentes na memória a longo prazo, sendo posteriormente compilado um julgamento de output. Desta forma, este output compilado (i.e., o conhecimento gerado sobre o estereótipo de um grupo social) será determinado pela familiaridade (i.e., a força acumulada de associações prévias) entre a pista compósita e a informação em memória. Assim, mesmo levando em consideração que os estereótipos são representações, supostamente, estáveis, o seu processo de compilação ou recuperação num dado momento pode ser falível, pois encontra-se inerentemente dependente da situação disponível no momento (Medin & Ortony, 1989; Smith, 1989). Apesar de, por si só, a presença do rótulo do grupo contribuir para a pista compósita, pois cria, à partida, uma inclinação para a recuperação de informação típica sobre a categoria em questão (Kahneman & Miller, 1986), é igualmente possível que a contaminação contextual possa passar despercebida (Santos et al., submetido). Para que tal aconteça, basta que a informação proeminente no contexto não seja típica e nem contradiga, de forma directa, a informação estereotípica activada pela pista de recompilação do estereótipo.

Assim, o mecanismo baseado nas pistas mnésicas compósitas, quando aplicado às crenças estereotípicas, prediz que distractores salientes no contexto sejam incorporados no estereótipo reconstruído, mesmo quando estes não correspondem a crenças estereotípicas prévias, uma vez que os julgamentos sobre as crenças podem ser baseados na activação mnésica momentânea desses distractores. Deste modo, o entendimento sobre a recuperação de informação de memória

guiada por pistas compósitas fornece uma explicação, quer para a instabilidade que se tem recentemente observado nos estereótipos e na modificação que a informação irrelevante pode provocar nestes, quer para a estabilidade e inércia, tradicionalmente associadas a este tipo de estruturas de conhecimento, uma vez que se o contexto for igual, então as pistas salientes serão as mesmas, acontecendo o mesmo com o estereótipo reconstruído (Garcia-Marques & Mackie, 1999; Santos, 2010).

No entanto, um aspecto fundamental para podermos adoptar esta hipótese explicativa diz respeito à natureza da informação que é primada pelo contexto. Como já referimos, os estudos anteriores exploraram maioritariamente os efeitos do contexto através do aumento da acessibilidade informação relevante para o estereótipo (Blair, et al., 2001; Coats & Smith, 1999; Garcia-Marques & Mackie, 1999, 2001; Garcia-Marques, et al., 2006; Livingston & Brewer, 2002; Macrae, et al., 2002; Sinclair & Kunda, 1999; Smith & Zárate, 1992; Wittenbrink, et al., 2001). Nestes casos, uma explicação alternativa para os efeitos observados poderia ser encontrada no facto de a informação saliente no contexto estar a ser utilizada para, de uma forma racional, alterar o estereótipo (Garcia-Marques & Mackie, 1999, 2001). Contudo, e como observámos, estudos recentes vieram mostrar que os efeitos obtidos são os mesmos, mesmo quando a informação saliente no contexto é irrelevante para o estereótipo (Santos et al., submetido), tornando esta hipótese explicativa menos apropriada para explicar a sensibilidade ao contexto das estruturas de conhecimento.

De facto, o estudo de Santos e colaboradores (submetido) demonstrou que os indivíduos incorporavam os distractores irrelevantes primados pelo contexto nas suas reconstruções dos estereótipos, considerando-os como bons descritores dos grupos, mesmo quando estes não tinham qualquer associação com as crenças estereotípicas armazenadas em memória. No entanto, o mesmo não aconteceu com distractores ditos contra-estereotípicos. Na sua segunda experiência, estes autores, primaram atributos contra-estereotípicos imediatamente antes da compilação do estereótipo e não obtiveram qualquer efeito do prime na escolha de traços (i.e., compilação do estereótipo), nem na avaliação dos primes correspondentes (i.e., nas escalas de avaliação de traços). Assim, e ao que tudo indica, não se observa uma incorporação dessa informação no estereótipo recompilado, quando as pistas disponíveis no contexto contradizem o conhecimento recuperado.

Uma forma de interpretar estes resultados seria considerar que apesar da incorporação de informação, cuja fonte é dificilmente detectável, ser relativamente automática, existem outros processos que são responsáveis pela exclusão de informação activada quando esta contraria, de

uma forma directa, aquela que se encontra armazenada em memória, acerca de um determinado grupo ou categoria. Assim, existiria um mecanismo que deliberadamente tentaria proteger os indivíduos contra intrusões do contexto que possam contaminar o conhecimento (Johnson, Hashtroudi & Lindsay, 1993; Wilson & Brekke, 1994). Propomos que esse mecanismo consistiria na monitorização de crenças que seria desencadeada durante o processo de recompilação de crenças.

2.2. Reconstrução de Crenças e Monitorização:

A presente proposta para a interpretação dos efeitos do contexto observados (Garcia-Marques & Mackie, 1999, 2001; Garcia-Marques, et al., 2006; Santos et al., submetido) é que estes resultam de uma falha da monitorização de crenças. Esta ocorreria durante a recompilação das crenças, a partir de pistas compósitas, e levaria as pessoas a responder com base em julgamentos heurísticos derivados ou resultantes da activação momentânea dos conteúdos primados. Esta monitorização de crenças é necessária devido à vulnerabilidade observada no processo de compilação de crenças. Assim, propomos que esta possa ser equiparada a uma monitorização da realidade (Johnson, 2006; Johnson, Hashtroudi & Lindsay, 1993), na medida em que tem como objectivo discernir o que foi gerado internamente (constituindo a crenças típica e, supostamente, verdadeira) daquilo que faz parte da informação externa (i.e., advinda do contexto) e que, inadvertidamente, foi incluída na pista compósita. Este processo de monitorização de crenças, tal como a monitorização da realidade, não ocorre de uma forma espontânea, necessitando de recursos, sendo portanto sensível ao erro e ruído. Para além disso, e uma vez que as crenças, enquanto traços de memória gerados internamente, não possuem marcas especiais na memória, o processo de monitorização será dificultado, fazendo com que este tenha de depender de julgamentos atribucionais indirectos. Estas avaliações atribucionais indirectas são baseadas em critérios como sentimentos de familiaridade, consistência com os truísmos culturais, consistência com outras crenças vigentes ou convergência com fontes fidedignas. Nesse sentido, e tendo como inspiração o raciocínio da monitorização da realidade, o presente estudo propõe que, quando a informação disponível não é incongruente com as expectativas sobre as características de uma crença típica, no momento em que esta é compilada em memória, então essa informação será tida como correspondente à crença prévia. Assim, de acordo com esta ideia, um erro de atribuição da fonte das crenças poderá ocorrer, sempre que a informação activada, apesar de não se encontrar relacionada com as crenças, tenha características suficientemente próximas da crença em si, para passar despercebida durante a monitorização, parecendo, por um lado, “familiar” mas,

por outro, não contradizendo nem os truísmos culturais, nem outras crenças altamente acessíveis e/ou atribuídas a uma fonte episódica fidedigna (Ayers & Reder, 1998; Reder & Schunn, 1996). Se a informação não preencher estes requisitos, a monitorização de crenças será desencadeada, o que significará que o processo de compilação de crenças se tornará muito menos permeável às influências do contexto. Quando falha a monitorização de crenças, as mudanças nestas poderão passar, muitas vezes, despercebidas.

Desta forma, quando a informação activada momentaneamente no contexto é irrelevante para o estereótipo, ou seja, não é estereotípica deste mas não contraria, directamente, as crenças estereotípicas que estão simultaneamente acessíveis, a sensação de familiaridade pode levar os indivíduos a inferir, erradamente, que se trata de uma crença verdadeira. Isto porque, em muitas circunstâncias, quando temos de avaliar a veracidade das nossas crenças, apenas inferimo-la, e, muitas vezes, a simples sensação de familiaridade com a informação, derivada da activação momentânea da informação, pode ser considerada como uma pista válida suficiente para inferir essa veracidade (Kamas & Reder, 1994; Santos e tal, submetido); e como esta informação não contraria directamente outras crenças acessíveis no momento, terá também uma influência no julgamento da veracidade da informação, fazendo com que, nestas condições, a contaminação contextual passe despercebida.

Assim, a ideia aqui defendida parte do pressuposto que, quando a informação primada pelo contexto é irrelevante para o estereótipo, esta será integrada na sonda mnésica compósita e como não vai contrariar directamente as crenças estereotípicas, a activação momentânea da informação irá conduzir os indivíduos a inferir, de uma forma errada, que se trata de uma crença verdadeira. Esta acabará por ser incorporada na definição do estereótipo em questão. Nessas circunstâncias, os distractores activados no contexto influenciam a compilação do estereótipo, uma vez que os indivíduos não são incentivados a monitorizar o output dos mecanismos de pistas compósitas.

No entanto, sabemos que, em muitas circunstâncias, somos capazes de rejeitar as influências contextuais nas nossas respostas, mesmo que não estejamos deliberadamente a tentar evitar sermos contaminados ou que não estejamos conscientes da influência do contexto nas nossas respostas. De facto, quando se fala em estereótipos, a informação disponível no contexto e que é integrada nas pistas compósitas, nem sempre irá contaminar a reconstrução destes. Como vimos, Santos e colaboradores (submetido) demonstraram que quando a informação fortuitamente primada pelo contexto é contra-estereotípica, o contexto deixa de ter efeito na compilação posterior do estereótipo. Uma forma de interpretar estes resultados é considerar que

existe um limite aos efeitos de contaminação contextual, que acontece quando as propriedades do conteúdo da informação, fortuitamente primada pelo contexto, desencadeiam, intrinsecamente, a monitorização do resultado das pistas compósitas (Santos e tal., submetido). Ou seja, a base para a monitorização de crenças seria o próprio processo de recuperação de informação, que ocorre quando se recompõe um estereótipo. Quando a informação contextual é contra-estereotípica, o facto de esta contrariar directamente a informação estereotípica, levará a que, provavelmente, a activação momentânea de informação deixe de ser usada como pista válida para julgar a veracidade das crenças.

Assim, quando informação contra-estereotípica é involuntariamente integrada numa sonda compósita, a monitorização será automaticamente desencadeada, uma vez que a mera presença do rótulo do grupo torna acessível informação estereotípica e expectativas relativas a crenças verdadeiras, que serão directamente contrariadas pela informação que está a ser contextualmente activada, existindo, desta forma, um critério que permite rejeitar a informação contextualmente primada, diagnosticando-a como não sendo uma crença verdadeira. Nesse sentido, a ausência de efeitos do contexto poderá ser interpretada como sendo resultado da eficácia da monitorização. O que estamos a supor é que a monitorização pode ser mais, ou menos, eficaz em determinadas circunstâncias e que a contaminação contextual ocorre quando existe uma falha desse processo de monitorização.

Um aspecto importante a considerar consiste na natureza da informação que é utilizada como referência pela monitorização. Segundo a teoria aqui proposta, os estereótipos e categorias são compilados, no momento, através de uma pista compósita, sendo posteriormente comparados com as crenças existentes. A noção de monitorização implica, necessariamente, que exista uma segunda representação, gerando-se, desta forma, uma comparação entre a primeira e a segunda. São então postuladas duas representações distintas: uma, produzida no momento e sensível ao contexto, e uma segunda representação que é estável. À partida, esta representação dualista pode ser facilmente criticada pela sua redundância (se já existe uma representação estável usada como referência, para quê compilar outra?) e conseqüente perda de tempo e recursos. No entanto, importa perceber quais são as características fundamentais de uma representação para que esta possa ser utilizada como referência num processo de monitorização. De facto, as crenças podem consistir numa representação bastante simples, como, por exemplo, um valor específico numa determinada escala subjectiva de avaliação. Esta informação pode, pura e simplesmente, consistir numa avaliação geral do alvo, a um nível unidimensional (inteligente-estúpido) ou mesmo multidimensional (inteligente-estúpido vs. sociável-anti-social). Por exemplo, no estudo

de impressões de personalidade (Asch, 1946; Rosenberg, Nelson, & Vivekananthan, 1968), constata-se que os indivíduos procuram localizar um indivíduo-alvo num determinado espaço psicológico bidimensional, através de duas dimensões: uma intelectual e outra social. Se assumirmos que os indivíduos apenas possuem como crenças o posicionamento do alvo num espaço multidimensional, verificamos que existem diversos conjuntos de atributos que poderiam produzir uma localização equivalente ou numa região próxima. A monitorização poderia então consistir num julgamento de comparação entre as localizações produzidas pelos atributos produzidos, com aquelas existentes em memória. Existiriam, então, dois aspectos importantes e vitais na monitorização: 1) a tolerância em relação às discrepâncias entre localizações produzidas e as memorizadas; e 2) a importância relativa dada a cada dimensão avaliativa. Através desta descrição, parece-nos que fica assim demonstrada como a existência de dois tipos de representações, uma compilada no momento e outra codificada na memória, não implicam necessariamente uma redundância.

Posto isto, esta vulnerabilidade à contaminação contextual vai de encontro à literatura sobre contaminação e correcção mental. Estes modelos preocuparam-se em compreender o grau de contaminação dos comportamentos, pensamentos, sentimentos e as crenças pelos processos mentais inconscientes ou incontroláveis.

2.3. Modelos de Contaminação Mental:

De acordo com o modelo de contaminação de Wilson e Brekke (1994), é bastante difícil evitar a contaminação contextual, uma vez que esta resulta de propriedades fundamentais da cognição humana e de teorias incorrectas sobre os enviesamentos mentais (Wilson & Brekke, 1994). Para o fazerem, os indivíduos teriam primeiro de detectar que esta existe, sendo que estes têm geralmente um fraco acesso aos processos pelos quais formam os seus julgamentos (Nisbett & Wilson, 1977). Como os indivíduos não têm noção da existência de uma grande parte do seu processamento mental, apenas conseguindo ter um acesso limitado a este, os processos que, de certa forma, conduzem à contaminação mental, acabam por passar despercebidos (Nisbett & Wilson, 1977). Assim, não temos, normalmente, nenhuma forma directa de saber se os nossos julgamentos estão a ser enviesados ou não. Outra causa da contaminação mental são as teorias incorrectas que os indivíduos possuem acerca da existência de influências indesejadas nos julgamentos, como a dificuldade de admitir e compreender como a informação acessível (i.e., informação irrelevante que está a ser primada pelo contexto) pode influenciar o julgamento (i.e., a

compilação do estereótipo), de forma não consciente. Para além disso, a contaminação mental passa, muitas vezes, despercebida porque os indivíduos são incapazes, como vimos, na maior parte das vezes, de detectar a origem ou fonte da informação, i.e., estes, muitas vezes, confundem qual a origem das suas memórias, pensamentos, sentimentos ou julgamentos (Ayers & Reder, 1998; Reder & Schunn, 1996; Wilson & Brekke, 1994). Por exemplo, Jacoby, Woloshyn & Kelley (1989) demonstraram que o sentimento de familiaridade, provocado pela leitura de um nome durante uma experiência anterior, levou os participantes a inferirem que um nome não famoso pertencia a uma pessoa famosa. Assim, um nome que parecia familiar aos participantes era confundido com um nome de uma pessoa famosa, precisamente porque estes não eram capazes de recordar, de forma consciente, de o terem visto anteriormente e, portanto, não saberem identificar a origem do sentimento de familiaridade provocado pelo nome. Isto aconteceria porque, segundo a abordagem de monitorização da fonte (Johnson, et al., 1993), os indivíduos não recuperam directamente um rótulo abstracto, especificando a fonte da informação, isto é, não existem pistas específicas sobre a origem da informação activada. Por causa desta incapacidade de reconhecer a contribuição exacta de todas as influências nos julgamentos dos indivíduos, torna-se difícil evitar ser afectado por informação indesejada (Wilson & Brekke, 1994). O facto da contaminação mental ser difícil de detectar significa que seja difícil evitá-la ou eliminá-la, pois os indivíduos não têm consciência que o seu julgamento está a ser enviesado, não tentando assim evitá-lo. Para além disso, e mesmo que os indivíduos estejam conscientes desse enviesamento, uma considerável quantidade de investigação tem sugerido que a capacidade das pessoas controlarem os seus pensamentos e sentimentos é muito limitada (Wegner & Pennebaker, 1993, citado por Wilson & Brekke, 1994). Nesse sentido, tentar evitar a contaminação mental tentando parar ou evitar uma sequência de pensamentos ou operações mentais não será a estratégia mais eficaz (Wilson & Brekke, 1994).

A vulnerabilidade à contaminação mental observada nos estereótipos tornaria então necessária a existência de um sistema de monitorização de crenças, como forma de prevenir a contaminação contextual dos processos de recomposição de estruturas de conhecimentos, evitando que afirmações ou informações disponíveis no contexto sejam, falsamente, adoptadas como crenças verdadeiras (Wilson & Brekke, 1994). Contudo, a monitorização de crenças é um processo falível e propenso a erros, sendo estes dificilmente detectados. De facto, existe, segundo Wilson e Brekke, (1994) uma grande dificuldade em evitar ou desfazer a contaminação mental, isto porque, os indivíduos não têm consciência de todos os seus processos mentais, dos limites do seu controlo mental e da dificuldade que têm em detectar esses enviesamentos. No caso das crenças (estereótipos ou crenças não sociais) geradas internamente, somos da opinião que as

pessoas decidem sobre a veracidade do que lhes vêm à cabeça (quando compilam essas crenças) dando importância e sendo mais vulneráveis a pistas próximas, como a facilidade com que essa informação lhes veio à cabeça (Santos et al., submetido). Podem e estão em condições de monitorizar, porque têm recursos para isso, porque têm possibilidade de fazer uma busca aprofundada às suas estruturas de conhecimento, e têm possibilidade de julgar a veracidade com base na recuperação de informação específica episódica, mas continuam a ser vulneráveis à activação momentânea da informação como pista para julgar a veracidade das crenças. Assim, o processo de reconstrução dos estereótipos, pode ser feito com base em julgamentos heurísticos, baseados na activação momentânea de informação. Isto explicaria porque é que informação irrelevante ou fortuita, quando activada imediatamente antes da recompilação de uma crença, é mais frequentemente escolhida como sendo informação relevante para o estereótipo. A activação momentânea da informação irrelevante e das crenças verdadeiras é um aspecto partilhado quando se prima fortuitamente informação irrelevante a partir do contexto. No caso da informação contraditória, apesar dessa activação momentânea também existir, há outro critério que permite rejeitar a informação.

Assim, o que pretendemos neste estudo é analisar os efeitos da eficácia da monitorização no julgamento de veracidade de crenças, durante o processo de reconstrução destas.

Uma vez que uma forma possível de investigar o impacto da monitorização nos efeitos de contaminação contextual na reconstrução de crenças é testar os efeitos dessa variável, retirando, ou minimizando, a possibilidade de ela operar, iremos explorar o envolvimento e papel da monitorização nos resultados anteriormente obtidos utilizando, nas mesmas condições, em vez de estereótipos sobre categorias sociais, crenças típicas acerca de categorias não sociais, uma vez que, nestas, a monitorização deverá ser menos necessária. Isto é, iremos estudar os efeitos do contexto e a permeabilidade das categorias comuns à informação primada pelo contexto (irrelevante e incongruente relativamente às crenças típicas) quando se prevê um menor envolvimento de monitorização sobre essas crenças. Isto porque, as crenças sociais e, conseqüentemente, os estereótipos, exigem, por natureza, um maior controlo e correcção social por parte dos indivíduos no sentido da confirmação dos valores e normas socialmente dominantes; pelo contrário, as crenças sobre categorias não sociais (categorias comuns), não exigem essa mesma correcção.

Nesse sentido, optámos por utilizar crenças típicas sobre categorias comuns. Estas partilham com os estereótipos algumas características, como o facto de serem caracterizadas por um alto grau de consenso, sendo partilhadas socialmente pela grande maioria das pessoas, tal

como os estereótipos; mas, por natureza, exigem, em comparação com os estereótipos, um menor controlo sobre a sua veracidade por parte dos indivíduos. Para além disso, apesar de existirem evidências sobre a instabilidade e efeitos do contexto nas categorias comuns, a possibilidade de incorporar atributos irrelevantes, ou mesmo contraditórios, enquanto atributos típicos da categoria, nunca foi explorada.

III. Papel da Monitorização na Instabilidade das Categorias Comuns

Na presente investigação, o método escolhido, para analisar o papel da monitorização na reconstrução de crenças, é o de proceder, por analogia, entre a categorização dita “natural” (que trata da inclusão categorial de objectos e de padrões de estimulação não-humanos) e a denominada “social” (que trata da inclusão categorial de pessoas). Wilder e Cooper (1981, pp. 249) traduziram bem esta analogia ao afirmarem: “Existem diferenças claras entre os grupos sociais e as categorias de objectos naturais (por exemplo, a influência mútua entre os membros dos grupos sociais, a natureza dinâmica dos processos de grupo). No entanto, parece-nos que a maioria das pessoas percepção um número suficiente de aspectos comuns entre ambos os tipos de categorias para que se justifique encorajar a análise das categorias sociais de forma análoga à das outras categorias de objectos”.

De facto, existem vários argumentos que permitem justificar a utilização de categorias comuns para testar a sensibilidade ao contexto e o papel da monitorização na reconstrução de crenças estereotípicas.

Para começar, existe um paralelismo entre as crenças típicas sobre categorias comuns e os estereótipos, no que diz respeito à sua definição, uma vez que estas crenças são concebidas como sendo responsáveis pelas características típicas dos grupos não sociais e estes, por sua vez, são gerados como estabelecendo as características típicas dos grupos sociais. De igual modo, as crenças típicas sobre categorias comuns partilham com os estereótipos o facto de serem consensuais e vastamente partilhadas. Para além disso, e em muitas circunstâncias, os estereótipos são também adquiridos indirectamente, em vez de o serem por via de experiência directa com membros do grupo, tal como acontece com as crenças típicas sobre categorias comuns.

Por outro lado, apesar das características psicológicas atribuídas aos diferentes indivíduos e grupos serem consideradas incomparavelmente menos observáveis e, por isso, mais subjectivas e ambíguas, permitindo então uma maior latitude de construção cognitiva (Garcia-Marques &

Garcia-Marques, 2003) a investigação tem vindo a revelar que existem diversas semelhanças entre as categorias sociais e não-sociais. Estudos demonstraram, por exemplo, que certas categorias não sociais (como as categorias *ad hoc*) podem ser tão heterogêneas quanto as categorias sociais (Barsalou, 1987, 1989).

Para além disso, e ainda mais relevante, foi o facto desta linha de investigação, i.e. a literatura cognitiva sobre categorização e categorias comuns, ter sido aquela que começou por questionar a estabilidade dos conceitos (Barsalou & Medin, 1986; Barsalou, 1987, 1989) e que viria a inspirar o teste da instabilidade das categorias sociais e dos estereótipos (Garcia-Marques et al., 2006; Santos, 2001). De facto, vários estudos demonstraram que as categorias comuns também não são tão estáveis quanto se acreditava. De facto, e conforme já foi referido neste estudo, dados da literatura sobre categorização mostraram que existe uma fraca fidelidade em fornecer definições de conceitos comuns (Barsalou, et al., 1987; Bellezza, 1984a, 1984b); em recuperar exemplares de categorias comuns (Bellezza, 1984c); em classificar exemplares nessas categorias (McCloskey & Gluksberg, 1978); e a avaliar a tipicidade de exemplares de categorias comuns (Barsalou, 1987, 1989; Barsalou & Medin, 1986; Barsalou, et al., 1986). Para além disso, a investigação revelou que as categorias taxonómicas comuns são largamente sensíveis ao contexto num conjunto de tarefas tipicamente de categorização; que, por exemplo, o contexto linguístico imediato enviesa, quer o julgamento de tipicidade de uma instância, quer a rapidez com que pode ser acedida (Roth & Shoben, 1983); e, ainda, que os objectivos temporários influenciam, quer o julgamento de tipicidade de instâncias, quer a rapidez com que é verificada a pertença de instâncias a categorias (Brauer, et al., 2003).

Assim, tendo em conta estes dados, considerou-se que as categorias sociais deveriam partilhar com as categorias comuns as características cognitivas essenciais. Nesse sentido, propôs-se que os estereótipos sociais deviam exibir igualmente um elevado nível de maleabilidade, paralelo àquele que era observado nas crenças sobre categorias comuns. De facto, e através do cálculo dos intervalos de confiança foi possível fornecer comparações directas entre os dados obtidos nos estudos da instabilidade dos estereótipos e os dados da literatura sobre categorias não sociais obtidos nas mesmas condições (Garcia-Marques et al., 2006; Santos, 2007). Assim, Garcia-Marques e colaboradores (2006) fizeram uma análise comparativa entre os resultados encontrados, tanto ao nível nos estereótipos, como nas categorias não sociais. Os resultados deste estudo demonstram que os níveis de instabilidade das categorias sociais são bastante similares àqueles encontrados nas categorias não sociais, nomeadamente a nível da avaliação da

tipicidade dos seus exemplares, destacando a semelhança entre os dois domínios no que diz respeito à sua instabilidade.

Assim, existem uma série de factores que demonstram o paralelismo entre estes dois tipos de crenças, possibilitando, de certa forma, a compreensão dos mecanismos subjacentes à reconstrução dos estereótipos através das crenças típicas sobre categorias comuns.

Esta utilização de crenças, típicas e consensuais, sobre categorias comuns, para testar o papel da monitorização na compilação de crenças sociais é feita com o objectivo de minimizar a hipótese da monitorização ser desencadeada. Isto porque, e conforme já foi referido, associada aos estereótipos, existe uma maior necessidade de verificar e controlar a veracidade das crenças, sendo estas orientadas para a confirmação dos valores e normas socialmente dominantes (Tajfel, 1982), podendo estes conduzir a uma maior monitorização e controlo da informação. As pessoas esperam que exista uma maior ambiguidade e subjectividade desta informação, assim como mais constrangimentos sociais quando expressam este tipo de crenças sociais, o que significa acabam por monitorizar mais. Em relação às categorias comuns, e ao contrário do que acontece com os estereótipos, estas são, por definição, representações nas quais as pessoas não pensam nem reflectem muito e não tentando igualmente analisar a razão dos seus conteúdos. Como existe menos pressão para avaliar a veracidade das crenças, a necessidade será menor para desencadear a monitorização durante a compilação de crenças. Desta forma, é um objecto em que se espera que a monitorização seja menor, deixando, desta forma, um caminho aberto para a mudança de certas crenças típicas destas categorias, quando expostas a um certo tipo de informação, presente no contexto.

Como já referimos, não é que as pessoas não tenham a capacidade de monitorizar, porque a têm, mas utilizam pistas heurísticas para testar a veracidade da informação com a qual se deparam, tanto para as categorias naturais como sociais. A diferença encontra-se ao nível da coesão e coerência que esperam dessas crenças. Isto porque, os indivíduos esperam que esta seja maior nas crenças estereotípicas do que naquelas sobre categorias naturais. Assim, na eventual presença de informação que, simultaneamente, se contrarie em relação a uma crença sobre uma categoria comum, esta poderá não desencadear uma busca truncada da memória à procura de crenças ditas “verdadeiras”. Ou seja, os indivíduos tenderão a monitorizar mais o resultado da recuperação e utilização deste tipo de crenças, em comparação com aquelas relativas a categorias comuns, pois esperam uma maior coesão nos estereótipos e porque estes possuem, dado o seu carácter humano, um importante papel interacção social. Nesse sentido, a incorporação de informação contra-estereotípica nas crenças típicas sobre categorias comuns poderá,

eventualmente, ser realizada através da primazia desse tipo de informação no contexto, uma vez que existe menos probabilidade da monitorização ser desencadeada e, portanto, da informação contra-estereotípica primada contextualmente ser refutada e, assim, rejeitada.

Resumindo, parecem existir evidências sobre a instabilidade e efeitos do contexto nas representações sobre categorias sociais. Os estudos nesta área têm demonstrando que ao se tornar informação (relevante ou irrelevante) fortuitamente saliente pelo contexto, imediatamente antes da compilação de crenças acerca de categorias sociais, esta é incorporada no estereótipo em questão (Santos et al, submetido). Contudo, quando a informação primada é contra-estereotípica a contaminação textual parece deixar de existir, levando a crer que a natureza da informação primada e das próprias categorias sociais desencadeia a monitorização da informação durante a recuperação e compilação de crenças.

Para testar esta hipótese, propõem-se utilizar, nas mesmas condições, crenças típicas sobre categorias não sociais que, por natureza, não requerem, por parte dos indivíduos, uma verificação da sua veracidade, existindo portanto uma menor necessidade para a monitorização da informação. Assim, procurar-se-á avaliar até que ponto é que as crenças típicas sobre categorias comuns são estruturas de conhecimento, dependentes do contexto e compreender como é que esta contaminação contextual ocorre, de forma a uma melhor compreensão sobre a natureza dos mecanismos envolvidos e, em particular, do papel da monitorização na recompilação das crenças típicas sobre categorias não sociais. Isto porque, apesar de existirem evidências da instabilidade e efeitos do contexto em categorias comuns (Barsalou, 1982; Barsalou & Sewell, 1994; Roth & Shoben, 1983; Wisniewski, 1995; Yeh & Barsalou, 1996), a permeabilidade ao contexto de crenças típicas sobre estas e as circunstâncias em que a monitorização dessas crenças ocorre não têm sido completamente exploradas, uma vez que os estudos citados não exploram directamente, a possibilidade de incorporar atributos irrelevantes, ou mesmo contraditórios, como atributos típicos da categoria.

Nesse sentido, o presente estudo, procura compreender como é que o contexto, e de uma forma mais específica, os atributos irrelevantes e atípicos, influenciam a compilação de crenças típicas acerca de categorias comuns de seres vivos (experiência 1) e acerca de categorias comuns de seres não vivos (experiência 2), procurando assim compreender se existe, de facto, uma diferença neste efeito ao nível do tipo de categoria utilizada, i.e., seres vivos vs. seres não vivos.

Segundo os argumentos apresentados, espera-se, que os atributos, irrelevantes e atípicos, primados fortuitamente pelo contexto, tenham uma influência na compilação da informação

relativa à crença típica sobre categorias comuns, levando a que estes sejam mais frequentemente escolhidos como atributos relevantes (experiência 1). Prevê-se igualmente que as mudanças nas crenças típicas ocorram com maior frequência, e intensidade, nas categorias de seres não vivos (experiência 2). Isto porque, segundo hipótese de ligação característica-domínio dupla (Warrington & Shallice, 1984), os atributos funcionais (relativos ao que item faz ou para que é que serve/é utilizado) são mais importantes para definir os seres não vivos do que os atributos visuais (relativos à aparência visual de um item). Como a função de um objecto depende mais do seu contexto do que o seu aspecto físico, partimos do pressuposto que, em si, as categorias sejam, igualmente, mais influenciáveis à primação feita no contexto do que as categorias de seres vivos.

Nesse sentido, o presente estudo tem como objectivo testar se o aumento da acessibilidade de um constructo irrelevante ou incongruente no contexto leva a uma incorporação deste nas crenças típicas relativas a uma categoria comum compilada imediatamente depois, sendo incluído na definição posterior da mesma. Dada a literatura referida, consideramos que aumentar fortuitamente a acessibilidade de um constructo no contexto tem consequências no processo de compilação das crenças que vão para além da incorporação de informação típica, isto é, que a informação primada pelo contexto irá contaminar as crenças compiladas posteriormente sobre a categoria em causa, seja esta relevante ou não para estas crenças.

No presente estudo, define-se informação irrelevante como aquela que não é espontaneamente gerada sobre a categoria em questão e que não é tipicamente diagnóstica desta, não permitindo fazer a distinção entre esta e outras categorias comuns. No que diz respeito à informação atípica, esta é definida como a informação que vai directamente contra as crenças típicas acerca da categoria, representando as crenças opostas às sustentadas por esta.

Pré-Testes

Foram elaborados dois pré-testes com o objectivo de identificar os atributos típicos, atípicos e irrelevantes e as respectivas categorias comuns a serem utilizadas neste estudo. A partir destes, determinou-se quais os primos a utilizar, bem como a lista de adjectivos da tarefa tipo Katz e Braly (1933) e os conceitos a utilizar nas escalas de avaliação de dimensões relevantes. Este pré-teste desenvolveu-se em duas fases.

Pré-Teste 1

Na primeira fase do pré-teste pediu-se a 40 alunos da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa que descrevessem algumas categorias comuns referentes a seres vivos ou a seres não vivos. Foi pedido aos participantes que gerassem espontaneamente uma lista de atributos que considerassem típicos de cada categoria comum, baseado naquilo que consideravam ser as características que as pessoas normalmente associam a estas (por exemplo: “Indique-nos quais são as características que as pessoas tipicamente associam aos gatos” ou “Indique-nos quais são as características que as pessoas tipicamente associam às mesas”). Para cada categoria foram depois excluídos os atributos com o mesmo significado, simplificando desta forma a lista de características gerada para cada categoria. A partir destes dados foram escolhidas categorias que evidenciassem um elevado consenso a nível dos atributos mencionados (pelo menos 45% das vezes para cada categoria) e nas quais não houvesse a presença de atributos opostos (antónimos). Posteriormente foram escolhidos conceitos que pudessem ser de três tipos - típicos, atípicos ou irrelevantes - dependendo da categoria com a qual eram associados. Assim, uma característica podia ser típica, reflectindo as crenças associadas à categoria, atípica se as contradissesse directamente ou irrelevante se fosse um atributo que nunca tivesse sido gerado espontaneamente sobre essa categoria, podendo ou não ser verdadeiro, mas que não fosse bom descritor desta. Com estes conceitos e respectivas categorias foi realizada a segunda fase do pré-teste.

Pré-Teste 2

Na segunda fase do pré-teste pediu-se a outros 40 indivíduos (juízes independentes) que avaliassem a centralidade causal desses mesmos conceitos em relação a diferentes categorias de seres vivos ou seres não vivos. Estes tinham de indicar o quão importante é que consideravam que cada atributo era para a categoria em causa, qual a probabilidade de um membro dessa categoria possuir essa característica e até que ponto é que esse podia ser considerado como um membro da categoria caso não possuísse esse atributo. A partir das respostas fornecidas pelos participantes foram então escolhidas as categorias e os primes utilizados na primeira e segunda experiência deste estudo.

Foram seleccionados os traços com base na sua frequência e consenso das respostas ao nível da avaliação da tipicidade e centralidade causal dos atributos. Escolheram-se características que pudessem ser consideradas como muito centrais e, logo, típicas para uma categoria e que funcionassem ao mesmo tempo como características nada centrais e atípicas para outra categoria

e irrelevantes para outra (i.e. características cujas elas próprias e os seus antónimos não apresentassem qualquer relação com a categoria escolhida e às quais tivesse sido atribuída uma centralidade nula – a meio da escala ou dispersa – para a categoria escolhida). Por exemplo, a característica “inteligente” funciona como típica para a categoria dos “golfinhos” e atípica para a categoria das “galinhas” e irrelevante para a categoria dos “morcegos”.

Tendo isto tudo em conta, na primeira experiência deste estudo os participantes serão primados com os conceitos de “inteligência” e “estupidez” para as categorias dos *golfinhos*, *galinhas* e *morcegos* ou pelos conceitos “perigo” e “segurança” para as categorias dos *crocodilos*, *borboletas* e *avestruzes*. Na segunda experiência, os participantes serão primados com os conceitos de “portabilidade” e “imobilidade” para as categorias *carteiras*, *casas* e *sofás* ou pelos conceitos “compartimentação” e “compacidade” para as categorias *casas*, *bolas* e *roupa*. Os atributos típicos seleccionados para cada um dos seis grupos estão identificados no Anexo II.

Experiência 1

Nesta primeira experiência, pretende-se avaliar a sensibilidade ao contexto de crenças típicas sobre categorias comuns. Mais precisamente, procura-se compreender qual a probabilidade de, aquando da recompilação de uma crença, os atributos previamente salientes no contexto serem incorporados na crença reconstruída enquanto atributos típicos da categoria, mesmo quando estes atributos são à partida irrelevantes ou atípicos relativamente a esta. Espera-se que os atributos irrelevantes e atípicos primados fortuitamente pelo contexto tenham uma influência na compilação das crenças sobre as categorias em causa, levando a que estes sejam mais frequentemente escolhidos como atributos relevantes para descrever a categoria. No que diz respeito à primação contextual de atributos típicos, não se espera que tenha qualquer tipo de efeito na compilação subsequente da crença. Isto porque, segundo as ideias discutidas previamente, quando estamos a lidar com um atributo típico sobre uma categoria, é provável que a activação derivada da primação contextual leve a resultados virtualmente equivalentes aos obtidos através de um processo de activação por dispersão. Nesse sentido, a activação derivada da primação do contexto e a dispersão de activação com base associativa convergem ambas para o mesmo resultado, isto é, para a incorporação do traço típico na crença reconstruída.

Método

Participantes

Para a realização desta experiência será necessária a participação voluntária de 180 indivíduos de ambos os sexos, nomeadamente estudantes universitários da Universidade de Lisboa.

Plano Experimental

O plano experimental utilizado consistirá num plano factorial inter-participantes, com 3 tipos de primes (típico *vs* irrelevante *vs* atípico) X 3 categorias (*golfinhos vs galinhas vs morcegos* ou *crocodilos vs borboletas vs avestruzes*). Serão utilizados dois tipos de testes, entre participantes – tarefa de selecção de atributos e escalas de avaliação de dimensões relevantes, e as variáveis dependentes são 1) a proporção de atributos escolhidos para cada tipo (típicos, atípicos ou relevantes), e 2) as respostas dadas nas escalas de avaliação para cada uma das dimensões relevantes.

Material

O material a utilizar nesta experiência consiste numa lista de atributos típicos, atípicos e irrelevantes relativamente às crenças típicas associadas a seis categorias de seres vivos, e a 14 pares de escalas de avaliação de dimensões relevantes estas categorias, ambas escolhidas através dos pré-testes descritos anteriormente.

Lista de atributos:

Para medir os efeitos do contexto será utilizada uma tarefa de verificação de atributos a partir de uma lista, adaptada de Katz e Braly (1933). Esta tarefa foi escolhida por ter sido utilizada anteriormente para testar esta mesma sensibilidade ao contexto nos estereótipos (Santos et al., submetido). Para além disso, este foi o primeiro método a ser escolhido para estudar os estereótipos empiricamente (a check-list de adjetivos de Katz & Braly, 1933), tendo sido usado posteriormente para estudar a persistência temporal dos estereótipos ao longo de várias gerações (Trilogia de Princeton: Katz & Braly, 1933; Gilbert, 1951; Karlins, et al. 1969) e para testar a instabilidade dos estereótipos em função da manipulação do contexto (Garcia-Marques, et al., 2006). No que diz respeito às listas de atributos, esta será constituída por atributos mencionados

pelo menos 20% das vezes para cada categoria (Dovidio, Evans & Tyler, 1986) na primeira fase do pré-teste e por atributos atípicos e irrelevantes para a categoria (Anexo II)

Escalas de dimensões relevantes:

Os participantes farão igualmente julgamentos de traços em escalas de avaliação de traços de 9 pontos baseadas nas crenças comuns acerca de cada uma das categorias. São aqui utilizadas escalas de avaliação, por estas serem tradicionalmente utilizadas na literatura enquanto forma de medir os estereótipos e a mudança destes (Santos et al., submetido; Devine, 1989). Contudo, no presente estudo estas serão utilizadas enquanto medidas da vulnerabilidade das crenças típicas sobre categorias comuns à primação contextual (Santos et al., submetido).

As avaliações serão feitas numa escala de 9 pontos, em que 1 corresponde a um pólo do atributo e 9 corresponde ao pólo oposto (por exemplo, Burro 1 2 3 4 5 6 7 8 9 Inteligente). As 14 dimensões seleccionadas foram aquelas que foram mais vezes utilizadas pelos participantes durante o pré-teste para descrever os dois grupos. Escolhemos estas por serem as dimensões que melhor representam as expectativas dos indivíduos relativamente aos traços esperados para cada uma das categorias. Serão igualmente incluídas para as três categorias dimensões relativas aos conceitos primados, bem como uma dimensão não típica (Anexo III).

Procedimento

Os participantes começarão por completar uma tarefa linguística introduzida como sendo um pré-teste para obter material para futuros estudos que estão a ser desenvolvidos por uma equipa de investigação na área da linguística. Esta tarefa inicial tem como objectivo primar determinados conceitos (típicos, irrelevantes ou atípicos) relativos às crenças típicas sobre as categorias comuns escolhidas. Assim, será pedido aos participantes que definam nas suas próprias palavras, pensando em abstracto, um conceito (por exemplo, *inteligência*). Após concluírem esta tarefa, os participantes serão imediatamente dirigidos para a segunda fase do estudo que, aos olhos do participante, se trata da “verdadeira experiência”. As instruções gerais e o procedimento para esta experiência foram elaborados de acordo com o procedimento de Katz e Braly (1933). Nesse sentido os participantes seleccionarão de entre 45 traços apresentados, os cinco traços que melhor descrevem, segundo eles, uma das categorias utilizadas neste estudo. Em seguida, completarão 14 escalas de avaliação de dimensões relevantes de 9 pontos para essa mesma categoria.

Tarefa de Primação:

A primação de atributos típicos, irrelevantes e atípicos será feita de forma supraliminar. Isto é, será apresentada sob a forma de um pré-teste não relacionado com a experiência em causa, sendo que as próprias instruções e questões serão formatadas de forma diferente das utilizadas na suposta “verdadeira” experiência, de maneira a convencer os participantes de que as experiências são realmente independentes uma da outra. Isto porque, um aspecto importante para que possamos alcançar os objectivos deste estudo e justificar a nossa argumentação é garantir que os participantes não tenham consciência do potencial efeito que o processamento de um estímulo poderá ter na tarefa de recompilação subsequente. Assim, só poderemos garantir que os efeitos contextuais, isto é, que a incorporação de um conceito irrelevante ou atípico contextualmente activado na recompilação de uma crença, não advêm de uma revisão consciente e deliberada do conteúdo da crença por parte dos indivíduos, se garantirmos a ausência de consciência por parte dos indivíduos do efeito que o processamento consciente prévio de estímulo possa ter.

No sentido de primar os sujeitos, ser-lhes-á pedido que definam um conceito (por ex. inteligência) numa tarefa linguística aparentemente não relacionada, que co-ocorrerá de forma arbitrária com a tarefa de reconstrução da crença, de maneira a que seja impossível os participantes preverem que este contexto contém o objecto em estudo. Assim, para dar maior credibilidade à tarefa de primação pedir-se-á primeiro aos participantes que façam julgamentos de familiaridade sobre algumas palavras. Depois será pedido aos participantes que definam genericamente duas palavras, uma neutra (por exemplo, *conservador*) e uma correspondente ao traço que queremos primar (*inteligência, estupidéz, perigo* ou *segurança*) (Anexo I). Espera-se que os efeitos temporários de activação residual, resultantes do processamento consciente do conceito primado, na reconstrução da crença não sejam detectados pelos participantes.

Tarefa de verificação de atributos:

A tarefa de selecção de atributos (Anexo II) a partir de uma lista seguirá imediatamente a tarefa de primação. De acordo com a tarefa utilizada por Katz & Braly (1933), os participantes deverão escolher de entre 45 traços os 5 que considerem que melhor descrevem a categoria em causa. As instruções para a tarefa de selecção de traços poderão ser consultados no Anexo II.

Tarefa de escalas de avaliação de dimensões relevantes:

Após a tarefa de verificação de atributos a partir de uma lista, os participantes serão submetidos a uma tarefa de escalas de avaliação de dimensões relevantes onde terão de fazer

juízos de traços em escalas de avaliação de 9 pontos baseadas nas crenças comuns acerca de cada uma das categorias, em que 1 corresponde a um pólo do atributo e 9 corresponde ao pólo oposto (por exemplo, Burro/a 1 2 3 4 5 6 7 8 9 Inteligente).

Para finalizar, os participantes serão questionados sobre a relação entre as duas tarefas, i.e. sobre se tiveram consciência da sua relação, com o propósito de determinar se houve qualquer recolocação consciente da relação entre a tarefa primária e a tarefa subsequente de construção das crenças. Nesse sentido, deverão responder a um breve questionário e serão tidas em conta quaisquer comentários por parte destes a este respeito.

Resultados e Discussão

Tarefa de verificação de atributos:

Para determinar o efeito da primária dos conceitos na escolha de traços durante a tarefa de selecção de atributos será utilizado um teste exacto de Fisher. Este permite identificar as relações existentes entre duas variáveis dicotómicas cruzadas numa tabela de contingência 2x2, em pequenas amostras independentes e assim, avaliar a sua significância estatística.

Não se esperam efeitos da primária de traços típicos na escolha de traços. Isto é, espera-se que não se observem diferenças ao nível da frequência de escolha de traços típicos enquanto melhores descritores do grupo quer estes correspondam ao *prime* ou não. No entanto espera-se que a primária de traços atípicos e irrelevantes aumente a frequência da escolha dos mesmos enquanto melhores descritores do grupo.

Por exemplo, espera-se que a percentagem de participantes que escolha a característica “inteligente” para descrever a categoria dos *golfinhos* (traço típico) seja igual quer tenha sido anteriormente o conceito “inteligência” ou quer não. Por outro lado, espera-se que a percentagem de participantes que escolha “inteligente” (traço irrelevante) para descrever os *morvegos* seja significativamente maior quando for primado anteriormente o conceito “inteligência” do que se não for primado nenhum traço. Espera-se igualmente que a percentagem de participantes que escolha “inteligente” (traço atípico) para descrever as *galinhas* seja maior quando for primado anteriormente o conceito “inteligência” do que quando for primado o conceito “estupidez”.

Tarefa de escalas de avaliação:

Ao nível da análise das respostas dadas na tarefa de escalas de avaliação de dimensões relevantes, será realizada uma ANOVA, inter-participantes, 3 tipos de *primes* (traço típico primado ou traço irrelevante primado ou traço atípico primado¹) X 3 categorias comuns (*Golfinhos*, *Galinhas* ou *Morcegos*) ao nível das avaliações da escala de dimensão de traços irrelevantes para testar os efeitos da correspondência ou não do conceito primado com a dimensão de traço. Como foi referido anteriormente, as variáveis dependentes são as avaliações das dimensões típicas, atípicas, e irrelevantes.

Espera-se que emergja um efeito significativo do tipo de *prime* nas avaliações das dimensões correspondentes ao *prime*, demonstrando que a primação de conceitos irrelevantes aumenta fortemente a avaliação dos traços irrelevantes correspondentes. Espera-se o mesmo padrão no caso da primação de conceitos atípicos, nomeadamente um aumento da avaliação dos traços atípicos correspondentes. No caso da primação dos traços típicos, não é esperado qualquer efeito.

Assim, espera-se que quando tiver sido previamente primado um conceito típico (por exemplo, “inteligência” para os *golfinhos* ou “estupidez” para as *galinhas*) que não se observem diferenças ao nível das avaliações das respectivas dimensões das categorias. No entanto, quando tiver sido primado um conceito atípico (“estupidez” para os *golfinhos* ou “inteligência” para as *galinhas*) ou irrelevante (“inteligência” para os *morcegos*), espera-se que as avaliações da categoria nas respectivas dimensões atípicas ou irrelevantes aumentem significativamente, sendo que a categoria será avaliada como sendo mais próxima (do que seria suposto) do pólo correspondente ao *prime*.

Espera-se igualmente que não haja reconhecimento por parte dos sujeitos da relação existente entre a tarefa de primação e as subsequentes tarefas de compilação da crença. Só perante a ausência de consciência por parte dos indivíduos do efeito que o processamento consciente prévio de estímulo possa ter, é que poderemos garantir que este padrão de resultados não é derivado de uma revisão deliberada do conteúdo das crenças compiladas por parte dos indivíduos, mas sim de uma verdadeira contaminação contextual.

¹ Para efeitos de análise estatística, a classificações típico, atípico, e irrelevante são atribuídas em função de uma, e apenas uma das categorias. Caso contrário, a classificação das categorias não faria sentido existir.

Assim, se os resultados obtidos indicarem um efeito da primação de atributos não típicos (sejam estes irrelevantes ou atípicos) na escolha de traços e avaliação de dimensões relevantes, no sentido em que estes sejam mais vezes escolhidos ou avaliados como melhores descritores da categoria em questão, apoiarão a ideia de que a informação saliente no contexto pode enviesar o processo de recompilação de crenças sobre as categorias comuns, mesmo quando essa informação não está relacionada com as crenças típicas acerca da categoria, demonstrando que os julgamentos sobre as crenças podem ser baseados na activação mnésica momentânea desses distractores. Estes dados sugeririam que o resultado da recompilação de crenças é, como já foi defendido noutros estudos, pelo menos em parte, dependente de informação presente no contexto, esteja esta associada com as crenças em causa ou não, juntando-se ao conjunto de evidências existente sobre a instabilidade e efeitos do contexto nas categorias comuns (Barsalou, 1982; Barsalou & Sewell, 1994; Roth & Shoben, 1983; Wisniewski, 1995; Yeh & Barsalou, 1996).

Estes resultados colocariam então em causa as visões tradicionais das categorias comuns e sociais, que vêem estas enquanto estruturas de conhecimento estáveis e imutáveis. Para além disso, se o efeito da manipulação se traduzir também numa influência da primação de informação atípica na compilação das crenças comuns acerca das categorias em causa, para além de apoiar esta ideia de que o processo de reconstrução de crenças pode ser feito com base em julgamentos heurísticos baseados na activação momentânea de informação, irá igualmente indicar que, tal como defendido, este efeito é derivado de uma falha no processo de monitorização de crenças que deveria ocorrer durante o processo de compilação das mesmas. Esta ideia parte do princípio que os indivíduos, em situações óptimas, monitorizam o output das suas pistas compósitas, verificando se este está de acordo com as crenças típicas armazenadas em memória sobre a categoria em causa. Contudo, a monitorização de crenças é um processo falível e propenso a erros. Erros estes que são dificilmente detectados. Como as crenças típicas sobre categorias comuns, por natureza, exigem por parte dos indivíduos, em comparação com os estereótipos, um menor controlo sobre a sua veracidade, logo minimizam a hipótese da monitorização ser desencadeada. Assim, se os dados mostrarem que, ao contrário do que acontece com os estereótipos, a informação atípica primada fortuitamente pelo contexto tiver uma influência na crença reconstruída, então isto poderá ser devido ao facto da monitorização não ter ocorrido, e da falha desta ter sido, de facto, responsável pela contaminação contextual.

Nesse sentido, os resultados esperados e acima descritos apoiariam a ideia defendida de que mesmo quando a informação primada pelo contexto é irrelevante ou incongruente com as crenças típicas sobre uma categoria comum, esta é integrada na sonda mnésica composta e visto

não ser desencadeada da monitorização, a activação momentânea da informação levaria os indivíduos a inferir erradamente que se trata de uma crença verdadeira, esta acabando por ser incorporada na definição da categoria em questão. Nestas circunstâncias, os distractores activados no contexto podem ser capazes de influenciar a compilação da crença típica sobre a categoria, uma vez que os indivíduos, nestes casos, não monitorizam o output dos mecanismos de pistas compósitas.

No entanto, se, por outro lado, os resultados indicarem que a manipulação não teve efeito, isto é, que a primação de informação atípica não influenciou a forma como os indivíduos compilaram subsequentemente as suas crenças, então estes poriam em causa a hipótese defendida de que a monitorização evita a contaminação contextual nos estereótipos. No entanto, outra forma de interpretar estes resultados seria de afirmar que a utilização de categorias comuns de seres vivos não foi suficiente para minimizar o desencadeamento da monitorização. De facto, tal como acontece com os estereótipos e grupos sociais, os indivíduos têm tendência para descrever as categorias de seres vivos, neste caso os animais, com características de personalidade, como foi observado nas características geradas pelos participantes durante o pré-teste. Assim, os cães são *fieis* e *amigos*, os mosquitos são *chatos* e os burros *pouco inteligentes*. Nesse sentido, pode-se afirmar que este tipo de categorias é demasiado “próxima” das categorias sociais, estando ainda associada a estas uma necessidade de controlo e verificação da veracidade das crenças. Se assim for, quando informação atípica for involuntariamente integrada numa sonda compósita irá automaticamente desencadear a monitorização uma vez que a mera presença do rótulo do grupo tornará acessível informação sobre as crenças típicas e expectativas relativas a categoria que serão directamente contrariadas pela informação que está a ser contextualmente activada. Assim, existiria um critério que permitiria rejeitar a informação contextualmente primada, diagnosticando-a como não sendo uma crença verdadeira, não se obtendo então os efeitos esperados, tal como acontece com os estereótipos. Nesse sentido, se se verificar a ausência de efeitos do contexto na primação de informação atípica, esta poderá ser interpretada como sendo devida à eficácia da monitorização. Tendo isso em conta, propomos a utilização de crenças típicas de categorias comuns de seres não vivos. Segundo a hipótese de ligação característica-domínio dupla (Warrington & Shallice, 1984), estas são mais determinadas pela sua função do que pelo seu aspecto físico ou outro tipo de características. Assim, os atributos funcionais (relativo ao que item faz ou para que é que serve/é utilizado) são mais importantes para definir os seres não vivos do que os atributos visuais (relativos à aparência visual de um item) e vice-versa para os seres vivos. Uma vez que a função de um objecto é mais dependente do contexto do que o seu aspecto físico ou características de

personalidade e comportamento, partimos do princípio que as categorias em si serão igualmente mais influenciáveis à primação feita pelo contexto do que as categorias de seres vivos.

Nesse sentido, a segunda experiência deste estudo irá tentar mudar as crenças típicas sobre categorias comuns de seres não vivos, que supomos serem, por natureza, mais dependentes do contexto e portanto mais sensíveis à primação feita por esse. Para além disso, enquanto categorias comuns, estas não requerem por parte dos indivíduos uma verificação da sua veracidade, não suscitando por parte destes tanto controlo sobre a informação, fazendo então com que haja uma menor necessidade para a monitorização do resultado da reconstrução das crenças.

Experiência 2

No seguimento da primeira experiência deste estudo e igualmente com o objectivo de avaliar a sensibilidade ao contexto de crenças típicas sobre categorias comuns será realizada uma segunda experiência. Esta terá um procedimento idêntico ao da primeira experiência, sendo que as diferenças serão feitas ao nível do material utilizado uma vez que em vez de estarmos a lidar com crenças típicas acerca de categorias de seres vivos lidaremos com crenças típicas sobre categorias de seres não vivos. Assim, nesta experiência procura-se compreender qual a probabilidade de, aquando da recompilação de uma crença, os atributos previamente salientes no contexto serem incorporados na crença reconstruída, enquanto atributos típicos da categoria, mesmo se estes atributos forem à partida irrelevantes ou atípicos relativamente a esta. Espera-se que pelo facto de estarmos a lidar com categorias comuns de seres não vivos, que os atributos irrelevantes e atípicos primados fortuitamente pelo contexto tenham uma influência na compilação das crenças sobre as categorias em causa, levando a que estes sejam mais frequentemente escolhidos como atributos relevantes para descrever a categoria. Para além demais, espera-se que este efeito de contaminação contextual seja observável tanto quando o *prime* for relativo a informação irrelevante como quando disser respeito a informação atípica e que seja maior do que aquele observado na primeira experiência deste estudo, i.e. com as categorias de seres vivos. Isto porque, os objectos inanimados, ao contrário da maior parte dos animais ou plantas, têm funções claramente definidas. O desenvolvimento evolucionário da utilização de ferramentas levou a uma diferenciação cada vez mais pormenorizada da finalidade dos objectos. Assim, cada objecto tem uma função específica e é concebido para desempenhar actividades apropriadas para a sua função. Em contrapartida, os atributos funcionais contribuem

pouco para a identificação dos seres vivos, em comparação com os atributos sensoriais que fornecem características mais definitivas (riscas, pintas, grande, 4 patas, etc.). Assim, Warrington & Shallice (1984) sugerem que a identificação de um objecto inanimado depende crucialmente na determinação da sua significância funcional mas que isso é irrelevante para a identificação dos seres vivos. Nesse sentido, os atributos funcionais (relativo ao que item faz ou para que é que serve/é utilizado) são mais importantes para definir os seres não vivos do que os atributos visuais (relativos à aparência visual de um item) e vice-versa para os seres vivos. Uma vez que a função de um objecto é mais dependente do contexto do que o seu aspecto físico ou características de personalidade e comportamento, partimos do princípio que as categorias em si serão igualmente mais influenciáveis à primação feita pelo contexto do que as categorias de seres vivos, e portanto mais sensíveis à contaminação contextual.

Nesse sentido, primar-se-á, como no primeiro estudo, um conceito relevante, irrelevante ou atípico sobre uma de três categorias comuns de seres não vivos, imediatamente antes da sua recompilação, através de uma tarefa linguística fortuitamente não relacionada. Para medir os efeitos do contexto será utilizada uma tarefa de verificação de atributos a partir de uma lista, adaptada de Katz e Braly (1933) e escalas de avaliação de dimensões relevantes. Mais uma vez, espera-se que, pelo facto de se tratarem de crenças típicas sobre categorias comuns, os atributos irrelevantes e atípicos primados fortuitamente pelo contexto tenham uma influência na compilação das crenças sobre as categorias em causa, levando a que estes sejam escolhidos mais frequentemente como atributos relevantes para descrever a categoria. Contudo, devido a estarmos a lidar com categorias de seres não vivos espera-se igualmente que este efeito de contaminação contextual esteja ainda mais presente neste tipo de categorias do que nas categorias de seres vivos avaliadas na primeira experiência deste estudo, pelo facto destas serem mais dependentes do contexto e portanto mais sensíveis à primação deste. No que diz respeito à primação contextual de atributos típicos, mais uma vez, não se espera que tenha qualquer tipo de efeito na compilação subsequente da crença.

Método

Participantes

Para a realização desta experiência será necessária a participação voluntária de 180 indivíduos de ambos os sexos, nomeadamente estudantes universitários da Universidade de Lisboa.

Plano Experimental

O plano experimental utilizado consistirá num plano factorial inter-participantes, com 3 tipos de primes (típico *vs* irrelevante *vs* atípico) X 3 categorias (*carteiras vs casas vs sofás* ou *casas vs bolas vs roupa*). Serão utilizados dois tipos de testes, entre participantes – tarefa de selecção de atributos e escalas de avaliação de dimensões relevantes, e as variáveis dependentes são 1) a proporção de atributos escolhidos para cada tipo (típicos, atípicos ou relevantes), e 2) as respostas dadas nas escalas de avaliação para cada uma das dimensões relevantes.

Material

Tal como na experiência anterior o material a utilizar nesta experiência consiste numa lista de atributos típicos, atípicos e irrelevantes relativamente às crenças típicas associadas a seis categorias de seres não vivos, e a 14 pares de escalas de dimensões relevantes para estas categorias, ambas escolhidas através dos pré-testes descritos anteriormente.

Lista de atributos:

Para medir os efeitos do contexto será mais uma vez utilizada uma tarefa de verificação de atributos a partir de uma lista, adaptada de Katz e Braly (1933), sendo que esta será constituída por atributos típicos mencionados pelo menos 20% das vezes para cada categoria de seres não vivos (Dovidio, et al., 1986) durante a primeira fase do pré-teste e por atributos atípicos e irrelevantes para a categoria (Anexo V)

Escalas de dimensões relevantes:

Os participantes farão igualmente julgamentos de traços em escalas de avaliação de 9 pontos baseadas nas crenças comuns acerca de cada uma das categorias de objectos. As avaliações serão feitas numa escala de 9 pontos, em que 1 corresponde a um pólo do atributo e 9 corresponde ao pólo oposto (por exemplo, Intransportável 1 2 3 4 5 6 7 8 9 Portátil). As 14 dimensões seleccionadas foram mais uma vez aquelas que foram mais vezes utilizadas pelos participantes durante o pré-teste para descrever os três grupos. Serão igualmente incluídas dimensões relativas aos conceitos primados, bem como uma dimensão não típica (Anexo VI).

Procedimento

Tal como na primeira experiência os participantes começarão por completar uma tarefa linguística introduzida como sendo um pré-teste para obter material para futuros estudos que estão a ser desenvolvidos por uma equipa de investigação na área da linguística. Esta tarefa inicial tem como objectivo primar determinados conceitos (típicos, irrelevantes ou atípicos) relativos às crenças típicas sobre as categorias comuns de seres não vivos escolhidas. Assim, será pedido aos participantes que definam nas suas próprias palavras, pensando em abstracto, um conceito (por exemplo, *portabilidade*). Após concluírem esta tarefa, os participantes serão imediatamente dirigidos para a segunda fase do estudo que, aos olhos destes, se trata da “verdadeira experiência”. As instruções gerais e o procedimento para esta experiência foram, mais uma vez, elaborados de acordo com o procedimento de Katz e Braly (1933). Nesse sentido os participantes seleccionarão de entre 45 traços apresentados, os cinco traços que melhor descrevem, segundo eles, uma das categorias utilizadas neste estudo. Em seguida, completarão 14 escalas de avaliação de dimensões relevantes de 9 pontos para essa mesma categoria.

Tarefa de Primação:

A primação de atributos típicos, irrelevantes e atípicos será feita de forma supraliminar. Isto é, tal como na experiência anterior, será apresentada sob a forma de um pré-teste não relacionado com a experiência em causa sob a forma de uma tarefa linguística, que co-ocorrerá de forma arbitrária com a tarefa de reconstrução da crença. Assim, para dar maior credibilidade à tarefa de primação pedir-se-á primeiro aos participantes que façam julgamentos de familiaridade sobre algumas palavras (e.g. *essência, resultado, ideia*). Depois será pedido aos participantes que definam genericamente duas palavras, uma neutra (e.g. *conservador*) e uma correspondente ao conceito que pretendemos primar (e.g. *portabilidade*). Espera-se que os efeitos temporários de activação residual, resultantes do processamento consciente do conceito primado, na reconstrução da crença não sejam detectados pelos participantes.

Tarefa de verificação de atributos:

A tarefa de selecção de atributos a partir de uma lista seguirá imediatamente a tarefa de primação. De acordo com a tarefa utilizada por Katz e Braly (1933), os participantes deverão escolher de entre 45 traços os 5 que considerem que melhor descrevem a categoria em causa. As instruções para a tarefa de selecção de traços serão as mesmas que foram utilizadas na primeira experiência.

Tarefa de escalas de avaliação de dimensões relevantes:

Mais uma vez, após escolherem os atributos, os participantes farão julgamentos de traços em escalas de avaliação de 9 pontos baseadas nas crenças comuns acerca de cada uma das categorias de seres não vivos. Estas serão utilizadas enquanto medidas da vulnerabilidade das crenças típicas sobre categorias comuns à primação contextual. As avaliações serão feitas numa escala de 9 pontos, em que 1 corresponde a um pólo do atributo e 9 corresponde ao pólo oposto (por exemplo, Intransportável 1 2 3 4 5 6 7 8 9 Portátil).

Para finalizar, os participantes serão questionados sobre a relação entre as duas tarefas, i.e. sobre se tiveram consciência da sua relação, com o propósito de determinar se houve qualquer recollecção consciente da relação entre a tarefa primação e a tarefa subsequente de construção das crenças. Nesse sentido, deverão responder a um breve questionário e serão tidas em conta quaisquer comentários por parte destes a este respeito.

Resultados e Discussão*Tarefa de verificação de atributos:*

Para determinar o efeito da primação dos conceitos na escolha de traços durante a tarefa de selecção de atributos será utilizado, como na experiência anterior, um teste exacto de Fisher. Este permite identificar as relações existentes entre duas variáveis dicotómicas cruzadas numa tabela de contingência 2x2, em pequenas amostras independentes e assim, avaliar a sua significância estatística.

Tal como na primeira experiência, não se esperam efeitos da primação de traços típicos na escolha de traços. No entanto espera-se que a primação de traços atípicos e irrelevantes aumente a frequência da escolha dos mesmos enquanto melhores descritores do grupo. Por exemplo, espera-se que a percentagem de participantes que escolha “portátil” (traço irrelevante) para descrever os *sofás* seja significativamente maior quando for primado anteriormente o conceito “portabilidade” do que se não for primado nenhum traço. Espera-se igualmente que a percentagem de participantes que escolha “portátil” (traço atípico) para descrever as *casas* seja maior quando for primado anteriormente o conceito “portabilidade” do que quando for primado o conceito “imobilidade”.

Tarefa de escalas de avaliação de dimensões relevantes:

Ao nível da análise das respostas dadas na tarefa de escalas de avaliação de dimensões relevantes, será realizada uma ANOVA, inter-participantes, 3 tipos de *primes* (traço típico primado ou traço irrelevante primado ou traço atípico primado²) X 3 categorias comuns (*carteiras*, *casas* ou *sofás*) ao nível das avaliações da escala de dimensão de traços irrelevantes para testar os efeitos da correspondência ou não do conceito primado com a dimensão de traço. Como foi referido anteriormente, as variáveis dependentes são as avaliações das dimensões típicas, atípicas, e irrelevantes.

Espera-se, tal como na primeira experiência, que emerja um efeito significativo do tipo de *prime* nas avaliações das dimensões correspondentes ao *prime*, demonstrando que a primação de conceitos irrelevantes aumenta fortemente a avaliação dos traços irrelevantes correspondentes. Espera-se o mesmo padrão no caso da primação de conceitos atípicos, nomeadamente um aumento da avaliação dos traços atípicos correspondentes. No caso da primação dos traços típicos, não é esperado qualquer efeito.

Assim, espera-se que quando tiver sido previamente primado um conceito típico (e.g. “portabilidade” para os *carteiras*) que não se observem diferenças ao nível das avaliações das respectivas dimensões das categorias. No entanto, quando tiver sido primado um conceito atípico (e.g. “portabilidade” para as *casas*) ou irrelevante (“portabilidade” para os *sofás*), espera-se que as avaliações da categoria nas respectivas dimensões atípicas ou irrelevantes aumentem significativamente, sendo que a categoria será avaliada como sendo mais próxima (do que seria suposto) do pólo correspondente ao *prime*.

Espera-se igualmente que não haja reconhecimento por parte dos sujeitos da relação existente entre a tarefa de primação e as subsequentes tarefas de compilação da crença.

Assim, se os resultados obtidos indicarem um efeito da primação de atributos não típicos (sejam estes irrelevantes ou atípicos) na escolha de traços e avaliação de dimensões relevantes, no sentido em que estes sejam mais vezes escolhidos ou avaliados como melhores descritores da categoria em questão, apoiarão a ideia de que a informação saliente no contexto pode enviesar o processo de recompilação de crenças sobre as categorias comuns, mesmo quando essa informação não está relacionada com as crenças típicas acerca da categoria, demonstrando que os

² Para efeitos de análise estatística, a classificações típico, atípico, e irrelevante são atribuídas em função de uma, e apenas uma das categorias. Caso contrário, a classificação das categorias não faria sentido existir.

juízos sobre as crenças podem ser baseados na activação mnésica momentânea desses distractores. Estes dados sugeririam que o resultado da recompilação de crenças é, como já foi defendido noutros estudos, pelo menos em parte, dependente de informação presente no contexto, esteja esta associada com as crenças em causa ou não, juntando-se ao conjunto de evidências existente sobre a instabilidade e efeitos do contexto nas categorias comuns (Barsalou, 1982; Barsalou & Sewell, 1994; Roth & Shoben, 1983; Wisniewski, 1995; Yeh & Barsalou, 1996).

Estes resultados colocariam então em causa as visões tradicionais das categorias comuns, que vêem estas enquanto estruturas de conhecimento estáveis e imutáveis. Para além disso, se o efeito da manipulação se traduzir, como esperado, também numa influência da primação de informação atípica na compilação das crenças comuns acerca das categorias em causa, para além de apoiar esta ideia de que o processo de reconstrução de crenças pode ser feito com base em juízos heurísticos baseados na activação momentânea de informação, irá igualmente indicar que, tal como defendido, este efeito é derivado de uma falha no processo de monitorização de crenças que deveria ocorrer durante o processo de compilação das mesmas. Esta ideia parte do princípio que, como vimos, os indivíduos, em situações ótimas, monitorizam o output das suas pistas compósitas, verificando se este está de acordo com as crenças típicas armazenadas em memória sobre a categoria em causa. Contudo, a monitorização de crenças é um processo falível e propenso a erros que derivariam do facto dos indivíduos muitas vezes não serem capazes de avaliar a origem da informação activada contextualmente. Para além demais, como vimos, como as crenças típicas sobre categorias comuns, por natureza, exigem por parte dos indivíduos, em comparação com os estereótipos, um menor controlo sobre a sua veracidade, logo minimizam ainda mais a probabilidade da monitorização ser desencadeada. Assim, se os dados mostrarem que, ao contrário do que acontece com os estereótipos, a informação atípica primada fortuitamente pelo contexto tiver uma influência na crença reconstruída, então isto poderá ser devido ao facto da monitorização não ter ocorrido, e da falha desta ter sido, de facto, responsável pela contaminação contextual.

Assim, os resultados esperados e acima descritos apoiariam a ideia defendida de que mesmo quando a informação primada pelo contexto é irrelevante ou incongruente com as crenças típicas sobre uma categoria comum, esta é integrada na sonda mnésica composta e se não houver desencadeamento da monitorização, a activação momentânea da informação levará os indivíduos a inferir erradamente que se trata de uma crença verdadeira, esta acabando por ser incorporada na definição da crença em questão. Nessas circunstâncias, os distractores activados no contexto podem ser capazes de influenciar a compilação da crença típica sobre a categoria,

uma vez que os indivíduos, nestes casos, não monitorizam o output dos mecanismos de pistas compósitas.

No entanto, se, por outro lado, os resultados indicarem que a manipulação não teve efeito, isto é, que a primação de informação atípica não influenciou a forma como os indivíduos compilaram subsequentemente as suas crenças, então estes poriam em causa a hipótese defendida de que a monitorização evita a contaminação contextual nos estereótipos. No entanto, caso seja este o caso, poderemos argumentar que, apesar de ter sido suposto à partida que as crenças típicas sobre categorias comuns seriam menos propensas ao desencadeamento da monitorização perante informação desconfirmatória da crença, isso poderá não ser o caso. Isto é, poderá acontecer, apesar deste tipo de crenças ser menos sujeita a uma verificação da sua veracidade em direcção das crenças vigentes, que apesar de tudo a presença de informação que contradiga directamente as crenças típicas sobre a categoria leve ao desencadeamento da monitorização de crenças, e consequentemente à rejeição dessa informação.

Se por outro lado, não obtivermos efeitos mais fortes para este tipo de crenças, i.e. sobre seres vivos, poderemos supor que a nossa afirmação que estes deveriam ser mais dependentes do contexto devido ao facto de serem sobretudo determinados pela sua função está errada. De facto, a própria crença que estas categorias são maioritariamente definidas pela sua função tem sido refutada por alguns autores. De acordo com a hipótese de ligação característica-domínio única (Farah & McClelland, 1991) diferentes tipos de atributos são cruciais para a identificação e representação de seres vivos e seres não vivos, sendo que os atributos visuais (a aparência visual de um item) são mais importantes para definir os seres vivos do que os atributos funcionais (o que item faz ou para que é que serve/é utilizado) mas que o contrário não acontece (i.e. não existe nenhum tipo de atributo que define melhor os seres não vivos). Os resultados de Marques (2002) estão de acordo com esta hipótese uma vez que demonstraram que no geral os atributos visuais / sensoriais / perceptuais são julgados como mais centrais para a representação conceptual que os atributos funcionais mas só no caso dos seres vivos. Assim, caso não se observe uma maior contaminação contextual com as crenças típicas de seres não vivos poderá ser porque estas crenças não são mais dependentes do contexto como foi defendido.

Discussão Geral

O principal objectivo deste estudo foi o de compreender quais são os mecanismos envolvidos na reconstrução de crenças sociais e, em particular, determinar qual o papel da monitorização neste processo, utilizando, para tal, crenças típicas sobre categorias não sociais. No decurso desta investigação, teremos, igualmente, oportunidade de avaliar a permeabilidade ao contexto de crenças típicas sobre categorias comuns.

Propôs-se que os efeitos do contexto observados, quer no domínio dos estereótipos (Garcia-Marques & Mackie, 1999, 2001; Garcia-Marques, et al., 2006; Santos et al., submetido), quer naqueles sobre categorias comuns (Roth & Shoben, 1983; Brauer, et al., 2003), poderiam ser resultado de uma falha da monitorização de crenças, que teria lugar durante a recompilação, a partir de pistas compósitas, das crenças, levando assim as pessoas a responderem com base em julgamentos heurísticos derivados ou resultantes da activação momentânea dos conteúdos primados (Santos et al., submetido).

Neste sentido, pretende-se com este estudo estudar os efeitos da eficácia da monitorização no julgamento de veracidade de crenças, durante o processo de reconstrução destas. Para investigar este facto, procurámos testar os efeitos da monitorização, retirando, ou minimizando, a possibilidade de ela operar, isto é, utilizando crenças típicas sobre categorias comuns, em vez de estereótipos.

Nas experiências propostas por este estudo, optou-se por recorrer a uma manipulação do contexto. Assim nestas, os participantes poderão ser fortuitamente primados com um conceito relevante, irrelevante ou incongruente, relativamente a uma crença típica acerca de uma categoria comum, antes de lhes ser pedido para a caracterizar. Espera-se poder observar que a primação fortuita de atributos irrelevantes e atípicos no contexto tenha uma influência directa na compilação das crenças sobre a categoria em causa, levando a que estes sejam escolhidos, mais frequentemente, como relevantes para descrever a categoria. Se tal situação se verificar, é possível afirmar que a monitorização não foi desencadeada, tendo o processo de reconstrução de crenças sido realizado e apoiado em julgamentos heurísticos, baseados na activação momentânea de informação. A informação primada fortuitamente no contexto será então erradamente aceite como fazendo parte da crença típica, sendo incluída na reconstrução posterior desta.

Uma das razões que consideramos que pode estar na génese da não monitorização das crenças dos participantes é, precisamente, devido ao facto do tipo de categorias que decidimos trabalhar: as comuns ao invés de categorias sociais. Do nosso ponto de vista, e apesar destas

partilharem com os estereótipos algumas características, exigem, em comparação com os estereótipos, um menor controlo por parte dos indivíduos sobre a sua veracidade. Desta forma, os participantes vão acabar por deixar escapar certos erros pois não vão ser levados a monitorizar tanto o *output* das suas pistas compósitas, facto que talvez não ocorresse se estivessem a lidar com estereótipos. Para além disso, e como prevê o modelo de SAC, as pessoas nem sempre são capazes de identificar correctamente a fonte de activação dos conteúdos, sendo levadas, por vezes, a inferir erradamente a relevância desta, com base noutros critérios, e deste modo evitando o desencadeamento da monitorização.

Assim, através das duas experiências deste estudo, procurámos estabelecer um paradigma empírico, onde os participantes pudessem incorporar um distractor primado contextualmente, enquanto um dos melhores descritores de uma categoria comum, quer este fosse relevante, irrelevante ou incongruente com as crenças típicas acerca da categoria. Os resultados dos dois experimentos relatados deverão fornecer evidências suficientes que suportem o nosso estudo, i.e., que a traços considerados normalmente irrelevantes ou atípicos para descrever uma categoria específica, podem adquirir relevância quando fortuitamente primados pelo contexto, na medida em que a frequência de escolha destes atributos, enquanto melhores descritores da categoria, deverá aumentar, de forma significativa, quando estes são primados anteriormente.

I. Implicações Teóricas da Confirmação das Hipóteses

Se o padrão de resultados obtidos nas experiências propostas for ao encontro das hipóteses por nós defendidas, isto significará que, para além de se juntar ao conjunto, já existente, de evidências sobre a maleabilidade e sensibilidade ao contexto das categorias comuns, poderá igualmente servir de apoio à ideia de que a contaminação contextual, observada em vários estudos, tanto a nível das crenças sobre categorias comuns (Roth & Shoben, 1983; Brauer, et al., 2003), como dos estereótipos (Garcia-Marques & Mackie, 1999, 2001; Garcia-Marques, et al., 2006; Santos et al., submetido) é resultado de uma falha no processo de monitorização de crenças, que deveria ocorrer durante o processo de compilação das mesmas. Assim, é possível afirmar que, quando desencadeada, a monitorização pode evitar a contaminação contextual nos estereótipos.

A confirmação destas hipóteses pela nossa investigação, para além da relevância social que poderá ter, também tem consequências na forma como concebemos as nossas estruturas de conhecimento, na medida em que estas deixam de ser vistas como “ferramentas” estáticas (armazenadas em memória e imaculadamente recuperadas quando necessárias), para passarem a

serem vistas como estruturas dinâmicas e adaptativas, que seriam reconstruídas a partir de crenças activadas, juntamente com a informação presente no contexto. Desta forma, o processo de (re)composição de crenças, sejam estas relativas a categorias comuns ou estereótipos, seria permeável ao ruído e instabilidade do contexto em que se encontra, sendo, deste modo, inerentemente falível em virtude, quer dessa mesma permeabilidade, quer das limitações dos mecanismos de monitorização de crenças.

Neste sentido, este estudo virá demonstrar de que forma é que as estruturas de conhecimento conseguem ser, simultaneamente, estáveis e flexíveis. Sendo que a estabilidade das estruturas de conhecimento a nível do seu conteúdo e utilização, nomeadamente dos estereótipos, poderá ser apontada como sendo derivada da apatia cognitiva, observável na forma como os indivíduos acumulam conhecimento, e apoiada pelos enviesamentos cognitivos, dos quais já referimos, de uma selectividade e inércia social e, claro, da realização com sucesso do processo de monitorização de crenças, que se torna necessário devido à sensibilidade destas ao contexto. Por seu lado, segundo a abordagem defendida neste estudo, a flexibilidade observada nessas mesmas estruturas será resultado da natureza pouco fiável dos processos de recomposição de crenças e dos mecanismos de monitorização, assim como da dificuldade em detectar erros que possam surgir nestes, pois a descoberta desses enganamentos dependem, igualmente, desses mesmos mecanismos falíveis (Garcia-Marques, 2010). No entanto, esta vulnerabilidade no processo de recompilação de crenças promove, igualmente, a adaptabilidade e flexibilidade na persecução de objectivos individuais, uma vez que permite aos indivíduos e, conseqüentemente, às suas crenças, adaptarem-se a situações, consoante os contextos em que estão inseridos.

Estes resultados poderiam igualmente vir reinterpretar algumas ideias defendidas pelos estudos sobre mudanças de estereótipos. Segundo a hipótese de contacto, para se modificarem as crenças dos indivíduos em relação a um determinado grupo, basta que estes sejam expostos a membros desse conjunto que neguem essas mesmas crenças, i.e., a membros atípicos do grupo (Allport, 1954). Por outras palavras, se o objectivo fosse desconfirmar a ideia de que todos os negros são pobres e preguiçosos, bastaria então confrontar os indivíduos com membros trabalhadores e bem-sucedidos da comunidade negra. No entanto, e como já vimos, os indivíduos, nessas situações, tendem justamente a categorizar esses membros atípicos de um grupo como tal, classificando-os dentro de um subgrupo (neste caso específico, *negros bem sucedidos*) da categoria, não sendo assim considerados como “bons exemplares” desta (Hewstone, 1994). Assim, a crença que, à partida, se pretendia ser capaz de mudar, acaba por nem ser realmente desconfirmada (uma vez que esses membros não são interpretados como

representativos do grupo), não existindo, desta forma mudança das crenças sobre a categoria. Se tivermos, igualmente, em linha de conta que a exposição a membros atípicos, logo a informação atípica, de um grupo irá, como prevemos, activar a monitorização de crenças, sabemos que esta será imediatamente rejeitada, sendo interpretada como informação não estereotípica, acabando assim por reforçar as outras crenças, armazenadas em memória em relação ao grupo. Podemos ainda supor que, para além da apresentação de exemplares atípicos poder ter um efeito inverso ao esperado, i.e., não provocar mudanças nas crenças estereotípicas, chegando mesmo a reforçá-las, podemos igualmente conceber que os efeitos de mudança nas crenças estereotípicas encontrados, no geral, na literatura podem, eles mesmos, ser resultado da variabilidade intrínseca das representações de conhecimento e da sua sensibilidade ao contexto, não representando assim, de todo, uma mudança sistemática e duradoura da representação da categoria.

Segundo Rothbart e John (1985) é o *goodness-of-fit* existente entre uma situação e uma categoria que contribui para a força da associação e que, portanto, permitirá a mudança de uma crença vigente. Desta forma, atributos atípicos podem ser assim associados a um estereótipo ou crença se forem observados num membro que seja considerado como um bom exemplar de uma determinada categoria, i.e., que represente, em vários aspectos, características que os indivíduos, no geral, considerem típicos para os membros pertencentes àquela categoria em particular. Weber e Crocker (1983) demonstraram este facto, associando informação incongruente a um estereótipo de duas formas diferentes: por um lado, associaram atributos com bons exemplares da categoria e, por outro, com exemplares que não eram geralmente considerados como bons exemplos representativos da categoria. Os resultados demonstraram que quando a informação incongruente era associada a exemplares mais típicos da categoria esta tinha mais hipóteses de influenciar as crenças dos participantes relativamente à categoria do que quando associada a exemplares menos típicos. Assim, podemos extrapolar que se informação desconfirmatória for colocada num episódio, normalmente considerado como adequado e típico para uma determinada categoria estereotípica, esta poderá levar à mudança de crenças em relação a uma categoria, principalmente em situações onde a monitorização é de difícil realização para os indivíduos. O que estamos a propor é que, em contextos em que os indivíduos tenham maior dificuldade em monitorizar o resultado das suas pistas mnésicas compósitas e que sejam considerados, no geral, como típicos para uma categoria, poderá verificar-se uma incorporação de traços considerados anteriormente incongruentes com as crenças relativas à categoria, que estejam presentes no “bom exemplar”, estas passando a estar associadas à crença que o indivíduo possui sobre a categoria em questão.

II. Limitações e Propostas de Estudos Futuros

No que diz respeito às limitações do presente estudo, podemos referir algumas que nos parecem mais óbvias e importantes.

A utilização técnica de Katz e Braly para avaliar a estabilidade e consistência dos estereótipos traz consigo várias limitações (Brigham, 1971; Devine & Elliott, 1995). Para começar, os participantes são forçados a escolher cinco traços enquanto características representativas do grupo, quer as considerem relevantes ou não, não podendo sequer exprimir gradações, ao nível da sua percepção das diferentes características, consoante as considerem mais ou menos relevantes. Isto significa que os participantes podem ser levados a escolher, por obrigação, características que não achem tão representativas do grupo ou pelo facto de não pertencerem à lista original características que, segundo eles, considerem realmente relevantes. Para além disso, o facto de os participantes apenas poderem escolher apenas cinco traços não permite examinar a estabilidade ou mudança de traços menos centrais, podendo assim existir a possibilidade de os resultados destes experimentos não serem tão favoráveis quanto se poderia esperar inicialmente. Isto é, um indivíduo ao ser primado com um conceito incongruente com a sua crença poderá, *a posteriori*, considerá-lo como melhor descritor da categoria, mas não o suficiente para que seja escolhido como um dos cinco melhores. Neste caso, e apesar de se verificar a presença do efeito esperado, esta não será detectada. Desta forma, poderemos ser levados a pensar que, caso não se observem os resultados esperados, a ineficácia dos efeitos de primação contextual de informação atípica nos estereótipos observada noutros estudos (Santos et al., submetido) seja proveniente de uma limitação metodológica e não de uma ausência completa de efeitos na mudança do estereótipo em questão. Assim, a utilização de uma lista de atributos onde os participantes têm de escolher apenas as cinco características mais “típicas” faz com que os resultados sobrestimem, provavelmente, a presença de certos atributos tradicionais mais “estereotípicos”, em detrimento de outros, menos típicos, mas igualmente relevantes. É igualmente possível conceber a dificuldade que um indivíduo poderá ter em escolher um atributo atípico como um dos cinco mais típicos, uma vez que o seu antónimo (traço típico) também deverá ser escolhido entre os cinco melhores descritores da categoria, qualquer que seja a situação de primação. Por exemplo, poderá ser bastante difícil um indivíduo escolher para descrever os *golfinhos*, mesmo que se sinta inclinado para tal, os atributos “inteligente” (que, segundo a hipótese defendida, será sempre considerado típico) e “estúpido”, por uma simples questão de consistência. Tentámos superar as limitações referidas com a inclusão da tarefa de escalas de avaliação relevantes que estimam, em maior detalhe, a mudança, ao nível da representatividade de cada dimensão. Uma outra forma que se poderia utilizar futuramente, de forma a tentar obter

resultados mais exactos do efeito de contaminação contextual na reconstrução das crenças, seria a de avaliar a centralidade causal desses atributos atípicos e irrelevantes após a primação, da mesma forma que fizeram Garcia-Marques e colaboradores (2006), podendo-se assim melhor observar a extensão da contaminação contextual destes atributos, se esta não for presenciada nas tarefas mencionadas.

Por outro lado, estudos anteriores têm demonstrado que os efeitos da contaminação contextual podem surgir sem que isso implique uma revisão radical da tendência central dos estereótipos, nomeadamente a nível da variabilidade percebida. De facto, Garcia-Marques e Mackie (1999) observaram que grande parte da investigação existente e fornecedora de evidência das condições sob as quais a informação incongruente leva a uma revisão do estereótipo, tem-se focado exclusivamente nas mudanças ao nível das tendências centrais ou características típicas do estereótipo da categoria, ignorando as possíveis consequências da exposição de informação contra-estereotípica, ao nível da variabilidade percebida da representação da categoria. De facto, na investigação sobre mudança nos estereótipos, um ponto fulcral tem sido a mudança na tendência central, uma vez que tem sido assumido que esta depende da discrepância existente entre um novo elemento de um grupo e o estereótipo estabelecido acerca deste. Os estudos que se têm apoiado nesta medida dependente concluem, tipicamente, que a informação incongruente só tem efeito nas percepções estereotípicas em condições limitadas. No entanto, a revisão teórica destes autores levou-os a suspeitar que a informação incongruente deveria afectar os parâmetros de variabilidade das percepções de grupo, quer estas influenciassem os julgamentos de tendência central ou não. Os resultados demonstraram que a informação incongruente com o estereótipo provoca mudanças nas percepções de variabilidade, que são, mas nem sempre, acompanhadas por revisões na tendência central (Garcia-Marques & Mackie, 1999, 2001). Nesse sentido, e caso não se verifiquem resultados congruentes com as hipóteses apresentadas, parece-nos interessante avaliar o efeito que a primação fortuita de informação irrelevante ou incongruente, tanto a nível da centralidade causal, como da variabilidade percebida, de forma a poder obter uma noção mais global e exacta do impacto que o contexto tem nas representações das categorias.

Embora a obtenção de um padrão de resultados semelhante ao esperado contribua para apoiar a hipótese de que o efeito contaminação contextual resulta de uma falha na monitorização no processo de reconstrução de crenças, não exclui a explicação alternativa, segundo a qual, os participantes, de forma deliberada e compreensiva, poderiam estar a tentar aumentar o conjunto de exemplares utilizados para reconstruir a representação do grupo, em resposta à incongruência observada. De facto, apesar dos participantes afirmarem que não detectaram qualquer relação entre as tarefas, isto não significa necessariamente que seja verdade (Kunda, 2003; Bargh &

Chartrand, 2000; Santos et al., submetido). Nesse sentido, a única forma de garantir que os efeitos de primação passaram realmente despercebido é se os participantes tivessem sido primados de forma subliminar, tal como aconteceu no estudo realizado por Santos e colaboradores (submetido). Desta forma, uma maneira de reforçar estes resultados seria de garantir que a contaminação contextual deriva da primação fortuita do contexto e não de uma tentativa deliberada, por parte dos participantes, de reverem as suas crenças.

Por outro lado, a utilização de categorias muito específicas, como é o caso no presente estudo, poderá dificultar mudança de crenças através da contaminação contextual. Isto porque, a informação que possuímos acerca de categorias mais específicas, como por exemplo “cão”, tende a ser mais exclusiva e menos sujeita a variação, do que, por exemplo, a informação que detemos acerca da categoria “pássaros”, na qual podemos aceitar mais variabilidade (alguns pássaros voam, outros não, mas não deixam de ser pássaros). Nesse sentido, ao lidar com categorias mais específicas e conseqüentemente menos versáteis, poderá haver facilitação da activação da monitorização de crenças perante informação que não esteja de acordo com a informação armazenada em memória relativamente a esta categoria. Assim, caso não se observem os resultados esperados, poderá tentar-se realizar as mesmas experiências mas utilizando categorias mais generalistas como “pássaros”, “mamíferos”, “móvel”, “ferramentas”, etc. Ao nível das categorias, poderá igualmente testar-se o efeito de primação na contaminação contextual em diferentes tipos de animais, uma vez que alguns podem ser mais dependentes do contexto do que outros, devido ao facto de serem menos familiares (por exemplo, *gatos* vs. *tigres* - existe provavelmente uma diferença de sensibilidade à mudança).

Para além da utilização de crenças típicas sobre categorias comuns, uma possível forma de evitarmos que a monitorização seja desencadeada pela natureza da informação primada poderá ser através da sobrecarga cognitiva. Assim, caso não se encontrem resultados que fundamentem as hipóteses avançadas neste estudo, poderemos tentar minimizar ainda mais o desencadeamento da monitorização, fazendo com que os participantes realizem o mesmo experimento mas em condições de sobrecarga cognitiva (e.g., enquanto ouvem uma lista de palavras que têm de memorizar ou enquanto são confrontados por outros estímulos que têm de reconhecer), mas tendo em atenção que esta não influencie a tarefa, nem contamine, por si só, as crenças. Por outro lado, também podemos avaliar a influência da monitorização, através do aumento da estabilidade das crenças, em função da estabilidade do contexto e/ou das condições que promovem a eficácia da monitorização.

Uma outra forma de podermos estender o nosso conhecimento em relação ao fenómeno da contaminação contextual, tentando perceber até que ponto é que esta pode ou não ser definitiva, seria através da realização de uma experiência onde se faria uma ligação com os estudos de falsas memórias de personalidade. Assim, os participantes poderiam realizar uma primeira tarefa de verificação de atributos, onde alguns destes seriam apresentados e outros não. Passadas 24 horas, ou mais tempo, seria-lhes pedido para realizarem um segundo teste, no qual lhes seria solicitado que indicassem quais os atributos que tinham anteriormente escolhido para descrever essa mesma categoria. Aí, poderíamos então verificar quantos atributos atípicos ou irrelevantes tinham sido seleccionados na primeira tarefa de verificação de atributos, mas não na segunda tarefa; e quantos atributos típicos que não tinham sido escolhidos na primeira tarefa (porque não foram incluídos na lista de escolha) e que foram erroneamente seleccionados na segunda tarefa. Esta experiência permitiria avaliar como é que a monitorização funciona, uma vez que esta deveria promover a escolha de atributos típicos, que, na realidade, não foram escolhidos na tarefa anterior pelo simples facto de não terem sido incluídos na lista de selecção, e inibir a escolha de atributos atípicos, mesmo que estes tenham sido escolhidos durante a tarefa anterior. Estas respostas poderiam ainda ser analisadas através da Teoria de Detecção de Sinais (Macmillan & Creelman, 2005), permitindo uma separação da contribuição por parte dos processos mnésicos, da contribuição por parte dos processos decisórios.

III. Conclusão

Em suma, espera-se que este estudo esclareça a natureza dos processos cognitivos envolvidos nos efeitos de contaminação contextual observados quer ao nível dos estereótipos, como das crenças típicas sobre categorias comuns. Avançámos os padrões possíveis de resultados, podendo estes fornecer um maior suporte empírico à ideia de que a monitorização seria responsável pelo evitamento da contaminação de crenças, sendo que esta ocorreria quando houvesse uma falha neste processo. Este estudo virá complementar o modelo de recomposição e monitorização dos estereótipos proposto por Garcia-Marques (2010; Santos et al., submetido), que se encontra assente nos pressupostos básicos dos modelos de pistas compósitas (Doshier & Rosedale, 1989; Gillund & Shiffrin, 1984; Hintzman, 1986; Murdock, 1982; Ratcliff & McKoon, 1988, 1991), para explicar a flexibilidade e estabilidade dos estereótipos, agregando uma componente de monitorização de contaminação mental (Wilson & Brekke, 1994). Este terá uma influência importante na forma como concebemos as nossas estruturas de conhecimento e ajudará a aumentar o nosso entendimento sobre como as nossas crenças e conhecimentos são recuperados e recompilados de memória.

Referências Bibliográficas

- Adorno, T.W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D.J., Stanford, R.N. (1950). *The authoritarian personality*. New York: Harper and Row.
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Asch, S. E. (1946). Forming impressions of personality. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41, 258-290.
- Ashmore, R.D., & DelBoca, F.K. (1981). Conceptual approaches to stereotypes and stereotyping. In D.L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior* (pp.1-35). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Ayers, M.S., & Reder, L.M. (1998). A theoretical review of the misinformation effect: Predictions from an activation-based memory model. *Psychonomic Bulletin & Review*, 5, 1-21.
- Banaji, M. R., & Greenwald, A. G. (1995). Implicit gender stereotyping in judgments of fame. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68, 181-198.
- Bargh, J.A. (1994). The four horsemen of automaticity: Awareness, intention, efficiency, and control in social cognition. In R.S. Wyer, Jr., & T.K. Srull (Eds.), *Handbook of social cognition* (2nd ed., Vol. 1: Basic processes, pp.1-40). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bargh, J.A. ; Chartrand, T.L. (2000). The mind in the middle: A practical guide to priming and automaticity research. In Reis, H.T., & Judd, C.M. (Eds.), *Handbook of research methods in social and personality psychology* (pp. 253-285). Cambridge University Press.
- Bargh, J.A., Chen, M., & Burrows, L. (1996). Automaticity of social behavior: Direct effects of trait construct and stereotype activation on action. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 230-244.

- Barsalou, L. W. (1982). Context-independent and context-dependent information in concepts. *Memory and Cognition*, 10, 82-93.
- Barsalou, L. W. (1987). The Instability of graded structure: Implications for the nature of concepts. In U. Neisser (Ed.), *Concepts reconsidered: The ecological and intellectual bases of categories* (pp. 101-140). New York: Cambridge University Press.
- Barsalou, L.W. (1989). Intra-concept similarity and its implications for inter-concept similarity. In S. Vosniadou e A. Ortony (Eds.), *Similarity and analogical reasoning* (pp.76-116). New York: Cambridge University Press.
- Barsalou, L.W. (1993). Flexibility, structure, and linguistic vagary in concepts: Manifestations of a compositional system of perceptual symbols. In A.C. Collins, S.E. Gathercole, & M.A. Conway (Eds.), *Theories of memory* (pp. 29-101). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Barsalou, L.W., Huttenlocher, J., & Lamberts, K. (1998). Basing categorization on individuals and events. *Cognitive Psychology*, 36, 203-272.
- Barsalou, L. W., & Medin, D. L. (1986). Concepts: Static definitions or context-dependent representations? *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 6, 187-202.
- Barsalou, L. W., & Sewell, D. R. (1984). Constructing representations of categories from different points of view. *Emory Cognition Technical Report #2* (pp. 1-66), Emory University, Atlanta, GA.
- Barsalou, L.W., Sewell, D.R., & Ballato, S.M. (1986). The Instability of Category Representations: O. As Measured by Graded Structure. Manuscrito não publicado.
- Barsalou, L.W., Spindler, J.L., Sewell, D.R., Ballato, S.M., & Gendel, E.M. (1987). The Instability of Category Representations: II. As Measured by Property Generation. Manuscrito não publicado.

- Bellezza, F.S. (1984a). Reliability of retrieval from semantic memory: Common categories. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 22 (4), 324-326.
- Bellezza, F.S. (1984b). Reliability of retrieval from semantic memory: Information about people. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 22, 511-513.
- Bellezza, F.S. (1984c). Reliability of retrieval from semantic memory: Noun meanings. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 22 (5), 377-380.
- Berninger, V., & De Soto, C. (1985). Cognitive representation of personal stereotypes. *European Journal of Social Psychology*, 15, 189-211.
- Billig, M. (1985). Prejudice, categorization, and particularization: From a perceptual to a rhetorical approach. *European Journal of Social Psychology*, 15, 79-103.
- Blair, I.V. (2002). The malleability of automatic stereotypes and prejudice. *Personality and Social Psychology Review*, 6, 242-261.
- Blair, I.V., Ma, J.E., & Lenton, A.P. (2001). Imagining stereotypes away: the moderation of implicit stereotypes through mental imagery. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 828-841.
- Bodenhausen, G.V., Schwarz, N., Bless, H., & Wanke, M. (1995). Effects of atypical exemplars in racial beliefs: Enlightened racism or generalized appraisals? *Journal of Experimental Social Psychology*, 31, 48-63.
- Bodenhausen, G., & Wyer, R. S., Jr. (1985). Effects of stereotypes on decision making and information processing strategies. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 267-282.
- Brigham, J. C., (1971). Ethnic Stereotypes. *Psychological Bulletin*, 76 (1), 15-38.
- Brauer, Chatard-Pannetier, Niedenthal & Chambres (2003) The Malleability of Categories: Influence of current goals on graded category structure and perceived typicality. Manuscrito não publicado.

- Brewer, M. B. (1988). A dual process model of impression formation. In R. Wyer & T. Srull (Eds.), *Advances in social cognition* (Vol.1, pp. 1-36). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Castelli, L., Macrae, C.N., Zogmaister, C., & Arcuri, L. (2004). A tale of two primes: Contextual limits on stereotype activation. *Social Cognition*, 22(2), 233-247.
- Centers, R. (1951). An effective classroom demonstration of stereotypes. *Journal of Social Psychology*, 34, 41-46.
- Coats, S., & Smith, E.R. (1999). Perceptions of gender subtypes: sensitivity to recent exemplar activation and in-group/out-group differences. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25 (4), 515-526.
- Cohen, C. (1981). Person categories and social perception: Testing some boundaries of processing effects of prior knowledge. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40, 441-452.
- Crocker, J., Fiske, S.T., & Taylor, S.E. (1984). Schematic bases of belief change. In R.Eiser (Ed.), *Attitudinal judgment* (pp.197-226). NY: Springer.
- Darley, J. M., & Gross, P. H. (1983). A hypothesis-confirming bias in labeling effects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 20-33.
- Devine, P. G. (1989). Stereotypes and prejudice: Their automatic and controlled components. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 5-18.
- Devine, P. G., & Elliot, A. J. (1995). Are racial stereotypes *really* fading? The Princeton trilogy revisited. *Personality and Social Psychological Bulletin*, 21, 1139–1150.
- Dijksterhuis, A., & Van Knippenberg, A. (1996). The knife that cuts both ways: Facilitated and inhibited access to traits as a result of stereotype activation. *Journal of Experimental Social Psychology*, 32, 271-288.
- Dosher, B. A., & Rosedale, G. (1989). Integrated retrieval cues as a mechanism for priming in retrieval from memory. *Journal of Experimental Psychology: General*, 118, 191-211.

- Dovidio, J.F., Evans, N., & Tyler, R.B. (1986). Racial stereotypes: The contents of their cognitive representations. *Journal of Experimental Social Psychology*, 22, 22-37.
- Duncan, B. L., (1976). Differential social perception and attribution of intergroup violence: Testing the lower limits of stereotyping of blacks. *Journal of Personality and Social Psychology*, 34, 590-598.
- Farah, M. J., & McClelland, J. L. (1991). A computational model of semantic memory impairment: modality specificity and emergent category specificity. *Journal of Experimental Psychology: General*, 120 (4), 339– 357.
- Fazio, R. H., Jackson, J. R., Dunton, B.C., & Williams, C.J. (1995). Variability in automatic activation as an unobtrusive measure of racial attitudes: A bona fide pipeline? *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 1013-1027.
- Fiske, S.T. (1980). Attention and weight in person perception: The impact of negative and extreme behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 889-906.
- Fiske, S. T. (1998). Stereotyping, Prejudice, and Discrimination. In D.T. Gilbert, S.T. Fiske, & G. Lindzey (Eds), *The Handbook of Social Psychology* (Vol. 2, pp.357-411), 4th edn. New York: McGraw-Hill.
- Fiske, S. T. (2000). Stereotyping, prejudice, and discrimination at the steam between the centuries: Evolution, culture, mind, and brain. *European Journal of Social Psychology*, 30, 299-322.
- Fiske, S.T., & Taylor, S.E. (1984). *Social cognition*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Garcia-Marques, L. (2010). Os infortúnios da crença. In *Simpósio Nacional Investigação em Psicologia, VII*. Braga. Escola de Psicologia da Universidade do Minho.
- Garcia-Marques, T., & Garcia-Marques, L. (2003). Mal Pensa Quem Não Repensa: Introdução ao Estudo dos Estereótipos Sociais Numa Perspectiva Cognitiva. In T. Garcia-Marques, & L.

- Garcia-Marques (Eds). *Os Estereótipos e sua Influência no Processamento de Informação*. (pp. 11-26). Lisboa: ISPA.
- Garcia-Marques, L., & Mackie, D. M. (1999). The impact of stereotype-incongruent information on perceived group variability and stereotype change. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 979-990.
- Garcia-Marques, L., & Mackie, D. M. (2001). Not all stereotype-incongruent information is created equal: The impact of sample variability on stereotype change. *Group Processes & Intergroup Relations*, 4, 5-20.
- Garcia-Marques, L., Santos, A.S., & Mackie, D.M. (2006). Stereotypes: Static definitions or dynamic knowledge structures? *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(5), 814-831.
- Gilbert, G.M. (1951). Stereotype persistence and change among college students. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 46, 245-254.
- Gilbert, D. T., & Hixon, J. G. (1991). The trouble of thinking: Activation and application of stereotypic beliefs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 509-517.
- Gillund, G., & Shiffrin, R.M. (1984). A retrieval model for both recognition and recall. *Psychological Review*, 91, 1-67.
- Hamilton, D. L. (1979). A cognitive-attributional analysis of stereotyping. *Advances in Experimental Social Psychology*, 12, 53-84.
- Hamilton, D. L., & Rose, T. L. (1980). Illusory correlation and the maintenance of stereotypic beliefs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39, 832-845.
- Hamilton, D. L., & Sherman, J. W. (1994). Stereotypes. In R. S. Wyer, Jr & T. K. Srull (Eds.), *Handbook of Social Cognition*, 2nd ed. (pp. 1-68). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Hamilton, D.L., & Trolier, T.K. (1986). Stereotypes and stereotyping: An overview of the cognitive approach. In J. Dovidio, & S.L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism* (pp. 127-163). New York : Academic Press.
- Hewstone, M. (1994). Revision and change of stereotypic beliefs: in search of the elusive subtyping model. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European Review of Social Psychology* (Vol. 5). New York: John Wiley and Sons.
- Hintzman, D.L. (1986). "Schema abstraction" in a multiple-trace memory model. *Psychological Review*, 93 (4), 411-428.
- Jacoby, L. L., Woloshyn, V., & Kelley, C. M. (1989). Becoming famous without being recognized: Unconscious influences of memory produced by dividing attention. *Journal of Experimental Psychology: General*, 118, 115-125.
- Johnson, M. K. (2006). Memory and reality. *American Psychologist*, 61, 760-771.
- Johnson, M. K. Hashtroudi, S., & Lindsay, D. S. (1993). Source monitoring. *Psychological Bulletin*, 114, 3-28.
- Johnston, L. C., & Macrae, C. N. (1994). Changing social stereotypes: The case of the information seeker. *European Journal of Social Psychology*, 24, 581-592.
- Kahneman, D., & Miller, D.T. (1986). Norm theory : Comparing reality to its alternatives. *Psychological Review*, 93, 136-153.
- Kamas, E. & Reder, L. M. (1994). The role of familiarity in cognitive processing. In: E. O'Brien, & R. Lorch (Eds.), *Sources of coherence in reading: A festschrift in honor of Jerome L. Myers*, (pp. 177-202). New Jersey: L. Erlbaum
- Karlins, M., Coffman, T.L., & Walter, G. (1969). On the fading of social stereotypes: Studies in three generations of college students. *Journal of Personality and Social Psychology*, 13, 1-16.

- Katz, D., & Braly, K.W. (1933). Racial stereotypes of 100 college students. *Journal of Abnormal Social Psychology*, 28, 280-290.
- Katz, D., & Braly, K.W. (1935). Racial prejudice and racial stereotypes. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 30 (2), 175-193.
- Kunda, Z. (2003). *Social cognition: Making sense of people*. Cambridge, MA:MIT Press.
- Lippman, W. (1922). *Public Opinion*. New York: Harcourt Brace.
- Livingston, R.W., & Brewer, M.B. (2002). What are we really priming? Cue-based versus category-based processing of facial stimuli. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 5-18.
- Macmillan, N. A., & Creelman, C. D. (2005). *Detection Theory: A User's Guide (2nd ed.)*. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates.
- Macrae, C.N., Bodenhausen, G.V., & Milne, A.B. (1995). The dissection of selection in person perception: Inhibitory processes in social stereotyping. *Journal of Personality and Social Psychology*, 69, 397-407.
- Macrae, C.N., Bodenhausen, G.V., Milne, A.B., Thorn, T.M., & Castelli, L. (1997). On the activation of social stereotypes: The moderating role of processing objectives. *Journal of Experimental Social Psychology*, 67, 808-817.
- Macrae, C. N., Hewstone, M., & Griffiths, R. G. (1993). Processing load and memory for stereotype-based information. *European Journal of Social Psychology*, 23, 77-87.
- Macrae, C. N., Milne, A. B., & Bodenhausen, G. V. (1994). Stereotypes as energy-saving devices: A peek inside the cognitive toolbox. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 37-47.
- Macrae, C.N., Mitchell, J.P., & Pendry, L.F. (2002). What's in a forename? Cue familiarity and stereotypical thinking. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38, 186-193.

- Macrae, C. N., & Stangor, C., & Milne, A. B. (1994). Activating social stereotypes: A functional analysis. *Journal of Experimental Social Psychology, 30*, 370-389.
- Marques, J. F. (2002). Names, concepts, features and the living/nonliving thing dissociation. *Cognition, 85*, 251-275.
- McArthur, L.Z. (1982). Judging a book by its cover: a cognitive analysis of the relationship between physical appearance and stereotyping. In A.H. Hastorf, & A.M. Isen, *Cognitive social psychology* (pp.149-212). NJ: Elsevier Science Publishers.
- McCausley, C., Stitt, C. L. , & Segal, M. (1980). Stereotyping: From prejudice to prediction. *Psychological Bulletin, 87*, 197-208.
- McClelland, J. L., Rumelhart, D. E., and the PDP research group. (1986). *Parallel distributed processing: Explorations in the microstructure of cognition*. Vol. II. Cambridge, MA: MIT Press.
- McCloskey, M.E., & Glucksberg, S. (1978). Natural categories: Well defined or fuzzy sets? *Memory and Cognition, 6* (4), 462-472
- McKoon, G., & Ratcliff, R. (1992). Spreading activation versus compound accounts of priming mediated priming revisited. *Journal of Experimental Psychology: Learning, memory, and cognition, 18*, 1155-1172.
- Medin, D. L. & Ortony, A. (1989). Psychological essentialism. In S. Vosniadou & A. Ortony (Eds.), *Similarity and analogical reasoning*. New York: Cambridge University Press.
- Murdock, B.B. (1982). A theory for the storage and retrieval of item and associative information. *Psychological Review, 89*, 609-626.
- Nisbett, R. E., & Wilson, T. D. (1977). The halo effect: Evidence for unconscious alteration of judgments. *Journal of Personality and Social Psychology, 35*, 250-256.

- Nosofsky, R.M., & Palmeri, T.J. (1997). An exemplar-based random walk model of speeded classification. *Psychological Review*, *104*, 266-300.
- Oakes, P. J., Haslam, S. A., & Turner, J. C. (1994). *Stereotyping and social reality*. Oxford, UK & Cambridge, MA: Blackwell.
- Park, B., Judd, C. M., & Ryan, C. S. (1991). Social categorization and the representation of group variability. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European review of social psychology* (Vol. 1, pp. 211-245). Chichester, England: Wiley.
- Payne, B. K., Lambert, A. J., & Jacoby, L. L. (2002). Best laid plans: Effects of goals on accessibility bias and cognitive control in race-based misperceptions of weapons. *Journal of Experimental Social Psychology*, *38*, 384-396.
- Ratcliff, R., & McKoon, G. (1988). A retrieval theory of priming in memory. *Psychological Review*, *95*, 385-408.
- Reder, L.M., & Schunn, C.D. (1996). Metacognition does not imply awareness: Strategy choice is governed by implicit learning and memory. In L.M. Reder (Ed.), *Implicit Memory and Metacognition* (pp. 45-77). Mahwah, N.J.: L. Erlbaum.
- Rosenfield, D., Greenberg, J., Folger, R., & Borys, R. (1982). Effect of an encounter with a black panhandler on a subsequent helping for Blacks: Tokenism or confirming a negative stereotype? *Personality and Social Psychology Bulletin*, *8*, 664-671.
- Rosenberg, S., Nelson, C. & Vivekananthan, P. (1968). A multidimensional approach to the structure of personality impressions. *Journal of Personality and Social Psychology*, *9*, 283-294.
- Roth, E.M., & Shoben, E.J. (1983). The effects of context on the structure of categories. *Cognitive Psychology*, *15*, 346-378.
- Rothbart, M., Evans, M., & Fulero, S. (1979). Recall for confirming events: Memory processes and the maintenance of social stereotypes. *Journal of Experimental Social Psychology*, *15*, 343-355.

- Rothbart, M., & John, O. P. (1985). Social categorization and behavior episodes: A cognitive analysis of the effects of intergroup contact. *Journal of Social Issues, 41*, 81–104.
- Rothbart, M., & John, O.P. (1993). Intergroup relations and stereotype change: A social-cognitive analysis and some longitudinal findings. In P.M. Sniderman, P.E. Tetlock & G. Carmines (Eds.), *Prejudice, politics and the American dilemma* (pp.32-59). Stanford, CA: Stanford University Press.
- Rumelhart, D. E., McClelland, J. L., and the PDP research group. (1986). *Parallel distributed processing: Explorations in the microstructure of cognition*. Vol. I. Cambridge, MA: MIT Press.
- Sagar, H. A., & Schofield, J. W. (1980). Racial and behavioral cues in black and white children's perception of ambiguously aggressive acts. *Journal of Personality and Social Psychology, 39*, 590-598.
- Santos, A. S. C. (2001). A instabilidade dos estereótipos: Experiências em cognição social com uma metodologia de teste-reteste longitudinal. *Tese de Mestrado não publicada*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Santos, A. S. C. (2007) A Relatividade dos Estereótipos: Sensibilidade ao contexto e mecanismos explicativos. *Tese de Doutoramento não publicada*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Santos, A. S. C. (2010) Processos cognitivos subjacentes à sensibilidade ao contexto dos estereótipos. In. *Simpósio Nacional Investigação em Psicologia, VII*. Braga. Escola de Psicologia da Universidade do Minho.
- Santos, A. S. C., Garcia-Marques, L., Mackie, D. M., Ferreira, M. B., & Moreira, S. (submetido). Implicit Open-Mindedness: Evidence for and limits on stereotype malleability.

- Schwarz, N. & Bless, H. (1992a). Constructing reality and its alternatives: An inclusion/exclusion model of assimilation and contrast effects in social judgements. In L. L. Martin & A. Tesser (Eds.). *The construction of social judgments* (pp. 107-132). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Schwarz, N., & Bless, H. (1992b). Scandals and the public's trust in politicians: Assimilation and contrast effects. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 18, 574-579.
- Sia, T.L., Lord, C.G., Blessum, K.A., Thomas, J.C., & Lepper, M.R. (1999). Activation of exemplars in the process of assessing social category attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(4), 517-532.
- Sinclair, L., & Kunda, Z. (1999). Reactions to a black professional: Motivated inhibition and activation of conflicting stereotypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 885-904.
- Smith, E.R. (1989). Procedural efficiency: General and specific components and effects on social judgment. *Journal of Experimental Social Psychology*, 25, 500-523.
- Smith, E. R. (1992). The Role of Exemplars in Social Judgment. In L. L. Martin & A. Tesser (Eds.). *The construction of social judgments* (pp. 107-132). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Smith, E.R., & Zárate, M.A. (1990). Exemplar and prototype use in social categorization. *Social Cognition*, 8, 243-262.
- Smith, E. R., & Zárate, M. A. (1992). Exemplar-based model of social judgment. *Psychological Review*, 99, 3-21.
- Snyder, M. (1981). On the self-perpetuating nature of social stereotypes. In D.L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior* (pp.183-212). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Snyder, M., & Uranowitz, S. W. (1978). Reconstructing the past: Some cognitive consequences of person perception. *Journal of Personality and Social Psychology*, 36, 941-950.

- Spencer, S.J., Fein, S., Wolfe, C.T., Fong, C., & Dunn, M.(1998). Automatic activation of stereotypes: The role of self-image threat. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 24, 1139-1152.
- Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, 33, 1-39.
- Taylor, S.E. (1981). A categorization approach to stereotyping. In D.L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior* (pp.83-114). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Van Rooy, D., Van Overwalle, F., Vanhoomissen, T., Labiouse, C., & French, R. (2003). Arecurrent connectionist model of group biases. *Psychological Review*, 3, 536-563.
- Yeh, W., & Barsalou, L. W. (1996). The role of situation in concept learning. In G. W. Cottrell (Ed.), *Proceedings of the eighteenth annual conference of the cognitive science society* (pp.469-474). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Yeh, W., & Barsalou, L.W. (2006). The situated nature of concepts. *American Journal of Psychology*, 119, 349-384.
- Warrington, E. K., & Shallice, T. (1984). Category-specific impairment. *Brain*, 107, 829–853.
- Weber, R., & Crocker, J. (1983). Cognitive processes in the revision of stereotypic beliefs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 961-977.
- Wilder, D., & Cooper, W. (1981). Categorization into groups: consequences for social perception and attribution. In J. Harvey, W. Ickes, & R. Kidd (Eds.), *New directions in attribution research* (Vol. 3). Hillsdale, New Jersey: Erlbaum.
- Wilson, T. D., & Brekke, N. C. (1994). Mental contamination and mental correction: Unwanted influences on judgments and evaluations. *Psychological Bulletin*, 116, 117-142.
- Wilson, T. D., & Hodges, S. D. (1992). Attitudes as temporary constructions. In L. L. Martin & A. Tesser (Eds.), *The construction of social judgements* (pp. 37-65). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

- Wisniewski, E. J. (1995). Prior knowledge and functionally relevant features in concept learning. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 21, 449-468.
- Wittenbrink, W., Judd, C.M., & Park, B. (2001). Spontaneous prejudice in context: Variability in automatically activated attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 815-827.
- Zárate, M. A., & Smith, E. R. (1990). Person categorization and stereotyping. *Social Cognition*, 8, 161-185.

ANEXO I

Experiência 1 - Tarefa de Primação

Exemplo da tarefa de primação onde os participantes serão primados com um de quatro conceitos: *inteligência*, *estupidez*, *perigo* ou *segurança*

Instruções:

Estamos interessados em testar a familiaridade que certas palavras têm para as pessoas. A seguir encontra uma medida de familiaridade dos conceitos a que as palavras se referem. Para cada palavra, pedimos-lhe que **julgue a familiaridade “daquilo a que a palavra se refere”** numa escala bipolar de 7 pontos, onde o (1) corresponde ao “Nada familiar” e o (7) ao “Extremamente familiar”.

Escala de familiaridade

Computador	1 2 3 4 5 6 7
Arma	1 2 3 4 5 6 7
Maçã	1 2 3 4 5 6 7
Essência	1 2 3 4 5 6 7
Situação	1 2 3 4 5 6 7
Pardal	1 2 3 4 5 6 7
Resultado	1 2 3 4 5 6 7
Vegetal	1 2 3 4 5 6 7

Pedra 1 2 3 4 5 6 7

Origem 1 2 3 4 5 6 7

Árvore 1 2 3 4 5 6 7

Vantagem 1 2 3 4 5 6 7

Acaso 1 2 3 4 5 6 7

Flor 1 2 3 4 5 6 7

Martelo 1 2 3 4 5 6 7

Insecto 1 2 3 4 5 6 7

Exemplo 1 2 3 4 5 6 7

Boneca 1 2 3 4 5 6 7

Ideia 1 2 3 4 5 6 7

Futuro 1 2 3 4 5 6 7

Decadência 1 2 3 4 5 6 7

Agora estamos interessados no grau em que as pessoas partilham os significados das palavras. O acordo entre diferentes pessoas sobre os significados das palavras assegura uma comunicação eficaz. A seguir encontra duas palavras usadas no quotidiano. Pedimos-lhe que defina o melhor que souber cada uma das palavras seguintes.

Tomando como exemplo a palavra **Independência**, pode definir esta palavra pensando, por exemplo, no que é ser **Independente**; ou nas várias maneiras em que uma pessoa pode ser **Independente**; ou, ainda, nos vários tipos de **Independência**.

Defina, por favor, a palavra: **Inteligência**

Defina agora, por favor, a palavra: **Conservador**

ANEXO II

Anexo IIA - Lista dos 45 atributos utilizados na tarefa de verificação de atributos da experiência I.

Atributos	Categoria para a qual o atributo é típico	% de participantes que geraram este atributo para descrever o grupo-alvo durante o primeiro pré-teste.
Inteligente	Golfinhos	60
Simpático/a	Golfinhos	25
Amigável	Golfinhos	40
Engraçado/a	Golfinhos	20
Barulhento/a	Galinhas	45
Burro/a	Galinhas	45
Possui Penas	Galinhas	25
Comestível	Galinhas	35
Nocturno/a	Morcegos	65
Voador/a	Morcegos	60
Assustador/a	Morcegos	35
Perigoso/a	Crocodilos Morcegos	80 25
Possui Dentes Grandes	Crocodilos	35
Grande/a	Crocodilos Avestruz	30 45
Predador/a	Crocodilos	30
Possui uma Boca Grande	Crocodilos	20
Bonito/a	Borboleta Golfinhos	80 20
Colorido/a	Borboletas	70
Livre	Borboletas	30
Frágil	Borboletas	25
Veloz	Avestruzes	45

Alto/a	Avestruzes	30
Corredor/a	Avestruzes	30
Possui Pescoço Longo	Avestruzes	30
Hostil	Atípico	
Silencioso/a	Atípico	
Diurno/a	Atípico	
Apaziguador/a	Atípico	
Inofensivo/a	Atípico	
Pequeno/a	Atípico	
Feio/a	Atípico	
Descolorido/a	Atípico	
Resistente	Atípico	
Lento/a	Atípico	
Baixo/a	Atípico	
Preguiçoso/a	Filler	
Trabalhador/a	Filler	
Chato/a	Filler	
Agradável	Filler	
Sociável	Filler	
Timido/a	Filler	
Forte	Filler	
Fraco/a	Filler	
Meigo/a	Filler	
Indiferente	Filler	

Anexo IIB - Instruções da tarefa de verificação de atributos adaptada de Katz e Braly (1935) utilizadas nas experiências I e II.

A sociedade actual é composta por diferentes categorias, sobre as quais temos, geralmente, algum conhecimento. Facilmente, e frequentemente, somos capazes de formar impressões relativamente bem definidas acerca das categorias que nos rodeiam, sejam elas de seres vivos ou não, simplificando assim, de uma forma extraordinária, a nossa vida. Neste estudo estamos interessados em estudar a forma como as pessoas formam, de uma maneira geral, as impressões que têm acerca de algumas destas categorias, uma vez que apesar de isto ser feito frequentemente e com bastante facilidade, os processos envolvidos ainda não foram totalmente compreendidos. De uma forma mais específica, estamos interessados em estudar as impressões genéricas que temos sobre cada categoria. Não procuramos nem estamos interessados nas impressões que se aplicam a membros específicos das diferentes categorias mas sim aquelas que se aplicam a uma percentagem significativa dos membros que as compõem. De seguida serão lhe apresentados 45 traços, pedimos-lhe que escolha 5 destes atributos que considera serem, de uma forma geral, aqueles que as pessoas vêem como típicos dessa categoria. Voltamos a insistir que não estamos necessariamente interessados na sua opinião pessoal mas sim naquela que é considerada pelas pessoas em geral. Não existem respostas certas ou erradas. Estamos interessados nas suas intuições, nas ideias que surjam à primeira vista e não tanto no que parece ser o politicamente correcto julgar e afirmar.

ANEXO III

Lista final das 14 escalas de dimensões relevantes utilizadas na experiência 1.

Barulhento/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Silencioso/a
Hostil	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Amigável
Pequeno/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Grande
Assustador/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Apaziguador/a
Comestível	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Incomestível
Burro/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Inteligente
Nocturno/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Diurno/a
Feio/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Bonito/a
Lento/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Veloz
Inofensivo/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Perigoso/a
Frágil	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Resistente
Preguiçoso/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Trabalhador/a
Descolorido/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Colorido/a
Predador/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Preso

ANEXO IV

Experiência 2 - Tarefa de Primação

Exemplo da tarefa de primação onde os participantes serão primados com um de quatro conceitos: *portabilidade*, *imobilidade*, *compartimentação* ou *compacidade*

Intruções:

Estamos interessados em testar a familiaridade que certas palavras têm para as pessoas. A seguir encontra uma medida de familiaridade dos conceitos a que as palavras se referem. Para cada palavra, pedimos-lhe que **julgue a familiaridade “daquilo a que a palavra se refere”** numa escala bipolar de 7 pontos, onde o (1) corresponde ao “Nada familiar” e o (7) ao “Extremamente familiar”.

Escala de familiaridade

Computador	1 2 3 4 5 6 7
Arma	1 2 3 4 5 6 7
Maçã	1 2 3 4 5 6 7
Essência	1 2 3 4 5 6 7
Situação	1 2 3 4 5 6 7
Pardal	1 2 3 4 5 6 7
Resultado	1 2 3 4 5 6 7
Vegetal	1 2 3 4 5 6 7

Pedra 1 2 3 4 5 6 7

Origem 1 2 3 4 5 6 7

Árvore 1 2 3 4 5 6 7

Vantagem 1 2 3 4 5 6 7

Acaso 1 2 3 4 5 6 7

Flor 1 2 3 4 5 6 7

Martelo 1 2 3 4 5 6 7

Insecto 1 2 3 4 5 6 7

Exemplo 1 2 3 4 5 6 7

Boneca 1 2 3 4 5 6 7

Ideia 1 2 3 4 5 6 7

Futuro 1 2 3 4 5 6 7

Decadência 1 2 3 4 5 6 7

Agora estamos interessados no grau em que as pessoas partilham os significados das palavras. O acordo entre diferentes pessoas sobre os significados das palavras assegura uma comunicação eficaz. A seguir encontra duas palavras usadas no quotidiano. Pedimos-lhe que defina o melhor que souber cada uma das palavras seguintes.

Tomando como exemplo a palavra **Independência**, pode definir esta palavra pensando, por exemplo, no que é ser **Independente**; ou nas várias maneiras em que uma pessoa pode ser **Independente**; ou, ainda, nos vários tipos de **Independência**.

Defina, por favor, a palavra: **Portabilidade**

Defina agora, por favor, a palavra: **Conservador**

ANEXO V

Lista dos 45 atributos utilizados na tarefa de verificação de atributos da experiência II.

Atributos	Categoria para a qual o atributo é típico	% de participantes que geraram este atributo para descrever o grupo-alvo durante o primeiro pré-teste.
Serve para guardar objectos	Carteira	95
Compartimentado/a	Carteira	45
	Casa	40
Pequeno/a	Carteira	40
Feito/a de Pele	Carteira	25
	Sofá	20
Portátil	Carteira	25
	Bola	20
Fecha-se	Carteira	20
Tem telhado	Casa	50
Onde vivem pessoas	Casa	25
Acolhedor/a	Casa	20
Tem Portas	Casa	40
Pessoal	Casa	20
	Roupa	20
Confortável	Sofá	65
	Roupa	55
Serve para Descansar	Sofá	55
Grande	Sofá	25
Feito/a de Tecido	Sofá	20
	Roupa	40
Decorativo/a	Sofá	20
Usa-se quando se vê televisão	Sofá	25
Esférico/a	Bola	100
Utilizado/a em Desportos	Bola	60
Serve para Brincar/Jogar	Bola	65
Tem diferentes tamanhos	Bola	25

Leve	Bola	20
Serve para Vestir	Roupa	30
Dá Estilo	Roupa	20
Compacto/a	atípico	
Para Trabalhar	atípico	
Intransportável	atípico	
Impessoal	atípico	
Pesado/a	atípico	
Hostil	atípico	
Desconfortável	atípico	
Usa-se no exterior	atípico	
Tem um tamanho fixo	atípico	
Plano/a	atípico	
Feito/a de Madeira	Filler	
Tem Pernas	Filler	
Côncavo/a	Filler	
Colorido/a	Filler	
É um meio de transporte	Filler	
Alto/a	Filler	
Baixo/a	Filler	
Afiado/a	Filler	
Frágil	Filler	
Resistente	Filler	
Barulhento	Filler	

ANEXO VI

Lista das 14 escalas de dimensões relevantes utilizadas na experiência II.

Compacto/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Compartimentado/a
Pequeno/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Grande
Intransportável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Portátil
Hostil	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Acolhedor/a
Impessoal	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Pessoal
Desconfortável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Confortável
Para Descansar	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Para Trabalhar
Pequeno/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Grande
Funcional	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Decorativo
Plano/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Esférico/a
Leve	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Pesado/a
Tamanho Único	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Pode ter diferentes tamanhos
Não se fecha	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Fecha-se
Silencioso/a	1	2	3	4	5	6	7	8	9	Barulhento/a